

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**MARCOS CRISTOVAM LOPES DE PAULA**

**FALAS DOCENTES – A CONSTITUIÇÃO SOCIOEMOCIONAL  
EM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO**

**DISSERTAÇÃO**

**PATO BRANCO – PR**  
**2022**

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**MARCOS CRISTOVAM LOPES DE PAULA**

**FALAS DOCENTES – A CONSTITUIÇÃO SOCIOEMOCIONAL  
EM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO**

**TEACHERS’ SPEECHES - THE SOCIOEMOTIONAL CONSTITUTION  
IN COLLEGE CONTEXT**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Área de Concentração: Linguagem, Cultura e Sociedade. Linha de Pesquisa: Linguagem, Educação e Trabalho.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Márcia Andrea dos Santos.

PATO BRANCO – PR  
2022



Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É a licença mais flexível de todas as licenças disponíveis. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.



---

MARCOS CRISTOVAM LOPES DE PAULA

FALAS DOCENTES A CONSTITUIÇÃO  
SOCIOEMOCIONAL EM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Trabalho de pesquisa de  
mestrado apresentado como  
requisito para obtenção do  
título de Mestre Em Letras da  
Universidade Tecnológica  
Federal do Paraná (UTFPR).  
Área de concentração:  
Linguagem, Cultura E  
Sociedade.

Data de aprovação: 29 de setembro de 2022

Dra. Marcia Andrea Dos Santos, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do  
Paraná

Dr. Allan Andrei Steimbach, Doutorado - Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia do Paraná (Ifpr)

Dra. Maria Ieda Almeida Muniz, Doutorado - Universidade Tecnológica  
Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 29/09/2022.

## Dedicatória

A minha esposa Rosicler e meus filhos  
Raquel e Mateus – as pessoas que mais  
amo neste mundo.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me tem dado vida e saúde, além de ter me concedido o privilégio de cursar esta pós-graduação *strictu sensu* em uma universidade do nível da UTFPR;

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Márcia Andrea dos Santos, a quem devo a qualidade teórico-metodológica e analítica deste trabalho;

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Claudia Marchese Winfield, que me acolheu no PPGL e também me apoiou e encorajou a alçar outros voos, para além das atividades “intra-muros” da universidade;

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Taísa Pinetti Passoni, coordenadora do PPGL, que me acompanhou desde a entrada no PPGL e sempre tem sido extremamente atenciosa – superando todas as expectativas;

A todos os professores do PPGL, por terem dado o melhor de si e nos terem permitido esta construção acadêmica;

À minha colega de mestrado Eydie Luciana Miglioranza Stanqueviski, sempre disposta a colaborar com quem precisa do seu apoio, sem impor limites;

A todos os colegas do mestrado, pela parceria e cumplicidade;

A Wandy Kolbe, que em tão pouco tempo, prestou tão grande apoio;

Aos professores entrevistados, que prontamente se dispuseram a colaborar para viabilizar esta pesquisa.

*“... do que há em abundância no  
coração, disso fala a boca.”*

Jesus Cristo - Bíblia Sagrada - Mt 12:34-b  
(Almeida Revista e Atualizada, 2017)

## RESUMO

Este trabalho propõe o estudo da relação existente entre a objetividade e a subjetividade, em contexto universitário – em especial no ambiente de trabalho docente – mediada pela linguagem. Esta pesquisa pretende investigar o que os professores do ensino superior têm a dizer a respeito de sua gestão (ou não) de situações de tensão emocional no contexto de trabalho docente. O intuito é conhecer as representações do professor sobre o seu trabalho e saber se, mesmo inconscientemente, os docentes desenvolvem alguma estratégia para proteção de suas emoções. Considera-se a relevância deste estudo, pois trata de questões ainda pouco exploradas (referentes à educação socioemocional em contexto universitário). A base conceitual desta pesquisa são as teorias sociológicas e filosóficas relacionadas à educação, ao trabalho e à linguagem. Os principais fundamentos teóricos são os legados de Bakhtin (2016) e Vigotski (2008), em que se compreende que a língua é eminentemente social, dialógica e intimamente relacionada à subjetivação e à formação do pensamento. De cunho qualitativo, ao entrevistar professores de cursos de Licenciatura de uma universidade pública no estado do Paraná, esta pesquisa revela aspectos como: questões culturais que envolvem a docência; a relação do professor com o seu trabalho; a materialidade linguística das emoções no trabalho docente; e a gestão da emoção, por parte dos professores. Além disso, como um achado, esta dissertação identificou suportes importantes para que o docente possa superar (ou mesmo evitar) eventuais focos de tensão relacionados ao ambiente de trabalho. Os resultados desta pesquisa evidenciam que: os docentes apresentam sentimentos contraditórios em relação ao seu ambiente de trabalho; cada um utiliza alguma estratégia de gestão das emoções – ainda que empiricamente – sendo que algumas dessas estratégias coincidem, em certo sentido, com técnicas propostas por Cury (2013); e que, de maneira geral, os professores procuram trabalhar essas questões com os alunos da licenciatura, ainda que de forma limitada. Finalmente, conclui-se que a linguagem apresenta um papel fundamental nas questões que envolvem as emoções – tanto na produção de pensamentos e emoções, quanto em sua expressão/materialização, como também para a viabilização da gestão das emoções, o que seria impossível sem sua materialização linguística.

**Palavras-chave:** Trabalho docente; representações; linguagem e emoções.

## ABSTRACT

This paper proposes the study of the relationship between objectivity and subjectivity, in a university context – especially in the teaching work environment – mediated by language. This research intends to investigate what professors can say about their management (or not) of emotional tension situations in the context of teaching work. The intention is to know the professor's representations about their work and to know whether, even unconsciously, the educators develop some strategy to protect their emotions. The relevance of this study is considered, as it raises issues that have yet to be explored (regarding socioemotional education in a university context). The conceptual basis of this research is the sociological and philosophical theories related to “education”, “work” and “language”. The main theoretical foundations are the legacies of Bakhtin (2016) and Vygotsky (2008), in which we may understand that language is eminently social, dialogic, and closely related to subjectivation and thoughts building. It was driven through a qualitative feature and, by interviewing professors of teacher shaping courses at a public university in the state of Paraná (Brazil), this research reveals the following aspects: cultural issues involving teaching; the professor's relationship with their work; the linguistic materiality of emotions in teaching work; and the management of emotions by professors. In addition, as a finding, this dissertation identified essential supports for the professors to overcome (or even avoid) possible sources of tension related to the work environment. The results of this research show that: the professors have contradictory feelings concerning their work environment; each one of them uses some emotion management strategy – albeit empirically – and some of these strategies coincide, in a sense, with techniques proposed by Cury (2013); and that the professors, in general, try to work on these issues with undergraduate students of teacher-shaping courses, though in a limited way. Finally, we conclude that language plays a fundamental role in issues involving emotions – both in the production of thoughts and emotions, as well as in their expression/materialization, as well as in enabling the management of emotions, which would be impossible without its linguistic materialization.

**Keywords:** Teaching work; representation; language and emotions.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. O contexto da pesquisa .....</b>	<b>11</b>
1.1. Antecedentes da pesquisa .....	11
1.2. Problemática .....	12
1.3. Pergunta de pesquisa, objetivos e justificativa .....	14
1.4. Metodologia .....	15
<b>2. Referencial teórico .....</b>	<b>20</b>
2.1. A lógica dialética .....	20
2.2. A subjetividade e a objetividade – o sujeito e o objeto .....	23
2.3. A formação social da mente – linguagem, pensamento e consciência ....	27
2.4. O conceito de linguagem utilizado neste trabalho .....	33
2.5. A relação entre linguagem, cultura e sociedade .....	39
2.5.1. Representações .....	40
2.6. A Inteligência Socioemocional (ISE) – uma introdução .....	45
2.7. A Gestão da Emoção .....	50
2.8. ISE e a Educação .....	57
2.9. O adoecimento (emocional) de professores .....	60
<b>3. A Pesquisa de campo .....</b>	<b>66</b>
3.1. Considerações iniciais .....	66
3.2. Categorias de análise.....	67
3.2.1. Aspectos culturais que envolvem a docência .....	68
3.2.2. A relação do professor com o seu trabalho .....	72
3.2.3. A materialidade linguística das emoções no trabalho docente .....	77
3.2.4. Os professores e a gestão da emoção .....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>100</b>
<b>ANEXO – Normas para transcrição de entrevistas gravadas.....</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>106</b>
APÊNDICE I – Projeto enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa .....	106
APÊNDICE II – Transcrição das entrevistas .....	120

## INTRODUÇÃO

Este trabalho está inserido no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – Câmpus Pato Branco. O referido programa tem como área de concentração **Linguagem, Cultura e Sociedade** e linha de pesquisa **Linguagem, Educação e Trabalho**. Buscamos, aqui, correlacionar os conceitos apreendidos no decorrer das disciplinas do mestrado com a prática da Pesquisa Social.

A apresentação deste trabalho está dividida em três capítulos: iniciamos pela contextualização da pesquisa e procedimentos metodológicos (capítulo 1); apresentando, em seguida, os conceitos teóricos utilizados nesta dissertação (capítulo 2), a saber: a lógica dialética, em um breve apanhado entre vários autores; a realidade objetiva e a realidade subjetiva, com base em Berger e Luckmann (2004); a formação social da mente, fundamentada em Vigotski (2007); o conceito de língua adotado neste trabalho, a partir de diversos autores, especialmente com base em Bakhtin (2016). Apresentamos, também, uma correlação entre Linguagem, Cultura e Sociedade, ao discutir o conceito de representações e a relação entre linguagem, cultura e subjetividade. Introduzimos o tema da Inteligência Socioemocional, conforme proposto por Cury (2013) e a correlação da Inteligência Socioemocional com a Educação, com o apoio de Hengemühle (2018). Apresentamos também a questão do adoecimento de professores, a partir de Vieira Jr. e Santos (2011), bem como Lima (2021), com foco no aspecto socioemocional – a fim de correlacionar as atitudes positivas mencionadas pelos referidos autores com a ferramenta de “gestão da emoção” proposta por Cury (2013).

A pesquisa de campo e os dados categorizados são apresentados no capítulo 3, seguidos das primeiras análises das representações, materializadas nas falas docentes. Por fim, apresentamos algumas considerações gerais, nas quais discutimos, de forma avaliativa, os resultados da pesquisa; além de apontarmos questões para futuros estudos, enfatizando a relação entre linguagem, sociedade e a formação da mente – em outras palavras: a relação da mente e das emoções com o trabalho docente, mediada eminentemente pela linguagem.

## Capítulo 1 – O contexto da pesquisa

### 1.1. Antecedentes da pesquisa

Minha formação acadêmica inicial<sup>1</sup> não é na área de Letras – sempre fui um amante da saúde e da área social. Cursei uma graduação em cada uma dessas áreas e, em seguida, uma pós-graduação no campo psicossocial. Contudo, a linguagem também sempre me atraiu: desde o início do ensino médio, comecei a colecionar ideias para uma prática diferenciada de ensino de língua estrangeira. No Colégio Estadual do Paraná, em Curitiba, tive uma experiência com o ensino de Língua Inglesa (LI) que me despertou bastante interesse: a turma era menor (pois os estudantes eram divididos em dois grupos), havia frequente uso de recursos audiovisuais e as aulas seguiam a sequência “ver, ouvir e repetir”, ao invés de leitura e tradução, por exemplo.

Então, fui me aprofundando no estudo desse idioma – mais de forma autodidática do que escolar, porque a experiência mencionada acima durou muito pouco e, no mais das vezes, o ensino de línguas seguia o tradicional método da tradução e gramática. Anos mais tarde, comecei a ministrar aulas particulares de LI, aplicando algumas ideias que vinha colecionando desde a adolescência.

Uma vez que já possuía uma licenciatura, foi-me possível cursar uma especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira, em que conheci alguns fundamentos teóricos para a prática que eu já adotava, em uma abordagem comunicativa. Em seguida, fui convidado a ministrar aulas de LI para crianças em um projeto bilíngue, em Curitiba e Região Metropolitana. Aceitei o desafio, no qual as aulas eram (e ainda são) ministradas 100% em inglês – ou o mais próximo possível disso, em uma espécie de “imersão” no idioma.

---

<sup>1</sup> Formação do autor:

Graduação em *Enfermagem* pela UFPR (com Licenciatura) e em *Serviço Social* pela FCHSC; Especialização em *Terapia de Família* e em *Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira*; Atualmente: escritor; tradutor no par linguístico inglês/português; professor de LI no ensino bilíngue; orientador educacional (tutor) no ensino superior.

Sentindo a necessidade de me aprofundar mais na área, ingressei neste programa de mestrado, aberto a alunos graduados em outras áreas, inicialmente com a proposta de pesquisar “a importância do ensino bilíngue, na visão dos professores de LI em formação”. Porém, no decorrer das disciplinas, comecei a conhecer mais o conceito de “língua como prática social” e a relação que há entre a linguagem, a cultura, a sociedade e a formação da mente, entre outros fatores. Foi então que percebi que poderia conciliar toda minha eclética bagagem acadêmica com a Linguística. Assim, um redirecionamento no projeto de pesquisa se fez necessário, pois também notei que poderia contribuir mais com o programa do mestrado e, por extensão, com a academia, ao trilhar por este caminho mais social de estudo das relações da língua e das emoções.

Paralelamente, um pouco antes disso, comecei a traduzir livros para a LI – inicialmente, obras do Dr. Augusto Cury, incluindo o livro *Inteligência Socioemocional* (2019). De acordo com Hengemühle (2018), embora Cury seja médico psiquiatra, seu maior legado está na área da educação. Em sua tese de doutorado “*Freemind*”, Cury (2013) aborda a formação de pensadores, ao estudar as ferramentas intelectuais e emocionais utilizadas por grandes personagens da história, aplicando-as à luz da Psicologia, Filosofia, Sociologia e Pedagogia.

Assim, nesta relação, entre as atividades no Serviço Social, na docência, na área de saúde, nas traduções – especialmente das obras ligadas à área das Ciências Humanas – e, agora, no mestrado em Letras, foi-se despertando, cada vez mais, o interesse em melhor compreender a interação que existe entre linguagem, sociedade, educação, trabalho e saúde – no caso, a saúde docente, em especial os aspectos emocionais, expressos por meio da linguagem, no contexto de trabalho do professor.

## **1.2. Problemática**

É notório que o contexto educacional impõe ao trabalho docente uma situação cada vez mais desafiadora – em especial se considerarmos seu conteúdo socioemocional. Os professores, de maneira geral, são expostos a todo tipo de fator estressante em sua atividade profissional; assim, diversas demandas e pressões do meio interagem com o sistema emocional, tanto de professores quanto de alunos. Além disso, segundo Cury (2013), o sistema educacional vigente nos ensina a explorar o mundo externo,

interplanetário, mas não a administrar nossas emoções, especialmente no relacionamento com o “outro” e com o contexto de trabalho, frequentemente opressor.

Hengemühle (2018) reforça a preocupação de Cury (2013) a respeito do limitado conhecimento da sociedade contemporânea acerca da mente humana – apontando este fato, em especial, como uma fragilidade da docência. Segundo ele, Cury (op.cit.) identificou uma série de transtornos, notavelmente presentes nas últimas décadas, de origem eminentemente social. Esses distúrbios afetam diretamente a vida de professores e de alunos; sendo que quanto maior a crise na educação, mais espaço se abre para a psiquiatria; isto é, mais se agravam os transtornos socioemocionais.

Vieira Jr. e Santos (2011), por sua vez, descrevem a problemática que envolve o adoecimento de professores, devido a fatores associados a riscos laborais – inclusive no aspecto socioemocional, que ressaltamos aqui. Segundo os autores, a sala de aula pode se tornar uma fonte de adoecimento para o professor, por inúmeras razões, as quais detalhamos adiante. O adoecimento de professores se manifesta de diversas maneiras, inclusive em forma de transtornos emocionais, como: irritabilidade, angústia, desânimo, estresse, labilidade de humor, depressão e ansiedade. Essa problemática se reflete em absenteísmo e, por vezes, até o definitivo abandono da atividade profissional.

De acordo com Lima (2021), o professor exerce sua atividade em um campo de múltiplos conflitos, o que complica sobremaneira seu exercício profissional. Os obstáculos encontrados no trabalho docente são inúmeros e, muitas vezes, imprevisíveis; sendo que muitos desses obstáculos não são sequer percebidos pelo professor. Ainda, quando os percebe, muitas vezes o docente acredita que são intransponíveis. Então, frequentemente, o professor nem tenta reagir a eles – o que constitui a essência do princípio do adoecimento do profissional da Educação, segundo o autor.

Vieira Jr. e Santos (2011) relatam que alguns professores desenvolvem estratégias para se adaptar às condições do ambiente de trabalho e superar – ou, pelo menos, contornar – os desafios, resolver situações cotidianas em sala de aula e lidar com o imprevisto. É possível que determinadas estratégias, adotadas empiricamente pelos docentes, coincidam, pelo menos em parte, com algumas ferramentas propostas por Cury (2013, 2019) – o que nos pareceu uma questão importante a ser pesquisada.

### **1.3. Pergunta de pesquisa, objetivos e justificativa**

Em vista da problemática encontrada, isto é, diante de inúmeros quadros de adoecimento de docentes, de origem eminentemente social (ou socioemocional), uma questão nos chamou maior atenção: interessou-nos conhecer as representações dos docentes sobre o seu trabalho e saber se, mesmo inconscientemente, o professor desenvolve alguma estratégia para proteção de suas emoções, em relação aos desafios do campo de trabalho.

Assim, voltamo-nos aos sujeitos da pesquisa: passamos, então, a investigar a realidade do ambiente laboral dos professores universitários, especificamente dos professores dos cursos de licenciatura – aqueles que estão formando outros docentes. Dessa forma, a pergunta de pesquisa ficou assim definida: o que os professores de cursos de Licenciatura têm a dizer a respeito da gestão (ou não) de situações de tensão emocional em seu ambiente de trabalho?

Temos, portanto, como objetivo geral: conhecer as representações dos docentes sobre o seu trabalho e saber se, mesmo inconscientemente, o professor desenvolve alguma estratégia para proteção de suas emoções, em relação aos desafios do campo de trabalho. Assim, entre as especificidades desta pesquisa, está: compreender os aspectos socioemocionais, expressos pela materialização linguística do professor, que fazem parte do seu trabalho docente, correlacionando-os a alguns conceitos das teorias da linguagem.

Esta pesquisa apresenta, em consonância com os objetivos do PPGL, a proposta de estudar a linguagem, a partir de uma perspectiva enunciativo-discursiva e sócio-histórico-cultural, com o fito de elucidar relações entre linguagem, subjetividade e a intervenção humana no contexto educacional, cultural e laboral. Em outras palavras, isso compreende, neste trabalho: estudar a relação existente entre a objetividade e a subjetividade no contexto educacional – em especial, no ambiente de trabalho docente – mediada pela linguagem.

Entendemos que este tema é relevante, em especial para o cotidiano dos professores, considerados promotores de formação para a cidadania; pois, de acordo com Moita Lopes (2002), são estes que desempenham um papel fundamental na construção e/ou reconstrução identitária de seus alunos. Segundo Gil (2008, p. 35), “ao se falar da relevância prática do problema de pesquisa, cabe considerá-la também do ponto de vista social”. Desse modo, entendemos que a relevância social desta pesquisa é evidente, pois

levanta questões ainda pouco exploradas (referentes à educação socioemocional), em contraste com a sua importância para a vida em sociedade.

Este trabalho também poderá contribuir para a reflexão dos sujeitos envolvidos na atividade investigada – neste caso, a questão não é “resolver” um problema imediato, mas possibilitar aos professores a reflexão a respeito dos problemas que enfrentam, evidenciando às partes interessadas a natureza e o grau de complexidade das questões abordadas. Além disso, a pesquisa proporcionará conhecimento não apenas para o grupo de entrevistados, mas também para outros estudos relacionados às ciências humanas – especialmente na educação e na área psicossocial.

Com isso, pretendemos contribuir para demonstrar a importância da linguagem, para além de seus aspectos estruturais – isto é, tanto para a vida social, quanto emocional; bem como trazer o tema da Inteligência Socioemocional para o meio acadêmico e, possivelmente, contribuir para que este tema se torne, posteriormente, objeto de interesse de outros pesquisadores. Finalmente, esta pesquisa propiciará que outros profissionais da educação conheçam o conceito de ISE e possam refletir sobre possíveis condições de melhoria em seu ambiente de trabalho, uma vez que abordará questões do trabalho docente e suas representações por meio da linguagem.

#### **1.4. Metodologia**

Segundo Novikoff (2016, p.22), o caminho do pensamento do pesquisador gira em torno de um eixo; isto é, ele investiga algo – seja um fenômeno, um sujeito, ou um objeto – e caminha, ao longo desse eixo, em cinco dimensões distintas, quais sejam: “epistemológica, teórica, técnica, morfológica e analítico-conclusiva”. Essas dimensões, denominadas pela autora (op.cit, p.32) de “Dimensões de Pesquisa Acadêmico-Científica”, não são lineares ou estáticas, mas dialogam entre si. De acordo com as dimensões de Novikoff, esta pesquisa é acadêmica, por se tratar da investigação no âmbito da universidade, e é científica por estabelecer os fundamentos teórico-metodológicos pertinentes à ciência. Diz ainda a autora que, entre outros requisitos, cada dimensão há que seguir uma orientação espaço-temporal não linear, tendo a **linguagem** como um processo revelador de sentidos; ser interdisciplinar e possibilitar a criação, no sentido original do termo – ou seja: criação e não reprodução, ou simplesmente confirmação

teórica do que está estabelecido. Há, portanto, que se rever a interpretação das redes de significados instituídos.

Assim, uma vez definido o problema, é necessário demonstrar o caminho percorrido ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Embora haja considerável disponibilidade de literatura abordando a relação da sociedade com a construção do “Eu” (com destaque para a sociologia do conhecimento e a psicologia social), passando especialmente pela intermediação da linguagem, deparamo-nos com um volume bastante reduzido de literatura a respeito da Inteligência Socioemocional (ISE) – aliás, um conceito extremamente recente<sup>2</sup>. Além disso, não encontramos estudo que correlacione o conceito da ISE com a linguagem, ou mesmo com a formação social da mente; tampouco métodos de coleta, transcrição e/ou análise, específicos para este campo do conhecimento.

Considerando, como afirma Santos (2010, p. 65), que toda língua é “capaz, não somente, de descrever o mundo real e o mundo subjetivo, mas, também, de materializar esse mundo”, percebeu-se que poderíamos, por meio da materialização linguística da subjetividade dos professores, obter dados que nos permitissem conhecer melhor esta realidade. Assim, para poder responder à nossa questão de investigação e analisar adequadamente os dados coletados, seguimos algumas orientações gerais e tomamos alguns cuidados metodológicos, a saber: foi feita uma leitura contextual prévia, a partir das teorias das disciplinas vistas no decorrer do curso de mestrado. Buscamos também pesquisas que correlacionassem aspectos sociais (especialmente a linguagem como prática social) com as emoções e a formação do “Eu”. Dessa maneira, tendo essa base conceitual estabelecida, apresentamos o referencial teórico que norteia a presente dissertação.

Inicialmente, buscamos o fundamento do construto da temática geral desta pesquisa no pensamento dialético, em um apanhado de autores, especialmente De Paula e Konolsaisen (1993), Pereira (2013) e Minayo (2014). Na sequência, apoiamo-nos na construção social da realidade, com base na sociologia do conhecimento, encontrada em Berger e Luckmann (2004), demonstrando os conceitos de realidade social objetiva e realidade social subjetiva. Em seguida, utilizamos os conceitos de Vigotski (2007 e 2008), em relação à formação social da mente, correlacionando linguagem, pensamento e consciência. Ainda, entre os tópicos fundamentais, discorreremos sobre o conceito de

---

<sup>2</sup> Toda a construção teórica encontrada a respeito do tema – que ainda pode se considerar escassa – desenvolveu-se, basicamente, ao longo da segunda metade da segunda década deste século.



linguagem utilizado neste trabalho, recorrendo principalmente a Bakhtin (2016). Prosseguindo com a fundamentação teórica, fazemos uma correlação entre linguagem, cultura e sociedade, com destaque para o conceito de representações; a partir de diversos autores, especialmente Hall (1997 e 2003).

Posteriormente, trazemos o tema da ISE, com Cury (2013) e Hengemühle (2018), por meio da contextualização da evolução do conceito **inteligência**, desde o início do século XX. Assim, chegamos a Goleman, que, em 1995, propôs o conceito de Inteligência Emocional, e a Cury (2013) que prosseguiu até o conceito de ISE, a partir de sua tese *Freemind*. Finalmente, abordamos a questão do adoecimento docente, com foco no aspecto emocional, principalmente a partir de Vieira Jr e Santos (2011), bem como Lima (2021), que trouxeram a essência da contextualização da situação-problema, objeto desta pesquisa. Buscamos comparar, teoricamente, as atitudes positivas – mencionadas pelos referidos autores – com a ferramenta da “gestão da emoção”, proposta por Cury (2013).

Esta é uma pesquisa com orientação metodológica qualitativa. Segundo Minayo (2014, p. 57), “o método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem [...], sentem e pensam”. Ou seja, é uma pesquisa que busca resgatar os significados que os sujeitos atribuem ao objeto de estudo e conhecer diferentes situações que ocorrem no cotidiano do trabalho docente.

O procedimento da pesquisa de campo obteve aprovação pelo CEP – Comitê de Ética em Pesquisa<sup>3</sup>, conforme parecer consubstanciado número 5.100.523, de 11/11/2021 – processo CAAE 52774621. 0.0000.5547. A obtenção dos dados ocorreu, então, por meio de entrevistas individuais que, de acordo com Gil (2008), são amplamente utilizadas em pesquisas exploratórias, com a finalidade de melhor compreender problemas e fornecer elementos para produção de dados; “mas também podem ser utilizadas para investigar um tema em profundidade, como ocorre nas pesquisas qualitativas.” (GIL, op.cit., p.114). As entrevistas foram efetuadas remotamente, durante o mês de dezembro de 2021, por meio da plataforma *Google Meet*.

---

<sup>3</sup> O projeto enviado ao Comitê de Ética, contendo o **TCLE** e o **roteiro** das entrevistas (entre outras informações ao CEP), encontra-se no Apêndice I.

A modalidade utilizada foi a de entrevista semiestruturada, que, conforme Minayo (2009, p. 64), “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão, sem se prender à indagação formulada”. As perguntas foram formuladas de modo que o entrevistador pudesse seguir um roteiro contendo um eixo central; mas, ao mesmo tempo, proporcionava aos entrevistados a liberdade para se expressarem, a respeito de suas experiências subjetivas no ambiente laboral – especialmente com relação a fatores emocionais afetados pelo contexto de trabalho. Para a obtenção de dados mediante entrevistas, Novikoff (2016) acredita que o material narrativo do qual se deseja extrair representações deve ser produzido pelos entrevistados da maneira mais espontânea possível. Além disso, a entrevista deve começar com questões mais concretas e objetivas, relacionadas às experiências do dia a dia dos entrevistados, passando gradualmente para questões envolvendo reflexões e julgamentos mais abstratos, conforme sugere Jodelet (2001).

Os sujeitos da pesquisa são professores de cursos de licenciatura de uma universidade pública no estado do Paraná, com mais de dez anos de experiência docente, o que entendemos ser um prazo suficiente para que cada docente tenha um histórico razoável de vivência com os fatores sob investigação. A amostra foi composta por 6 professores, escolhidos aleatoriamente dentre os campi de Curitiba e do interior do estado, de quatro cursos distintos. Também foi efetuada uma “entrevista-piloto”, antes das demais, com uma voluntária – também professora de licenciatura da mesma universidade, com menos de 10 anos de experiência docente, no intuito de testar todas as funcionalidades da plataforma e do roteiro da entrevista. Esta não será contabilizada entre os 6 sujeitos da pesquisa, mas servirá em termos de comparação com os demais.

As entrevistas foram gravadas e transcritas, seguindo-se as normas para transcrição de entrevistas, elaboradas pelo projeto NURC/SP (Norma Urbana Linguística Culta – NURC), conforme Preti (1999)<sup>4</sup>, com ligeiras adaptações, conforme detalhado no tópico próprio das análises. Em seguida, cada entrevistado passou a ser identificado por um pseudônimo, para preservar seu anonimato. Após a transcrição, os dados foram divididos em categorias (recortes em unidades contextuais) e submetidos a uma análise das representações, materializadas nas falas docentes.

---

<sup>4</sup> A tabela de convenções utilizada encontra-se no anexo I.

Para Novikoff (2016, p.162), a etapa mais “árdua e complexa” de uma pesquisa científica reside exatamente na análise dos dados, porque envolve a experiência de vida do pesquisador e a capacidade de dialogar com a teoria e com os pesquisados, para compreender, por meio dos dados, tanto o que foi dito quanto o que não o foi. Desta forma, o que se propõe na dimensão analítico-conclusiva é discutir o objeto em estudo, articulando essa discussão com cada uma das etapas descritas anteriormente, trabalhando em grupos de análise, para se chegar a uma conclusão o mais próximo possível da realidade investigada. Assim, na análise das representações sociais, ganha destaque o papel da comunicação na construção de sentido pelos sujeitos da pesquisa.

Buscamos, portanto, estabelecer relações entre os diversos recortes do *corpus* de análise, mediante uma atenta leitura desse material linguístico, visando à ampliação das possibilidades de novas compreensões dos fenômenos sob investigação. Finalmente, procuramos correlacionar a teoria com os fenômenos investigados, visando à identificação de um novo significado à luz da pesquisa realizada. Com isso, apresentamos a análise dos dados obtidos, com excertos linguístico-discursivos dos dados gerados.

Por fim, tecemos algumas considerações gerais a respeito da análise realizada, sobre o processo de construção desta pesquisa e também sobre a importância deste trabalho como uma possível base para outros estudos – até mesmo, quem sabe, a inclusão futura de conteúdos da educação socioemocional no currículo de graduação, especialmente nos cursos de licenciatura, para enfrentamento da problemática abordada.

## Capítulo II - Referencial Teórico

Apresentamos, a seguir, o marco teórico utilizado para este trabalho, no qual os tópicos são divididos didaticamente; porém, é importante ressaltar que todos os conceitos são intimamente relacionados. Assim sendo, alguns itens são abordados, inicialmente, de forma ampla (genérica) e, em tópico subsequente, são retomados e aprofundados.

### 2.1. A lógica dialética

Inicialmente, abordaremos, de forma breve, o princípio do pensamento dialético, ressaltando que, de maneira geral, as reflexões encontradas na área em que se insere este trabalho utilizam – ou devem utilizar – esta lógica não linear. Não entraremos no mérito do “idealismo” (subjetivista) ou do “materialismo” (objetivista), embora Berger e Luckmann (2004, p. 172) afirmem que “a transformação social deve sempre ser compreendida como estando em relação dialética com a ‘história das ideias’”, ao mesmo tempo em que sustentam que “tanto a compreensão ‘idealista’ quanto a ‘materialista’ desta relação esquecem esta dialética e, dessa maneira, deformam a história”.

Nota-se que a dialética ainda é comumente “confundida ou reduzida à ideologia marxista” (PEREIRA, 2013, p. 24) e, portanto, mais frequentemente associada ao campo socioeconômico do que ao psicossocial<sup>5</sup>. Por isso, interessou-nos sobremaneira o trabalho de Pereira (op.cit.), visto que ela identifica a lógica dialética nas obras Pichon-Rivière<sup>6</sup>, apresentando, desde o início, uma interessante definição do termo “dialética”, recorrendo a Bornheim (1977, p. 7). Este resalta o aspecto discursivo presente na referida concepção: “a dialética seria aquilo que faz possível todo discurso, embora permaneça em si mesma o não dito, algo de refratário a qualquer empenho de explicitação”.

A autora explica que o prefixo “dia”, de “dialética”, indica “reciprocidade” – ou, no dizer de De Paula e Konolsaisen (1993), “dualidade”. O sufixo “lética”, por sua vez, está ligado ao discurso da razão, ideias ou teses. Assim, o termo “dialética” significa

---

<sup>5</sup> Minayo (2014, p.168) menciona a “quase ausência de pesquisas de fundamentação marxista que levem em conta a subjetividade.”

<sup>6</sup> Pichon-Rivière, psiquiatra suíço que viveu na Argentina, é autor da Teoria do Vínculo e da técnica do Grupo Operativo. Ele estuda, especialmente, a vida e a dinâmica dos grupos.

**dualidade de ideias, posições ou teses.** Portanto, segundo Pereira (2013), a dialética incorpora, desde o princípio, as razões do outro, por meio do diálogo – que seria o sentido original do termo, utilizado desde Sócrates: a arte do diálogo, a arte de apresentar uma tese por meio de uma argumentação capaz de clarificar conceitos envolvidos em um debate.

Porém, além da dualidade, a dialética também “traz o conceito da **contradição**, oposição ou antítese, assumindo como base que toda a tese deve estar – e, de fato, sempre está – sujeita à contestação, ou à antítese.” (DE PAULA e KONOLSAISEN, 1993, p. 15). De acordo com Pereira (2013, p. 24), todos os objetos e fenômenos da natureza apresentam contradições intrínsecas: eles têm “um lado positivo e um lado negativo, um passado e um futuro. A luta desses contrários, entre o velho e o novo, o que morre e o que nasce, é o conteúdo interno do processo de desenvolvimento da conversão de mudanças quantitativas em mudanças qualitativas”.

Para Pereira (2013, p. 23), o sujeito ativo “atribui sentidos subjetivos ao mundo, a partir das sínteses que realiza” e cada síntese é constituída a partir de contradições e mediações. Para compreendermos melhor essa “mediação”, precisamos considerar que os aspectos da realidade humana não podem ser entendidos isoladamente. Devemos, portanto, observar a conexão entre eles, considerando que “o maior só se define pelo menor, o claro pelo escuro, o frio pelo quente, um não podendo definir-se e existir sem o outro”. Assim, na acepção contemporânea, a dialética corresponde ao modo de pensar as contradições da realidade – na qual estão implícitas a realidade objetiva e a subjetiva (que descreveremos em seguida), compreendendo o real como essencialmente contraditório e em constante transformação. Aliás, segundo Corbisier (1987), é a contradição que enseja o movimento – em outras palavras: sem antagonismo, não ocorre a mudança.

É importante frisar que a **transformação constante** das coisas é um conceito essencial na dialética: a natureza é vista como em um estado de constante movimento, de mudança, de renovação e contínua evolução, “em que sempre nasce e desenvolve-se qualquer coisa, desagrega-se e desaparece qualquer coisa.” (PEREIRA, 2013, p. 23-24). Ainda, para além da contradição e da mudança, o pensamento dialético abrange também a “**unidade dos contrários**”, de acordo com Minayo (2014, p. 116 e 121), em um misto de entrelaçamento e conflitos, tais como: “o singular e o universal”, “a teoria e a prática”, “a indução e a dedução”, “a base material e a consciência”. Este último par equivale a “o objetivo e o subjetivo”.

Pereira (2013, p. 23) afirma que “como método de conhecimento e apreensão da realidade, a dialética compreende o Homem na natureza como ser histórico, como ser social pensante, ético e agente”. E, para o Homem apreender a realidade, ele precisa buscar uma visão holística, ainda que provisória, a qual coloque essa apreensão da realidade em um movimento crescente que gere teses e antíteses que venham a resultar em sínteses; as quais, por sua vez, gerem outras teses e, assim, sucessivamente. Surge então o conceito da “**espiral dialética**”, o qual fica claro em Vigotski (2008, p. 56) – o autor afirma que o desenvolvimento não se dá em círculo, mas em espiral, “passando pelo mesmo ponto a cada nova revolução, enquanto avança para um nível superior”.

Segundo Pereira (2013, p. 24), este é “um processo de totalização que nunca alcança uma etapa definitiva e acabada”. A autora ainda acrescenta que, em Pichon-Rivière, o termo “dialética” se refere tanto à natureza humana, quanto ao seu pensar. Pereira (op.cit.) conclui o tópico de sua conceituação a respeito da dialética, afirmando que se trata de “o diálogo das coisas entre si, das coisas com o Homem, do Homem consigo mesmo e do Homem com o outro”.

Há, ainda, outro conceito implícito na dialética – o de “**uma via de duas mãos**”; ou seja, dois fatores que constantemente interagem e se realimentam. Este é o conceito mais presente, por exemplo, na obra de Berger e Luckmann (2004), que será analisada na sequência deste referencial, em que abordaremos a importância tanto da objetividade quanto da subjetividade, para compreendermos a realidade social como um todo. A dialética, como “**unidade dos contrários**”, não pode se limitar a uma única corrente de pensamento – segundo Corbisier (1987, p. 246) “a razão dialética não exclui a razão cartesiana, lógico-matemática, mas a incorpora e supera”. O essencial é compreendermos que, frente aos fenômenos humanos e sociais – entre os quais incluímos a linguagem – precisamos de uma forma de pensamento menos limitada (e menos limitante) do que o raciocínio eminentemente linear, cartesiano, lógico-matemático, que parece ter predominado, historicamente, na ciência.

Para concluir este tópico, apresentamos mais um trecho de Pereira (2013, p.27), que consideramos extremamente interessante: “Não pode haver transformação sem diálogo, sem interação, sem a troca, sem a palavra do outro construindo sentidos junto à minha”. Segundo a autora, esse movimento deve sempre ocorrer, podendo ser na mesma direção, ou em sentido contrário, em um permanente movimento espiral dialético.

## **2.2. A subjetividade e a objetividade – o sujeito e o objeto**

Para abordarmos adequadamente as questões da realidade subjetiva e da realidade objetiva, é preciso esclarecermos os termos “sujeito” e “objeto”, segundo a concepção sociológica. Embora não faça parte, propriamente, do contexto da linha de pesquisa deste trabalho, propomos uma reflexão acerca desses conceitos básicos a partir da sintaxe – apenas a título de ilustração, iniciando com um questionamento: o que é o “sujeito” da oração? Em uma definição de acordo com o critério semântico, segundo Ataíde (2011, p. 10), sujeito é “o elemento que pratica ou recebe a ação expressa pelo verbo”.

A partir disso, pode-se concluir que o sujeito é o elemento principal de uma oração – o seu protagonista, seguindo a terminologia dramaturgica de Goffman (2002), que veremos adiante. Entendemos que o conceito de sujeito apresentado acima é bem próximo do utilizado na sociologia; embora, possivelmente, com uma sutil diferença: o sujeito da sintaxe pode, igualmente, ser ativo ou passivo, bastando alterar-se um “detalhe” na oração. Ou seja, novamente utilizando-se da linguagem teatral: ele pode, a qualquer momento, tornar-se coadjuvante, a depender da estrutura da oração. Por outro lado, espera-se que o sujeito sociológico seja eminentemente ativo, ainda que com certas limitações impostas pela sociedade.

Por outro lado, há também o “objeto”. Para além do senso comum, na sintaxe o “objeto” é o elemento que completa o sentido da oração e, portanto, está sempre, de alguma forma, relacionado ao sujeito. Porém, na sociologia, “objeto” é tudo o que está fora do sujeito – isto é, tudo que se situa no meio externo compõe o mundo objetivo (o mundo dos “objetos”), conforme veremos em seguida.

### **2.2.1. A realidade objetiva e a realidade subjetiva**

Mencionaremos, neste tópico, alguns dentre diversos conceitos sociológicos pertinentes ao tema deste trabalho. Para a sociologia do conhecimento, por exemplo, “a relação entre o conhecimento e sua base social é dialética; isto é, o conhecimento é um produto social e o conhecimento é um fator na transformação social” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 120).

Como mencionamos, o termo “objetivo” refere-se ao objeto; ou seja, tudo o que está fora e se relaciona com o sujeito. Para o senso comum, o objeto é uma “coisa”, como uma caneta, ou uma cadeira. Para a sociologia, porém, “objeto” inclui também (e principalmente) os elementos que compõem a sociedade, como as instituições e os ‘atores sociais’, por exemplo. A sociologia, conforme apresentada por Berger e Luckmann (2004), entende que a realidade é composta por fatos objetivos que ocorrem independentemente de nossa vontade; contudo, esta é percebida de forma diferente, de acordo com a perspectiva de cada um de nós, de modo a formar o conhecimento subjetivo da referida realidade.

Ao focar na sociedade como realidade objetiva e em fenômenos sociais como a institucionalização e a sedimentação, os autores citados descrevem essa relação, especialmente a partir das sedimentações intersubjetivas (que são consideradas verdadeiramente sociais quando se objetivam por meio de algum sistema de sinais). Surge, então, a possibilidade de se repetirem as experiências compartilhadas e objetivadas. Neste ponto é que se compreende a importância central da linguagem – “o sistema de sinais decisivo” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 96): é precisamente o sistema linguístico que acaba objetivando as experiências compartilhadas e tornando-as acessíveis a toda a comunidade (no caso, à comunidade linguística).

É, portanto, por meio da linguagem que os papéis são objetivados, constituindo um ingrediente social para tornar o mundo objetivamente acessível em qualquer sociedade. Isto é, as objetivações se dão por meio da linguagem, desde as simples expressões verbais corriqueiras até as simbolizações mais complexas. Segundo Berger (1986), é também por meio da linguagem que se dá a interiorização da realidade, além da exteriorização do nosso próprio ser. Em outras palavras, assim como a objetivação, a subjetivação também ocorre por intermédio da linguagem – com especial destaque para linguagem verbal, frequentemente utilizada.

Para exemplificar, podemos recorrer a um pensador do século I, Paulo de Tarso, o qual afirma que “de sorte que a fé vem pelo ouvir [...]” (Bíblia Sagrada – NT, Rm 10.17). Ou seja: os elementos que compõem a fé objetiva (no caso da fé cristã, por exemplo: a Bíblia, a igreja, as reuniões eclesiais, as doutrinas, entre outros) vão se constituindo na fé subjetiva (individual) por meio do ouvir da palavra.

De acordo com Berger e Luckmann (2004, p. 157), “a realidade é socialmente definida. Mas as definições são sempre encarnadas; isto é, indivíduos e grupos de



indivíduos servem como definidores da realidade”. Segundo esses autores, um processo essencial para a subjetivação da realidade é a interiorização. Sendo assim, o indivíduo nasce predisposto à socialização e se torna imediatamente membro da sociedade que o acolhe. Dessa maneira, na fase inicial, chamada de socialização primária, ele começa a compreender os seus semelhantes e a apreender o mundo, interpretando os eventos objetivos como realidade dotada de sentido – ou seja, resultante da exteriorização da subjetividade dos outros. Assim, ele assume o mundo em que os outros já vivem, o qual passa a se tornar seu também e, mais do que isso, “participamos cada qual do ser do outro” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 175).

A interiorização faz parte do complexo processo de socialização, no qual a criança inicialmente absorve (interioriza) os papéis, atitudes e até mesmo o mundo dos “outros significativos”. A partir dessa identificação com os outros, ela consegue identificar a si mesma e adquirir uma identidade subjetiva coerente e plausível. No mesmo processo de interiorização, cristalizam-se subjetivamente: a sociedade, a identidade e a realidade.

Essa cristalização ocorre concomitantemente à interiorização da linguagem: segundo Berger e Luckmann (2004), a linguagem é o mais importante conteúdo e, ao mesmo tempo, o mais importante instrumento da socialização. Acima de tudo, é a linguagem que deve ser interiorizada. Quando acontece essa cristalização na consciência, passa a haver uma simetria entre a realidade objetiva e a realidade subjetiva (isto é: o real “fora” de nós corresponde ao real “dentro” de nós). Assim, é possível traduzir facilmente a realidade objetiva em subjetiva e vice-versa, sendo que o canal para essa “tradução” em ambos os sentidos é, evidentemente, a linguagem.

É importante frisar, também, a afirmação dos autores de que a socialização primária envolve mais do que aprendizagem cognitiva – ela acontece em “circunstâncias carregadas de alto grau de **emoção**” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 176). Sem essa conexão emocional com os outros significativos, o processo de aprendizagem seria muito difícil, ou até mesmo impossível. As crianças se identificam com as pessoas próximas por vários “modos emocionais”; assim, a interiorização ocorre apenas quando há essa identificação.

Na socialização secundária (continuação do processo inicial de socialização), a qual introduz o indivíduo em outros setores do mundo social objetivo, o papel da linguagem **não** é menos importante: Para conhecer e assumir funções específicas, o

sujeito precisa adquirir um vocabulário específico. Ele se torna um membro do novo grupo, especialmente por ser capaz de compreender e usar a linguagem desse grupo – mais do que por adquirir as habilidades exigidas para a nova função.

Merece destaque, ainda, a questão da conservação da realidade subjetivada: os autores afirmam que para o sujeito manter a convicção de que é, realmente, quem pensa ser e manter a conexão com a realidade objetiva, ele precisa da reafirmação constante, expressa e carregada de emoção, por parte dos outros significativos; pois, “assim como a realidade é originariamente interiorizada por um processo social, assim também é mantida na consciência por processos sociais” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 198). Por exemplo: a esposa, os filhos e os colegas mais próximos podem reafirmar, todos os dias, que o sujeito é um homem distinto ou, ao contrário, um fracassado irremediável. As opiniões externadas sucessivamente pelos “outros” somam-se e, por fim, ocorre uma cristalização subjetiva, resultante dessas várias definições da realidade.

Por vezes, quando os mecanismos de conservação da realidade inicialmente subjetivada são insuficientes, ocorre uma mudança mais significativa, devido a uma forte influência do meio. As mudanças mais extremas são chamadas pelos autores de “alternação” – por exemplo: a conversão religiosa, a doutrinação política ou a psicoterapia. Então, para haver uma harmonização do Eu presente com o Eu do passado, torna-se necessária uma reinterpretação dos fatos, uma vez que, via de regra, não conseguimos simplesmente esquecer os fatos do passado. O sujeito “pode ser perfeitamente ‘sincero’ nesse procedimento – subjetivamente, ele não está mentindo a respeito do passado, mas fazendo-o harmonizar-se com a verdade, que necessariamente abrange tanto o presente quanto o passado” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 212).

Tratando das diferentes “versões” do Eu, os autores citam as “camadas do Eu”. Para eles, o “Eu de superfície” e o “Eu abaixo da superfície” se distinguem, em função do grau de realidade subjetiva presente na consciência em um determinado momento histórico; isto é, não há uma diferenciação permanente de “camadas do Eu” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 217). Outras expressões por eles utilizadas são: “Eu parcial” X “Eu total” (p. 190), referindo-se ao mundo internalizado na socialização primária e aos “submundos” internalizados na socialização secundária; e “Eu superior” X “Eu inferior” (p. 240), “equiparados respectivamente à identidade social e à animalidade pré-social, possivelmente antissocial”. Retomaremos, adiante, as questões conceituais relativas às diferentes versões do Eu; porém, seja como for, essa terminologia utilizada pelos autores

nos ajuda a compreender que há estreita relação da construção do sujeito com o meio sócio-histórico-cultural.

### 2.3. A formação social da mente - linguagem, pensamento e consciência

Abordamos, no tópico anterior, as questões relacionadas ao conhecimento da realidade, tanto no aspecto objetivo quanto subjetivo, sob um enfoque sociológico. Passamos, nesta seção, a apresentar conceitos advindos da psicologia, os quais, no nosso entender, estão intimamente relacionados aos anteriores, uma vez que o **individual** não existe sem o **social** e vice-versa, como veremos a seguir.

Um importante fundamento teórico dos conceitos da formação social da mente e da correlação entre linguagem, pensamento e consciência, encontra-se em Vigotski, psicólogo russo que viveu no início do século XIX e faleceu em 1934, aos 37 anos. Apesar disso, ele produziu uma densa obra, que ficou mais conhecida somente no final daquele século, devido a um “ostracismo político e científico”, segundo Bronckart (2012, p. 28), porque os escritos de Vigotski foram censurados e interditados por décadas, pelo governo de Stalin, enquanto as correntes cognitivistas dominavam no ocidente.

Inicialmente, cabe pontuar que várias espécies animais apresentam uma organização em coletividade – inegavelmente, um tipo de “sociedade”; porém, segundo Bronckart (2012), autor vigotskiano, as sociedades humanas apresentam uma diversificação extremamente complexa, e essa complexidade é atribuída a um sistema particular de comunicação: a linguagem. De acordo com este autor, por uma perspectiva psicológica – ao se considerar as habilidades mentais e aspectos comportamentais – é possível compreender claramente a relação entre atividade e linguagem.

Para Vigotski (2008, p. 56), “nós nos tornamos nós mesmos através dos outros”. Para este autor, o mundo da mente não é inato; isto é, não nasce pronto – nascemos com funções psicológicas naturais e desenvolvemos as superiores, sendo que as interações sociais têm um papel preponderante na formação do sujeito. O autor não descarta a individualidade nos processos de desenvolvimento; por outro lado, uma vez que o humano é um ser eminentemente social, até mesmo sua individualidade constitui-se das trocas com a coletividade. O individual e o social fazem parte, dialeticamente, do mesmo sistema interativo, cujo desenvolvimento é um processo de aquisição cultural. Para que isso se efetive, é a linguagem que provê os novos recursos (as novas ferramentas) ao

indivíduo em desenvolvimento, permitindo diferentes possibilidades para organizar informações e executar tarefas.

O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer quando se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da “palavra”, seu componente indispensável. (VIGOTSKI, 2008, p. 150).

Segundo Vigotski (2008, p. 151), o pensamento ganha corpo através da fala e esta, por sua vez, é ligada ao pensamento, sendo por ele iluminada. Trata-se, então, do fenômeno do “pensamento verbal, ou da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento”. O autor faz uma crítica às linhas tradicionais da psicologia, tais como a fenomenológica, a psicanalítica e a cognitivista, por menosprezarem (ou rejeitarem) a realidade do substrato material, histórico e social do desenvolvimento humano. Essas linhas ignoram, como sustenta Vigotski (op.cit.), o fato de que o homem é criador de instrumentos mediadores de sua relação com o meio, dos quais o principal é a linguagem. É a partir desses instrumentos discursivos (isto é, da linguagem) presentes no meio sócio-histórico que se torna possível a estruturação do funcionamento psicológico do homem. A apropriação da linguagem do meio social pelo bebê e a intervenção das pessoas desse meio possibilitam o desenvolvimento psíquico e, conseqüentemente, a construção do pensamento consciente.

O pensamento e a linguagem, segundo Vigotski (2008), desenvolvem-se por meio de processos distintos, no início da primeira infância, até que ocorra a ligação entre ambos. Porém, antes que essa ligação ocorra, há uma fase do pensamento pré-linguístico (no qual a criança apresenta uma espécie de inteligência prática, a partir da qual ela pode agir no ambiente, sem a mediação da linguagem) e uma fase pré-intelectual da fala, em que a criança utiliza expressões verbais, tais como o choro e balbucios – como um meio de contato social e, também, uma forma de alívio emocional.

Por volta dos dois anos de idade, inicia-se uma nova maneira de funcionamento psíquico – a fase do desenvolvimento em que a fala da criança se torna intelectual e o seu pensamento se torna verbal, isto é, mediado pela linguagem. Portanto, para Vigotski (2008, p. 156-157), a linguagem é mais do que simplesmente um meio de transmissão do pensamento: “o pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir”. Então, o conceito de mediação aparece, em Vigotski (2007), como o entrelaçamento de um elemento intermediário em uma relação, tornando-a indireta.

O autor ainda menciona o uso de elementos mediadores, que ocorre tanto no âmbito filogenético quanto no ontogenético; ou seja: tanto no desenvolvimento das espécies (no caso das ferramentas de trabalho) quanto no de indivíduos (o uso de signos). Ao analisar “o instrumento e o símbolo no desenvolvimento da criança”, Vigotski (2007, p.3) volta sua atenção a três aspectos fundamentais – nenhum deles ainda adequadamente tratado pelos estudiosos preocupados com a compreensão da psicologia humana, segundo o autor:

(1) Qual a relação entre os seres humanos e o seu ambiente físico e social? (2) Quais as formas novas de atividade que fizeram com que o trabalho fosse o meio fundamental de relacionamento entre o homem e a natureza e quais são as consequências psicológicas dessas formas de atividade? (3) Qual a natureza das relações entre o uso de instrumentos e o desenvolvimento da linguagem?

O autor sustenta que a maturação, em si, não é o fator principal do desenvolvimento das formas mais elaboradas do comportamento tipicamente humano. O desenvolvimento desses comportamentos caracteriza-se por transformações complexas, qualitativas, de um tipo de comportamento em outro. A inteligência prática das crianças, cuja característica mais marcante é a utilização de instrumentos, de início, independe da fala – “embora a inteligência prática e o uso de signos possam operar independentemente em crianças pequenas, a unidade dialética desses sistemas no adulto humano constitui a verdadeira essência no comportamento humano complexo” (VIGOTSKI, 2007, p. 11).

Segundo o autor, em relatos de experimentos com crianças, à medida que estas se envolviam mais na tarefa de alcançar um objeto desejado, a fala egocêntrica começava a se manifestar como parte de seus esforços ativos. Inicialmente, a expressão verbal consistia apenas na descrição e análise da situação; adquirindo, gradativamente, um caráter de "planejamento" e demonstrando possíveis formas de resolução do problema. Por fim, a fala acabava sendo incluída na própria solução da tarefa.

Ainda de acordo com Vigotski (2007), além de facilitar a manipulação de objetos pela criança de forma efetiva, a fala também controla o comportamento dela. Assim, esta habilidade permite que a criança se torne tanto “sujeito” como “objeto” de seu próprio comportamento. Conforme uma dada tarefa fica mais complicada, aumenta a produção de fala “egocêntrica” e expande, também, o uso emocional da linguagem pelas crianças, juntamente com seu esforço para alcançar uma solução mais inteligente e menos automatizada.

Segundo Vigotski, a maior mudança na capacidade das crianças de usar a linguagem como ferramenta de resolução de problemas ocorre em um estágio posterior de seu desenvolvimento, quando a fala socializada (anteriormente utilizada para falar com um adulto) é internalizada: em vez de reportar-se aos adultos, as crianças começam a “apelar para si mesmas”. A linguagem adquire, então, uma função intrapessoal, para além do uso interpessoal. “A história do processo de internalização da fala social é também a história da socialização do intelecto prático das crianças” (VIGOTSKI, 2007, p. 16).

Vigotski (2007) também relata experimentos nos quais se observa que as crianças pequenas não nomeiam seus desenhos até que os tenham concluído. Isso ocorre porque elas literalmente precisam vê-los antes de decidir o que eles são. Entretanto, à medida que as crianças crescem, elas adquirem a habilidade de decidir antecipadamente o que irão desenhar. Esta mudança de tempo na nomeação do desenho sinaliza também uma mudança na função da fala. Inicialmente, a ação vem antes da fala, desencadeando e dominando o processo. Mais tarde, porém, à medida que a fala passa para o início da atividade, surge uma nova relação entre fala e ação: “nesse instante a fala dirige, determina e domina o curso da ação; surge a função planejadora da fala, além da função já existente da linguagem, de refletir o mundo exterior” (VIGOTSKI, 2007, p. 16-17). Assim, da mesma maneira que um molde dá forma a uma determinada substância, a fala é capaz de moldar uma ação.

O autor vê a atividade intelectual verbal como uma sequência de etapas nas quais as funções emocionais e comunicativas da fala são expandidas pela adição da sua função planejadora, o que permite à criança engajar-se em atividades complexas. Uma vez que as crianças aprendem a lidar com a função planejadora da linguagem de forma efetiva, seu campo psicológico experimenta uma mudança radical: a visão de futuro passa a ser parte integrante de sua abordagem ao ambiente imediato. Segundo Vigotski (2007, p. 19), “esse amálgama de fala e ação tem uma função muito específica na história do desenvolvimento da criança: demonstra, também, a lógica da sua própria gênese”.

Para exemplificar a “signalização” (o conjunto de processos envolvidos na criação e utilização de signos como instrumento da atividade psicológica), destacando o uso intencional de determinados objetos do cotidiano como coadjuvantes da memória, Vigotski (2007) usa uma metáfora: fazer um nó, quando queremos lembrar de algo – uma associação condicionada temporária. Isso ativa, posteriormente, o uso de signos internos, tornando a função psicológica superior, devido à internalização.

A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc.) é análoga à invenção e o uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho (VIGOTSKI, 2007, p. 51-52).

A semelhança básica entre signo e instrumento, segundo o autor, está em sua típica função mediadora. Assim, do ponto de vista psicológico, eles podem ser classificados na mesma categoria. A evidência de sua função indireta (mediada) é evidente; portanto, essa percepção nos permite enquadrar o uso de signos dentro da categoria de atividade mediadora, já que a natureza do uso desses signos consiste em que estes afetem o comportamento dos homens.

Vigotski (2007, p. 56) chama de internalização “a reconstrução interna de uma operação externa” e exemplifica esse processo com o “gesto de apontar”. Inicialmente, esse gesto é apenas uma tentativa frustrada da criança, no sentido de pegar algo, isto é, um movimento em direção a um determinado objeto, que desencadeia uma aproximação. Ela tenta pegar o objeto que está fora de seu alcance, enquanto sua mão, estendida em direção àquele objeto, está imóvel no ar e seus pequenos dedos fazem movimentos que lembram o ato de pegar. Nesse estágio, apontar é representado pelos movimentos da criança, de modo a parecer que ela está apontando para um objeto, e nada mais.

A tentativa malsucedida da criança gera uma reação, não do objeto que ela pretende alcançar, mas de outra pessoa. Portanto, o significado principal desse movimento, inicialmente frustrado, de “pegar”, foi estabelecido por outros. Apenas posteriormente, quando a criança é capaz de associar seus movimentos à situação objetiva, ela realmente começa a entender esse movimento como um gesto de apontar. Nesse ponto, ocorre uma mudança na função desse movimento: de um movimento em direção ao objeto, torna-se um movimento em direção ao outro, como um meio de estabelecer uma relação. “O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social” (VIGOTSKI, 2007, p. 20).

Uma vez que o movimento na tentativa de pegar algo se transformou no ato de apontar, a consequência dessa mudança é que o próprio movimento acaba sendo fisicamente simplificado (e tipificado). O resultado disso é uma maneira de apontar que

realmente podemos chamar de um gesto. Com efeito, o movimento torna-se um gesto real somente depois de demonstrar aos outros, objetivamente, as funções de “apontar” e este é entendido pelos outros como tal. Sua função e significado são criados, primeiro, por circunstâncias objetivas e, depois, por pessoas presentes no meio social da criança.

Como essa descrição de “apontar” ilustra, o processo de internalização envolve uma série de passos: primeiro, uma operação representando a atividade externa é recriada e passa a ocorrer internamente; segundo, um processo interpessoal torna-se um processo intrapessoal; e, por fim, essa transformação de processo interpessoal para intrapessoal é o resultado de uma longa sequência de eventos que ocorrem durante o desenvolvimento. O processo de transformação continua existindo por um longo período, como uma forma externa de atividade, antes de internalizar-se definitivamente – ou, nas palavras de Berger e Luckmann (2004), antes de ocorrer sua “cristalização”.

A internalização de comportamentos culturalmente estabelecidos envolve a reconstrução da atividade psicológica, a partir de operações com signos. As mudanças nessas atividades com signos, ao longo do processo de desenvolvimento, são idênticas às que ocorrem na linguagem: aspectos da fala externa (ou comunicativa) e da fala egocêntrica se internalizam e constituem a base da fala interior. “A internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana; é a base do salto qualitativo da psicologia animal para a psicologia humana” (VIGOTSKI, 2007, p. 58).

Quando da utilização de signos, o indivíduo os reelabora, visando ao atingimento de processos internos. Portanto, essa transformação só é possível mediante a existência do “social”. Ou seja: antes de alcançarem o nível intrapsíquico, todas as funções psicológicas superiores acontecem, primeiramente, no nível social (interpessoal ou, ainda, “interpsíquico”). Nesse aspecto, deve-se acrescentar que, para além do processo de mediação simbólica, segundo Vigotski, o papel do “outro” é fundamental – geralmente visto como o parceiro mais capaz, o promotor do desenvolvimento daquele que se encontra em estágio desenvolvimental “inferior”; no caso, a criança.

Ao examinarmos o desenvolvimento filogenético humano, é preciso enfatizar como a questão da linguagem e os conceitos de mediação e de internalização podem ser entendidos: no âmbito das relações de trabalho, por exemplo, a criação e o uso de ferramentas evoluíram para ampliar as capacidades dos indivíduos. Ao longo da história, também foram criados sistemas simbólicos capazes de permitir representações da



realidade. Devido à sua natureza coletiva, o trabalho demanda o estabelecimento da comunicação interpessoal; por isso, o grupo humano foi levado a desenvolver uma forma de comunicação baseada em significados compartilhados com a coletividade.

Segundo Bronckart (2012), este processo central do desenvolvimento está longe de ser “natural”, ou fundado em fatores biológicos, mas é **duplamente** caracterizado pelo **social** – tanto em relação ao processo quanto ao produto. Em relação ao “processo”, é precisamente por meio das intervenções sociais que o bebê constrói signos e representações (correspondências) entre objetos e sons. Isso equivale a dizer que sem essas intervenções não há construção da linguagem, tampouco do pensamento. Quanto ao “produto”, observa-se que os signos – especialmente os verbais – não têm nada de “natural”; ao contrário, são “formas de estabelecer correspondência, temporariamente cristalizadas pelo uso histórico de um grupo humano particular; e é como tais que a criança os interioriza” (BRONCKART, 2012, p. 53).

Em suma, os escritos de Vigotski e demais autores com ele alinhados, enfatizam o papel preponderante da experiência social no desenvolvimento do indivíduo, sendo que “a fala tem um papel essencial na organização das funções psicológicas superiores” (VIGOTSKI, 2007, p. 9).

#### **2.4. O conceito de linguagem utilizado neste trabalho**

O estudo aqui proposto tem base nas teorias relacionadas à educação, ao trabalho e à linguagem. Assim, uma vez identificado o referencial filosófico e psicossociológico que o norteia, o próximo passo é situar o conceito de linguagem, com o qual trabalhamos ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Longe de um conceito estruturalista, consideramos a língua/linguagem) em uma perspectiva discursiva, histórico-social e enunciativa, isto é, como construção e prática social. Ela também é vista como atividade, como um conjunto de ações simbólicas que se realizam em determinados contextos comunicativos e sociais. Inúmeros autores corroboram esta concepção social da língua para além de uma visão analítica e/ou normativa, conforme a seguir.

A concepção de língua como elemento capaz de mediar a interação do homem com o ambiente e, assim, provocar nele transformações, pode ser um passo adiante na direção das abordagens propostas atualmente pela Linguística Aplicada. (SANTOS, 2010, p.64).

Ao falar em aspectos sociais da linguagem, uma das principais referências é Bakhtin (2016), para o qual a linguagem é eminentemente social, tanto na “origem” quanto no “destino”. O referido autor organizou diversos conceitos enunciativo-discursivos, com especial destaque para a concepção da linguagem dialógica. Esse conceito compreende a linguagem como fenômeno social e histórico, em que um enunciado sempre se compõe a partir de outros enunciados; portanto, em relação direta com o meio social.

Segundo Bakhtin (2016), o enunciado é a real unidade da comunicação discursiva – é o elo da cadeia dessa comunicação, e pode ser oral ou escrito. O termo “enunciado” deriva do verbo “enunciar”, que significa “expressar”, “transmitir pensamentos e sentimentos em palavras”. Há algumas características essenciais do enunciado que o diferenciam das unidades da língua (oração, palavra, sílaba e fonema, segundo o conceito estruturalista). Dentre essas características, destacam-se: a alternância dos sujeitos do discurso, a ressonância dialógica entre os enunciados, a entonação expressiva, a resposta antecipável e o direcionamento.

A linguagem é um fenômeno que tem duas faces: o emissor e o ouvinte – **sujeitos que se alternam** a cada enunciado acabado. Ainda de acordo com Bakhtin (2016), quando emitimos um enunciado, sempre trazemos conteúdo de enunciados alheios (anteriores), os quais assimilamos, reelaboramos e acentuamos, pois as nossas ideias se formam a partir do processo de interação com os pensamentos, verbalmente expressos, dos outros. Por outro lado, sempre que construímos um enunciado, esperamos uma atitude ativamente responsiva dos interlocutores de nosso enunciado.

O autor afirma que todo enunciado tem, antes de si, os enunciados de outros; e, depois do seu término, da mesma forma, gera outros enunciados responsivos. Essa alternância dos interlocutores expressa o princípio dialógico do enunciado (ou a **ressonância dialógica**, que remete aos enunciados anteriores), em que os enunciados se intercambiam, seja por meio de orações, palavras – combinadas ou não – ou por “meias-palavras”. Na construção de um enunciado, segundo Bakhtin (2016), a escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso pelo locutor, é determinada inicialmente pelas ideias do sujeito do discurso, relativas ao seu campo de comunicação discursiva.

Outro item fundamental que compõe o enunciado é o elemento expressivo, ou seja, a relação do locutor com o conteúdo do objeto e o sentido do seu enunciado. As palavras e orações, em si mesmas, nada valorizam – são neutras e, portanto, não possuem

expressão. Uma mesma palavra pode servir igualmente bem a quaisquer juízos de valor, bem como pode ter sentidos totalmente diversos e até contraditórios, dependendo da **entonação expressiva** (por exemplo: de afirmação, desprezo, espanto, admiração, reprovação, ironia, entre outros).

Em última análise, é essa relação que determina a escolha dos recursos linguísticos (lexicais e gramaticais) do enunciado. Outros fatores que influenciam a composição do enunciado são: o contexto (principalmente o contexto sócio-histórico-ideológico, que emoldura o discurso) e o interlocutor – ou melhor, a forma como o locutor o percebe ou imagina sua relação com esse interlocutor. O papel do “outro” na construção do enunciado merece destaque: pode-se dizer, de forma mais precisa, que todo enunciado é um elo de uma cadeia ininterrupta de comunicação verbal, que está ligado a todos os que vieram antes dele e se constrói ao encontro da **resposta (antecipável)** do seu interlocutor. Desse modo, pelo fato de já prever uma resposta, também está ligado aos enunciados que virão a partir dele.

O autor considera que o enunciado só pode ser compreendido quando se reveste em forma de gênero discursivo. A partir desse conceito, podemos considerar os gêneros do discurso como uma “roupagem” para o enunciado, comparável ao traje que escolhemos para utilizar em determinados ambientes ou contextos sociais – há uma roupa adequada para cada contexto, que provavelmente não se enquadraria em outro.

De acordo com Marcuschi (2008), existem inúmeros exemplos de gêneros discursivos (ou gêneros textuais), descritos por tipo, a saber: narrativo (exemplos: conto, crônica narrativa, fábula, diário, romance, caso, relato); argumentativo (tais como: artigo de opinião, editorial, crônica argumentativa, resenha crítica), descritivo (relatos, folhetos, currículo, cardápio), expositivo (seminário, palestra, enciclopédia, dicionário), injuntivo (receita culinária, bula farmacológica, manual de instruções, regulamento), entre outros. No caso específico de pesquisa acadêmico-científica, a depender do tipo da pesquisa, há também diversas modalidades, tanto para a obtenção/registro dos dados (entrevista, fichamento, resumo), quanto para a sua apresentação (dissertação, resenha, esquema/esboço para exposição em seminário), entre outras tantas.

Segundo Bakhtin (2016, p. 47), todo enunciado se caracteriza por seu conteúdo “semântico-objetal” – isto é, relativo ao “sentido” e ao “objeto”. Todavia, ainda que esteja, supostamente, focado em seu objeto, nenhum enunciado tem seu tema centrado meramente naquele objeto, mas também (e principalmente) no enunciado do outro: os

“enunciados não são indiferentes entre si, nem se bastam cada um a si mesmo; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros” (BAKHTIN, 2000, p. 297). Aí está, também, caracterizado o **direcionamento**: o enunciado sempre procede de alguém, assim como também é dirigido a alguém – sempre há um locutor e um interlocutor.

É importante frisar que, na visão bakhtiniana, existe uma relação de dependência entre forma e conteúdo. O conteúdo temático tem a ver com propósitos discursivos, posicionamentos valorativos e fatores verbais e extraverbais (ou contextuais), fundamentando-se em vínculos dialógicos que o enunciado estabelece com outros enunciados. Ao alçar sua voz, o locutor sempre considera, em certa medida, outras vozes relevantes, sendo que tal locutor não é o primeiro a falar daquele objeto, seja qual for. Certamente, ele já foi debatido, esclarecido, avaliado, ressaltado e/ou contestado, de diversas formas – diferentes perspectivas, visões de mundo e correntes se cruzam, convergem e divergem. Dessa maneira, o conteúdo temático do enunciado é o território dos vínculos dialógicos que conectam o objeto do discurso daquele enunciado com outras vozes que já abordaram esse mesmo objeto. Assim, o estudo do conteúdo temático do enunciado não se refere apenas a descrever o “assunto” ou o “tema” de um discurso – é preciso considerar, também, as relações dialógicas que constituem esse conteúdo temático.

Uma vez que a construção composicional e o estilo estão intimamente ligados, os mesmos elementos que determinam a composição do enunciado já lhe determinam também o estilo; com destaque para o aspecto expressivo e, também, elevada dependência em relação ao potencial de compreensão do locutor pelo interlocutor. Se, explorando os conceitos do mesmo autor, valemo-nos do exemplo da roupa (nos gêneros discursivos), fica fácil entendermos a estilística verbal, na qual alguns “trajes” – gêneros – permitem uma variação maior de estilos; enquanto outros, como os uniformes de trabalho, por exemplo, não permitem variações estilísticas individuais.

O autor também fala em **axiologia**, que estuda os valores predominantes em uma determinada sociedade ou grupo social. A axiologia implica a noção de escolha de valores éticos, estéticos e ideológicos, entre outros. Essas escolhas pautarão os juízos de valor presumidos, que são considerados atos sociais regulares e essenciais. Assim, é fundamental a compreensão do conceito de contexto extraverbal: cada grupo social possui seus valores específicos, reconhecidos socialmente e presumidos como certos. Para quem

observa de fora, determinadas expressões podem não fazer sentido algum; mas duas pessoas que ali estejam inseridas, conhecem os valores comuns a ambas, o que permitirá a imediata conexão do verbal com o não verbal. É a entonação expressiva que, frequentemente, transporta o discurso para além do verbal, permitindo que o enunciado seja compreendido pelo julgamento de valor estabelecido no ato comunicativo, com base em valores socialmente presumidos.

Cada campo da atividade humana utiliza alguns gêneros discursivos específicos. A depender da atividade e de certas condições (da comunicação discursiva), é possível criar novos gêneros, ou seja, tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. De acordo com o contexto sócio-discursivo, dentro de um determinado campo da atividade e com base em enunciados anteriores, com os quais se relaciona, o locutor constrói a sua composição discursiva, escolhendo o conteúdo temático relacionado ao seu objeto e o gênero de discurso adequado.

Dentro do gênero, o locutor ainda coloca, o tanto quanto possível, a sua individualidade (seu estilo). Seu discurso será relativamente compreendido, analisado e julgado, de acordo com o referencial de cada um dos seus ouvintes, dentro de um conjunto de valores socialmente estabelecidos. E, nessa relação interlocutiva, esse discurso poderá provocar as mais diversas reações: reflexão, concordância, discordância (parcial ou total), complemento, apoio ou combate, entre outras.

Cabe ainda, nesta conceituação, ao tratarmos da interdependência entre linguagem, sociedade e pensamento, mencionar o legado de Saussure (1995), autor que define a **língua** como um "sistema de signos" de caráter social e arbitrário, distinguindo-a claramente da **fala**. Para ele, a língua é social, ao passo que a fala é social e individual: a língua contém todo um potencial, enquanto a fala é a realização de uma dessas potencialidades, por meio de uma ação que pode ser primeiramente singular (isto é, emanar de um indivíduo), como também sujeita às restrições e coerções do meio social. Sendo assim, a unidade básica da língua, para Saussure (1995, p. 80), é o signo linguístico – uma entidade psíquica de duas faces, constituída por uma imagem sonora (significante) e um conceito (significado).

Saussure (1995, p. 130) é autor do conceito de “arbitrariedade do signo linguístico”. Ao abordar o conceito de valor linguístico, ele se refere à relação entre linguagem, pensamento e os sons: Saussure (op.cit.) afirma que o pensamento, por si só, é uma “nebulosa indefinida”; desse modo, não há ideias previamente estabelecidas, assim

como o pensamento não é claramente delimitado antes do aparecimento da linguagem; assim, os sons são igualmente indeterminados. Para o autor, o papel característico da linguagem em relação ao pensamento não é criar sons para exprimir ideias – em vez disso, é atuar como um intermediário entre pensamento e som, de maneira que essa união leve, necessariamente, a uma delimitação clara e recíproca entre as partes: o pensamento, de natureza caótica, é conduzido a precisar-se ao se decompor e se expressar em palavras.

O princípio da arbitrariedade dos signos, de acordo com Saussure (1995), postula que não há qualquer vínculo natural entre significante e significado, o que situa a linguagem como um legado de uma época anterior – portanto, cultural. Quando nascemos, deparamo-nos com uma linguagem previamente estruturada, em que o sujeito não exerce qualquer influência para inserir alterações, uma vez que o valor de um signo é o resultado de algum tipo de acordo social tácito, historicamente estabelecido e transmitido.

Dado o conteúdo visto até aqui, é possível identificar ampla convergência entre os legados de Vigotski, Bakhtin e Saussure, para o que Veçossi (2014, p. 8-9) traz uma interessante contribuição. Para ele, os signos, de acordo com a concepção saussureana, imbuídos de significados arbitrários compartilhados historicamente pela comunidade linguística, adquirem certos significados ideologicamente carregados, à medida que se atualizam no âmbito de produções, em um determinado contexto sócio-histórico. Essas produções são sempre associadas às esferas da atividade verbal humana e aparecem na forma de enunciados concretos e únicos (em conformidade com a visão Bakhtiniana); atualizando, na forma de textos, os gêneros que são utilizados em uma determinada comunidade linguística. No nível ontogenético, os gêneros serviriam como instrumentos (segundo a concepção vigotskiana) que, internalizados no âmbito das atividades sociais, promovem o desenvolvimento das funções psicológicas superiores no indivíduo, por permitir que ultrapassem o nível biológico e alcancem a dimensão sócio-histórica, característica do ser humano.

Como veremos em seguida, várias disciplinas contribuem com esta concepção que supera, em elevada maneira, a visão estruturalista da língua e passam a encará-la como elemento constituinte e constitutivo da sociedade e da cultura, em uma relação dialética.

## 2.5. A relação entre linguagem, cultura e sociedade

Ao estudar a constituição da realidade (tanto em seu aspecto objetivo quanto subjetivo) e o surgimento dos instrumentos semióticos, percebe-se que a relação entre linguagem e sociedade é muito mais intrincada do que se poderia, a partir de uma verificação superficial, supor. No dizer de Bronckart (2012, p. 21), “as propriedades específicas das condutas humanas são o resultado de um processo histórico de socialização, possibilitado especialmente pela emergência e pelo desenvolvimento dos instrumentos semióticos”. Partindo dessa concepção, abordaremos, inicialmente, a relação da linguagem com a constituição objetiva e subjetiva da realidade – e, conseqüentemente, da sociedade – com destaque, na sequência, para o conceito de representações.

Um elemento crucial da realidade subjetiva é a identidade, a qual também seria impossível de se constituir sem a utilização da linguagem. De acordo com Santos (2010, p.37), vários autores concordam que a “as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e pelos sistemas simbólicos pelos quais são representadas” – ou seja: trata-se de uma construção, ao mesmo tempo, simbólica e social.

Já vimos, em Berger e Luckmann (2004), que todo sujeito conserva a certeza de que é, realmente, quem pensa ser, mediante a confirmação cotidiana que lhe é conferida pelos “outros significativos” – tais como o cônjuge e colegas íntimos de trabalho. As opiniões externadas, sucessivamente, pelos “outros” somam-se e, por fim, ocorre uma cristalização subjetiva, resultante destas várias definições da realidade. Ao abordar os mecanismos de conservação da realidade, Berger e Luckmann (2004) ainda afirmam que o mais importante veículo dessa conservação é o diálogo, a conversa. Portanto, mais uma vez, fica evidente a posição central da fala nesse processo.

Segundo Cuche (2002), todo grupo precisa ter uma língua, uma cultura e um território próprios. O autor traz importantes conceitos de cultura, distinguindo “cultura” e “identidade cultural”. A primeira se refere a processos inconscientes dessa construção sócio-histórica, como uma herança que passa de geração a geração. A identidade, por sua vez, está relacionada a uma vinculação consciente, na qual se faz presente uma forma de distinção entre “nós” e “eles”, calcada na diferença cultural.

Para o autor, o que caracteriza a “identidade social” do indivíduo são suas vinculações com um dado sistema social. Sendo assim, esse conceito não diz respeito

apenas ao indivíduo, mas sim ao grupo (ou melhor, aos grupos dos quais ele participa). Isso pode representar, ao mesmo tempo, inclusão e exclusão – ou seja, cada grupo, de um modo ou de outro, inclui uns e exclui outros sujeitos; e, da mesma forma, quando nos vinculamos a um grupo, automaticamente, desvinculamo-nos de vários outros.

Cabe ainda ressaltar que a linguagem não é simplesmente a expressão de um objeto, nem apenas pensamento – ela também é ação e, assim sendo, também é poder, pois “a palavra se torna poderosa quando alguma ‘autoridade’ social impõe um significado único e inquestionável, que determina uma ação automática” (LANE, 1981, p. 28). Na sequência, aprofundaremos mais a questão da identidade.

### **2.5.1. Representações**

O conceito de representações pode variar bastante, dependendo do campo em que é utilizado. Para Goffman (2002), as representações têm um sentido dramático, em que o autor utiliza uma linguagem teatral, trazendo figuras como “palco”, “ator”, “personagem” e “plateia”, entre outros, para descrever o comportamento social humano. Cury também faz uso frequente dessa linguagem, em diversas obras, referindo-se ao “teatro da nossa existência” e afirmando que “todos somos artistas no teatro da vida”. (CURY, 2013, p.43). Santos (2010, p. 170), por sua vez, resume a ideia: “a sociedade escreve o *script*, e nós incorporamos os papéis de como agir em dada situação”.

Essa maneira de compreender as relações sociais considera que toda interação humana é uma forma de atuação, ou seja, um papel desempenhado em relação ao outro, pois, na vida em sociedade, sempre utilizamos formas de representação para manifestar o nosso Eu aos outros. Segundo Goffman (2002), o Eu é constituído pelos vários papéis que o indivíduo representa, normalmente de acordo com o que dele é esperado (pelo meio social que o cerca). Ao longo de seu texto, o autor traz uma linguagem dramática, através de metáforas. Assim, é importante que o leitor compreenda o que ele quer dizer quando se refere, por exemplo, a atores (o Eu e o outro imediato, com quem me relaciono); palco (local onde se dá a interação, em dado momento histórico); personagem (o papel desempenhado, tanto quanto possível, de acordo com o que a plateia espera do ator); plateia (o meio social – aqueles que presenciam o desempenho dos papéis); bastidores (situações que estão por trás daquilo que os atores apresentam); espetáculo (a relação ou interação em si).



Goffman (2002) entende que o contexto sociocultural molda – ou, ao menos, influencia de maneira elevada – os comportamentos individuais: sempre que conhecemos alguém, procuramos obter o máximo de informações a seu respeito – desde o primeiro momento – especialmente para sabermos a melhor maneira de agirmos para com essa pessoa e o que podemos esperar dela. Enquanto não possuímos informações suficientes, normalmente julgamos o “novo ator” por sua conduta e/ou aparência, comparando-o com outros sujeitos semelhantes que conhecemos anteriormente, lançando mão de estereótipos.

Todavia, neste trabalho, adotamos a concepção de **representação linguístico-cultural** de Hall (1997), que o autor define como a construção do significado por meio da linguagem, a qual se utiliza de signos; e estes, como vimos anteriormente, são arbitrários. Ou seja, os objetos, as pessoas e eventos do mundo externo não têm qualquer significado final ou verdadeiro em si mesmos, visto que é o meio sociocultural que atribui significado às coisas. De acordo com Hall (1997, p. 61, tradução nossa), cultura e representação estão intimamente conectadas. E qual é a conexão entre elas?

De maneira simples: cultura diz respeito a ‘significados compartilhados’ – e a linguagem é o meio privilegiado no qual ‘damos sentido’ às coisas, em que o significado é produzido e intercambiado. Significados só podem ser compartilhados por meio de nosso acesso comum à linguagem; portanto, a linguagem é fundamental para os significados e para a cultura, tendo sido sempre considerada o acervo-chave de valores e significados culturais.<sup>7</sup>

As representações correspondem à ação implícita na experiência e nos significados que nos são atribuídos pelos “outros”, os quais fazem parte do nosso círculo de relacionamento. Dito de outra forma, a representação é o sentido que atribuímos, subjetivamente, aos significados elaborados socialmente (LANE, 1981, p. 34). Ainda, segundo Orlandi (2013), é a linguagem, como instrumento de socialização, que permite a objetivação dos processos de significação subjetiva e da construção de sentido.

Portanto, de acordo com esta concepção, a representação não significa um atributo mental ou interior, nem inclui qualquer sentido teatral. Antes, ela é concebida, segundo Silva (2002), como significante, isto é, como sistema de signos – desse modo, como marca exterior, visível. Assim, na representação está implícita toda a instabilidade

---

<sup>7</sup> No original: *To put it simply, culture is about 'shared meanings'. Now, language is the privileged medium in which we 'make sense' of things, in which meaning is produced and exchanged. Meanings can only be shared through our common access to language. So, language is central to meaning and culture and has always been regarded as the key repository of cultural values and meanings.*

da linguagem. Ela é, então, um sistema de atribuição de significado – “a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder” (SILVA, 2002, p. 91).

Para Berger (1986), nossa relação se dá por meio de controles formais e informais (tais como o trabalho, a escola, a igreja, grupos de amigos, entre outros); mas, eminentemente, através de códigos – ou símbolos – por meio dos quais aprendemos a moralidade e os costumes. Assim, a sociedade se apresenta como um forte determinante da nossa constituição, enquanto sujeitos. À medida que lembramos, reinterpretemos os acontecimentos; ou seja, nossa percepção e memória selecionam os fatos de acordo com nossos objetivos. Dessa maneira, estamos constantemente ressignificando nossas interpretações (BERGER, 1986, p. 68), uma vez que as transformações na estrutura social provocam em nós também constantes mudanças e, assim, ressignificações.

Vimos, anteriormente, que a identidade adquire sentido através da linguagem e dos sistemas simbólicos, por meio dos quais é representada. Isso significa que sua construção é, simultaneamente, simbólica e social, de modo que a representação é uma ação simbolicamente determinada para classificar o mundo objetivo e nossa relação com ele. De acordo com Woodward (2002, p. 17), a representação “inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos, por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito”. Os sistemas de representação situam, juntamente com os discursos, o lugar “de onde os indivíduos falam”. Dessa forma, há um estreito e evidente vínculo entre a construção de significados e a construção de identidades. Estas, portanto, são efetivadas pelos sistemas de representação.

Segundo Lane (1981, p. 23), é preciso refletirmos a respeito das razões históricas pelas quais o nosso grupo ou sociedade nos influencia a agirmos de uma determinada forma. Quando isso acontece, percebemos que é possível mudar nossa identidade, à medida que colocamos em xeque os papéis determinados historicamente. Então, emerge o “sujeito” da identidade social: “a consciência individual do homem só pode existir nas condições em que existe a consciência social” (LEONTIEV, 1978, p. 130). Contudo, o processo de alteração de uma identidade social não é algo simples, pois os grupos e papéis que a definem são gerenciados por instituições – e toda instituição busca, via de regra, a sua perpetuação.

De acordo com Hall (2003), representações também têm uma forte ligação com a ideologia. O autor discorre sobre a visão althusseriana deste tema, a qual rompe com a

concepção marxista clássica e traz significativos ganhos para a maneira como se vê hoje a ideologia. De acordo com essa visão (althusseriana), as ideologias são tidas como sistemas de representação que incluem conceitos, ideias e mitos, em que vivemos nossas relações imaginárias com as condições reais de nossa existência. Ainda, segundo essa visão, a teoria da ideologia deve incluir os sujeitos e a subjetividade, o que não ocorreu nas primeiras teorias marxistas. Essa teoria que aborda a ideologia deve, portanto, ser capaz de explicar a consciência de si, no discurso ideológico.

A visão marxista clássica que, segundo Hall (2003, p.271), é fundamentada na premissa materialista, na tese do determinismo econômico e nas correspondências fixas entre a dominância no campo econômico e no ideológico, carrega a ideia de identificar as contradições sociais em diferentes níveis de prática social, simplesmente por meio de um princípio orientador da organização social e econômica – o modo de produção. Isso definitivamente não contribui para uma adequada compreensão da ideologia, em seu amplo espectro.

A compreensão de uma formação social abrange o reconhecimento de que existem diferentes contradições sociais, de origens distintas. De acordo com Hall (2003), essas contradições alavancam os processos históricos, que nem sempre aparecem no mesmo lugar, nem causam as mesmas consequências históricas. O papel da ideologia seria, então, fixar significados, ao estabelecer equivalências. Althusser (1969) também critica a noção de falsa consciência, a qual dá a ideia da existência de uma ideologia única e verdadeira para cada classe social. Tanto o conhecimento ideológico quanto o científico são produzidos na prática – não surgem simplesmente como reflexo da realidade na linguagem – e as relações sociais somente adquirem significado quando representadas na linguagem.

Não há prática social fora do contexto do significado. Hall (2003) argumenta que as ideias não flutuam no espaço vazio, abstrato – elas se materializam nas práticas sociais, das quais fazem parte ativamente. Assim, o ‘social’ nunca está dissociado da semiótica, o que significa que cada prática social se constitui na interação entre significado e representação. Por isso, o autor defende que não existe prática social isenta de ideologia.

Sendo assim, fica claro, conforme nos mostra o autor, que ideologias são “referenciais mentais – linguagens, conceitos, categorias, conjunto de imagens do pensamento e sistemas de representação – que diferentes classes e grupos sociais

empregam para dar sentido, definir, decifrar e tornar inteligível” a dinâmica da sociedade. (HALL, 2003, p. 267). Em outras palavras, são sistemas de representação materializados em práticas. Portanto, o conceito de uma ideologia dominante e uma ideologia dominada é uma forma insuficiente de encarar a complexa interação de diferentes discursos e formações ideológicas, em qualquer sociedade contemporânea.

O campo da ideologia, segundo Hall (2003), não se constitui como uma seara de cadeias discursivas de classes excludentes e, internamente, autossustentáveis. Em geral, elas disputam entre si, a partir de um rol compartilhado de conceitos, articulam, desarticulam e rearticulam esses conceitos em sistemas de diferença e/ou equivalência. Precisamos, constantemente, de sistemas aptos a representar o significado do real, tanto para nós quanto para os outros e, de acordo com o autor, nós (seres humanos) usamos vários sistemas de representação para experienciar, dar sentido e compreender as condições de nossa existência.

Dessa forma, pode-se dizer que não há experiência fora dos sistemas de representação; ou seja, da ideologia. Os indivíduos normalmente não têm ciência dos esquemas da ideologia, quando emitem uma declaração ideológica. Porém, Lima (2020), afirma que a ideologia não está oculta, por trás do discurso – ao contrário, está na frente, ficando evidente na própria mensagem. O autor cita a ideologia da produtividade: uma ideologia atrelada à lógica neoliberal do empreendedorismo, do sujeito que não pode perder tempo. Em outras palavras, é o mito do sujeito produtivo, de alta *performance*, que entende o corpo como mero mecanismo a serviço da produção de riqueza.

De volta a Hall (2003), segundo o autor faz-se necessário, em qualquer configuração social específica, considerar – no mínimo – como ‘classe’, ‘raça’ e ‘gênero’ se articulam mutuamente para estabelecer posições sociais. O campo ideológico tem seus próprios mecanismos e relativa autonomia de constituição, controle e luta social. A concepção de que as ideologias sempre estão, necessariamente, inscritas no campo das lutas de classe não abre espaço para pensarmos adequadamente sobre as alterações de ênfase na linguagem nem na ideologia, que é um processo constante e interminável.

## 2.6. A Inteligência Socioemocional (ISE) – uma introdução

Em face do horizonte temporal em que vêm se desenvolvendo a sociologia e a psicologia social, entendemos que o conceito de ISE ainda é extremamente recente – a nosso ver, ainda em construção. Esta concepção, proposta por Cury (2019), com base em sua tese *Freemind* (2013), inclui habilidades internas e interpessoais, e compõe uma nova proposta de educação, conforme veremos na sequência.

Ao partir do conceito de **inteligência**, percebe-se que este tem evoluído bastante desde o início do século passado, quando foi criado o instrumento psicométrico reconhecido como o primeiro teste de QI – quociente intelectual (CURY, 2020, p. 6). Desde então, estudiosos vêm trabalhando na reconceituação desse instrumento, que passou por várias adaptações, abrangendo também fatores outros, tais como: faixa etária, capacidade de planejamento, habilidades verbais e consciência espacial. Entretanto, até o final do século XIX, essas adaptações correspondiam a variações dentro de uma mesma base conceitual de inteligência, isto é, racional, linear e centrada no intelecto.

Embora aquele instrumento tenha o seu valor histórico, os estudiosos começaram a constatar, ao longo daquele século, que um elevado número de alunos com níveis de QI considerados altos não eram bem-sucedidos na idade adulta. Por outro lado, em todas as áreas, havia adultos jovens que, embora apresentassem um nível de QI considerado mediano, brilhavam tanto na vida pessoal quanto profissional (CURY, 2020). Portanto, os estudiosos mais intrigados queriam saber o que teria feito a diferença e, no final, dois fatores se destacaram: os aspectos emocionais e, mais recentemente, os sociais.

Goleman, em 1995, organizou os conceitos de Inteligência Emocional, redefinindo as bases para uma nova concepção de inteligência, sob a perspectiva da psicologia e da neurociência. Cury (2013), psiquiatra social e escritor, por sua vez, aprofundou os estudos sobre o funcionamento da mente humana e, ao mesmo tempo, ressaltou os fatores sociais, trazendo o **social** e o **emocional** para um ponto de maior equilíbrio. De qualquer forma, vale enfatizar que ambas as abordagens demonstram, definitivamente, que a inteligência humana não é como a de um computador – não se compõe apenas de funções lógico-matemáticas, nem funciona de modo linear, como veremos mais detalhadamente à frente. Sendo assim, poderíamos dizer, parafraseando

Corbisier (1987, p. 246), conforme vimos em tópico anterior: a inteligência (socio)emocional não exclui a intelectual, mas a incorpora e supera.

Em sua tese de doutorado, Cury (2013, p. 12) propõe o programa *Freemind*, com ferramentas da psicologia (social, educacional e organizacional), filosofia, sociologia e pedagogia; ou seja, “baseado em diversas teorias comportamentais, analíticas, filosóficas, sociológicas e pedagógicas”. Além disso, o autor utiliza também o exemplo de líderes eminentes da história que fizeram a diferença em seu tempo. Por outro lado, a principal base do *Freemind* é a Teoria da Inteligência Multifocal (CURY, 1999), desenvolvida ao longo de mais de 30 anos, em sua experiência como psiquiatra e pesquisador. Essa teoria estuda múltiplos focos do funcionamento da mente, tais como: o complexo processo de construção dos pensamentos, o processo de formação do Eu como gestor da psiquê, os papéis da memória, o processo de gestão da emoção, entre outros.

No âmbito do referido programa, as 12 ferramentas propostas, todas interligadas, desdobram-se em diversas atividades estratégicas para a prevenção de transtornos psíquicos e para que as pessoas possam desenvolver sua autonomia – isto é, alcançar o estágio de uma *Mente Livre (Freemind)*. Nesse programa proposto pelo autor, cuja aplicação foi concebida para durar cerca de 3 meses, as atividades seriam realizadas preferencialmente em grupo, podendo este ser aplicado em instituições de ensino, empresas, igrejas, instituições sociais, clínicas de recuperação, entre outras.

Paralelamente, Cury desenvolvia outro instrumento, o programa “Escola da Inteligência” (EI), criado, originalmente, como um método de ensino para ser aplicado em sala de aula. Trata-se de um instrumento inovador, que busca promover nos jovens a consciência crítica, a inteligência emocional, a saúde psicossocial e o cultivo do relacionamento interpessoal, no intuito de ajudar os alunos a lidarem, com resiliência e criatividade, com os desafios da vida. A meta do programa é ambiciosa: desenvolver uma nova geração de pensadores mentalmente livres e emocionalmente saudáveis, de acordo com Cury (2013). Hoje, esse programa está presente em mais de 1000 escolas, com cerca de 300 mil estudantes, em todo o Brasil.

Os princípios da ISE, utilizados na concepção do programa EI, foram organizados e publicados em forma de livro, em 2019, sob o título “Inteligência Socioemocional – Ferramentas para pais inspiradores e professores encantadores”. Como o próprio título sugere, seu principal público-alvo são pais e professores, advindos dos mais diversos níveis socioculturais. Nela, o autor propõe 5 ferramentas – pinçadas do

programa *Freemind* – para desenvolver nos pais e docentes a habilidade de, por sua vez, formarem indivíduos (no caso, filhos e alunos) centrados e realizados. Contudo, percebemos que o maior diferencial na obra de Cury está na concepção de educação por ele proposta, conforme veremos adiante.

Não há pretensão de abarcar toda a concepção da ISE neste trabalho; ao contrário, estamos cientes de que fazemos apenas uma introdução ao tema – afinal, trata-se da relação do complexo mundo interno com o (também complexo) mundo externo. Aqui, vemos somente a “ponta do *iceberg*” das teorias do autor. Expomos, então, alguns de seus princípios básicos, a saber: a relação dialética do **emocional** com o **social** – ou seja – do indivíduo com o meio social; a fundamental “gestão da emoção”; e a Educação Socioemocional humanizada, segundo a concepção de Cury (2013).

Como temos visto, a relação com o meio é crucial para a formação do “Eu”. Nesta linha, uma fundamental contribuição vem da psicologia social que, dentre outros fatores, aborda a construção do Eu. Lane (1981), por exemplo, afirma que à medida que interage com o “outro”, cada indivíduo vai formando o seu Eu e construindo a sua consciência de si. Segundo a autora, é por meio da linguagem e de acordo com o nosso grupo social que descrevemos as coisas, relatamos nossas experiências e acreditamos na realidade objetiva que nos é apresentada, a qual passa a ser subjetivamente nossa também.

Aprofundando mais este tema, vemos que não só para a formação, mas também para a manutenção de um “Eu” saudável, essa relação social é fundamental. Já vimos que para o sujeito manter a convicção de que é, realmente, quem pensa ser, ele necessita de sua reafirmação constante, por parte dos “outros significativos” – e os autores Berger e Luckmann (2004) acrescentam que essa reafirmação deve ser carregada de emoção; pois da mesma forma que a realidade é interiorizada por um processo social, também é mantida por processos sociais.

Segundo Cury (2013, p. 7 e 45), o conceito de “Eu” inclui a “nossa consciência crítica, nossa vontade consciente e capacidade de decidir”. Em outras palavras, é nossa “capacidade consciente de escolha ou autodeterminação”, estando em íntima relação com a nossa identidade. Ressaltamos que os aspectos emocionais são indissociáveis dos sociais, fazendo parte, dialeticamente, do processo de subjetivação da linguagem e da formação do pensamento, conforme visto em Vigotski (2007 e 2008).

Há dois termos distintos que normalmente são utilizados para se referir ao “Eu”, que são: “indivíduo” e “sujeito” – cada um com diferentes implicações. Gaulejac (2004)

propõe a construção de uma sociologia do sujeito, para a compreensão dos processos psicossociais que fundam a existência do indivíduo, sua dinâmica subjetiva, sua relação com o mundo e sua identidade. O termo “indivíduo”, mais frequentemente utilizado pela psicologia, está mais focado em questões internas, enquanto a expressão “sujeito”, mesmo enfatizando aspectos individuais (subjetivos), envolve também questões relacionais – não menos importantes.

Segundo Gaulejac (2004), espera-se que uma sociologia do sujeito ofereça a possibilidade de leitura dessa complexidade, para melhor compreendermos o indivíduo (ou, no caso, o sujeito) como um ser autônomo e determinado, produto e produtor da sociedade, singular e, ao mesmo tempo, semelhante a todos os outros. Embora, evidentemente, as questões internas sejam fundamentais, focaremos, por enquanto, no segundo termo (o “sujeito”), que certamente interessa também à psicologia social.

Retomando o exemplo da sintaxe (tópico 2.2), vemos que o sujeito tem relação com o meio, ainda que este meio não esteja expresso na oração. Por exemplo, se uma pessoa diz “Eu cheguei!”, a oração não tem objeto, mas ainda assim é certo que esse sujeito tem uma relação com o meio: se ele chegou, chegou a algum lugar! Vale lembrar as afirmações que vimos anteriormente em Vigotski (2008), de que até mesmo a individualidade do ser humano se constitui das trocas com a coletividade e que somos o que somos através dos outros. Então, assim como o sujeito da oração tem, via de regra, relação com um objeto ou com o meio (algo, alguém, algum lugar), o sujeito social também está sempre em relação com os elementos objetivos da sociedade.

Essa relação também está evidente no conceito da ISE. De acordo com seu autor, quanto mais inferior é uma espécie, menos dependente ela é de seus pais e dos outros indivíduos. Entre os mamíferos, por exemplo, os filhotes são altamente dependentes de seus genitores, pois além do instinto, precisam aprender também com a experiência para sobreviver. Na espécie humana, essa dependência é ainda mais intensa, porque as experiências apreendidas são consideradas mais importantes do que as instintivas (CURY, 2013).

Embora Cury (1999, 2013) tenha estudado as questões mais basilares do funcionamento da mente, tendo postulado teorias como a da Inteligência Multifocal (1999), vemos toda a sua obra permeada por questões relacionais. O autor afirma, em sua teoria, que a “aeronave mental” possui “copilotos” do Eu, que frequentemente agem independentemente da nossa vontade consciente, podendo conduzir a um “voo”



desastroso (CURY, 2013, p. 61 e 64) e tirar o protagonismo do Eu. Conforme dizíamos na introdução deste tópico, a ISE inclui habilidades internas e interpessoais, as quais demandam flexibilidade para gerenciar pensamentos, proteger a emoção, pensar antes de reagir e colocar-se no lugar do outro – entre outras – em uma trajetória que leve o indivíduo a ser o protagonista ou, porque não dizer, o autor (ou o sujeito) de sua história.

Por falar em ser sujeito de sua história, um dos pontos de fundamental importância a ser correlacionado entre os principais autores aqui referenciados, é o aspecto histórico da vida social humana. Dialeticamente falando, “todos os fenômenos são estudados como processos em movimento e mudança, [...] mudanças históricas na sociedade e na vida material produzem mudanças na ‘natureza humana’” (SANTOS, 2010, p. 64).

Gergen (2011) também analisa “o Eu como construção social” (*the Self as a social construction*), ressaltando que tudo que consideramos como conhecimento do mundo e do “Eu” tem sua origem nas relações sociais. Tudo que acreditamos ser verdadeiro, científico, racional e/ou moral é criado por meio de processos sociais situados histórica e culturalmente. Além disso, segundo este autor, a linguagem ocupa o ponto central nessa construção social do “Eu”, já que o significado é entendido como derivado do uso da linguagem nos relacionamentos. Ademais, o conceito de mundo é governado, em grau significativo, pelas convenções de uso da linguagem, de acordo com o autor.

De volta a questões relacionais apontadas por Cury (2013, p. 13), este afirma que “uma pessoa feliz, autônoma e saudável tem mais chances de, ao se relacionar com os outros [...] contribuir para fazê-los felizes e saudáveis”, ao passo que “uma pessoa emocionalmente ansiosa e estressada tem chance de [...] adoecer quem está próximo”. Portanto, segundo o autor, as relações interpessoais merecem destaque, visto que podem, por um lado, “promover cárceres psíquicos”, ou, por outro, “mentes livres”.

Outro ponto a se destacar na obra de Cury (2013, p. 47) é o tópico intitulado como “A fascinante construção do Eu”, no qual o autor destaca o papel da linguagem, tanto no processo da formação do Eu quanto em sua expressão – o que demonstra o grau de desenvolvimento do sujeito. Segundo o autor, o que demonstra a surpreendente habilidade do Eu é “um dos fenômenos mais belos da mente humana”, que evidencia o aceleramento de sua maturação, o “seu grande despertar”: a utilização dos símbolos verbais para expressar sua intenção. Não é o correto uso do tempo verbal que impressiona, mas a ousadia e a capacidade de encontrar entre bilhões de arquivos, no “escuro da

complexa cidade da memória”, a palavra que expressará sua intencionalidade – a sua fascinante habilidade de fazer uma leitura multifocal das inúmeras “janelas de memória” (ibidem) e lidar com dados subjacentes para expressar sua vontade e acreditar que o outro o compreenderá.

Segundo o autor, o nosso Eu tem a capacidade de encontrar, em milésimos de segundos, “endereços” como verbos e substantivos, acreditar que os encontrou, sem saber de antemão qual escolheria, usar símbolos linguísticos, crer que está utilizando os elementos adequados para expressar um pensamento e se fazer entender. O autor compara essa capacidade ao ato de localizar um endereço na periferia de uma grande metrópole, com os olhos vendados, sem ajuda de terceiros e sem esbarrar em nada. Só que a “cidade” da nossa memória tem milhões de vezes mais endereços do que uma metrópole como São Paulo, por exemplo.

## **2.7. A gestão da emoção**

Dentre diversas ferramentas propostas por Cury, tanto em sua tese *Freemind*, quanto na ISE, focaremos nesta: “proteger e administrar a emoção” (CURY, 2013, p. 78 e 94), que tem interfaces com outras ferramentas e também está presente em sua obra “Inteligência Socioemocional” (CURY, 2019). Segundo o autor, a emoção é mais difícil de ser gerenciada do que os pensamentos, já que é ilógica, multifocal e instável por natureza: “A emoção se transforma num processo contínuo. A alegria se alterna com a ansiedade, que se alterna com a tranquilidade, que se alterna com a apreensão. Todavia, flutuações bruscas revelam uma emoção doente” (CURY, 2013, p. 79).

De acordo com Cury (2013), nossa “aparente gentileza” esconde uma “bomba emocional”, sendo que muitas pessoas perdem a paciência por coisas ínfimas. “Essa bomba emocional implode, gerando sintomas psicossomáticos ou explode gerando transtornos sociais” (CURY, 2013, p. 123). Salovey e Mayer (1990), por sua vez, afirmam que o controle das emoções constitui os processos mentais associados à inteligência emocional e esse controle permite que o indivíduo regule e direcione seus humores. No relacionamento com os outros, isso favorece a avaliação das reações afetivas externas, facilitando a escolha do comportamento social mais adequado a uma determinada interação social.

Conforme dissemos, Cury (1999) aprofundou-se no estudo do funcionamento da mente e, em sua Teoria da Inteligência Multifocal, postula que existem mecanismos coadjuvantes do “Eu”, os “copilotos” que permitem o desempenho das surpreendentes habilidades da nossa mente, como a que citamos no subtópico anterior (da expressão oral). Ocorre, porém, que esses mecanismos auxiliares podem assumir o controle de nossas ações e reações, o que pode gerar situações desastrosas. Cury (2013, p. 61 e 64), descreve os seguintes mecanismos: o “gatilho da memória”, o “autofluxo” e as “janelas da memória”, que abordaremos, sucintamente, em seguida.

O “**gatilho da memória**”, segundo o autor, é um fenômeno inconsciente, ativado em fração de segundos a cada estímulo extra ou intrapsíquico, que abre as “janelas de memória”, permitindo a sua instantânea interpretação. Todos os dias somos expostos a imagens e palavras (escritas ou faladas), que são imediatamente interpretadas pela ativação desse mecanismo. Portanto, esse fenômeno também é chamado, pelo mesmo autor, de “autochecagem” da memória, acrescentando que a atividade do gatilho de memória é “fenomenal” (ibidem), checando os estímulos de bilhões de dados na memória a uma velocidade surpreendente – em milissegundos. Se, por um lado, o gatilho da memória é um auxiliar essencial do Eu, por outro pode causar grandes desastres: ele pode abrir janelas equivocadas ou doentias e levar a interpretações superficiais, preconceituosas, fóbicas, aversivas, obsessivas, ou até mesmo a uma atração fatal, no caso do uso de drogas. Assim, o gatilho da memória, que é um “copiloto”, ou um “ator coadjuvante” do Eu, também pode escravizá-lo.

O “**autofluxo**”, de acordo com o autor, é um fenômeno inconsciente de importância essencial para a psique humana. A leitura da memória realizada pelo Eu (consciente) é lógica, dirigida e programada, porém sem profundidade. Por outro lado, a leitura do autofluxo é diferente: ele efetua varreduras inconscientes, aleatórias e não programadas dos inúmeros campos da memória, comumente a partir das janelas abertas pelo gatilho da memória, gerando pensamentos, imagens mentais, ideias, fantasias, desejos e emoções. É ele quem cria os pensamentos que nos distraem, as imagens mentais que nos encantam e as emoções que nos fazem sonhar, levando-nos a uma “viagem” sem compromisso com o “ponto de partida”, o “itinerário” ou o “destino”. É o fenômeno do autofluxo que mantém viva a dinâmica das estruturas intelectuais e emocionais, em cada momento histórico. É por meio dele que a nossa mente tem liberdade para pensar, fantasiar, sonhar e imaginar. Se não fosse esse fenômeno, de acordo com o autor, haveria

frequentes suicídios coletivos, ou morreríamos de tédio, pois os pensamentos e ideias (cadeias de pensamento ou raciocínio) produzidos pelo fenômeno do autofluxo são a maior fonte de distração, prazer e inspiração humana.

As “**janelas da memória**” são territórios de leitura, em um determinado momento existencial. Na memória humana – diferentemente dos computadores – temos acesso a regiões específicas, as quais o autor chama de janelas. O nosso grande desafio é abrir o maior número possível de janelas em cada foco de tensão; mas, infelizmente, tendemos a fechá-las e reagir instintivamente, como animais irracionais, ficando reféns de ciúmes, fobias, ira, compulsão, necessidade neurótica de poder e dependência, entre outros sentimentos doentios.

De acordo com a teoria do autor, existem três tipos de janelas: as **janelas “neutras”**, que contêm bilhões de informações sem qualquer conteúdo emocional, como endereços, números de telefone, conhecimento profissional e dados do cotidiano (mais de 90% do total de informações armazenadas na memória humana, segundo o autor); as janelas “**killer**” (ou traumáticas), as quais correspondem às regiões da memória que contêm as experiências traumáticas, como decepção, rejeição ou exclusão, insegurança, injustiça, perdas, crises, traições, medo, ódio e, por consequência, produzem emoções doentias, como: angústia, obsessão, estresse, depressão e compulsões, entre outras; detendo elevado potencial para controlar, amordaçar e sufocar a autonomia do Eu; e as janelas “**light**”, que correspondem às áreas de leitura que contêm memórias prazerosas, lúcidas, coerentes, tranquilizadoras e serenas, registradas a partir de experiências saudáveis, como: apoio, superação, encorajamento, sensibilidade, tolerância, capacidade de se colocar no lugar do outro, de pensar antes de reagir, de amar, de entregar-se e solidarizar-se. Segundo o autor, as janelas *light* “iluminam” o Eu e criam um alicerce para sua maturidade, clareza e coerência.

Quando o ponto de partida para a leitura do fenômeno do autofluxo são janelas doentias (“*killer*” ou “traumáticas”), abertas pelo gatilho da memória, o autofluxo se ancora naquelas janelas e produz milhares de pensamentos perturbadores e emoções também doentias. Por isso, há a extrema importância de gerenciarmos nossas emoções, ou nas palavras do autor, promover “o resgate da liderança do Eu” (CURY, 2013, p. 80).

Resumidamente, por “gestão da emoção”, Cury (2013, p. 78) entende: submeter o campo emocional ao gerenciamento do Eu, por meio do desenvolvimento de habilidades que lhe permitam filtrar estímulos estressantes e dar um “choque de lucidez” (ibidem)

em sentimentos doentios, como os citados acima. Segundo o autor, as pessoas têm muito mais facilidade de lidar com questões de enfermidade física, do que com a distúrbios emocionais.

De acordo com Cury (2013), é difícil até as pessoas falarem a respeito de eventuais transtornos emocionais que estejam enfrentando. Esta dificuldade corresponde ao que Clot (2010, p. 139) chama de “o difícil de dizer”. Para este autor, o termo se refere àquilo que o sujeito tem dificuldade para expressar – quando se depara com algum pensamento ou sentimento cuja materialização linguística é dificultada, por diversos fatores – normalmente do campo socioemocional. Quando isso ocorre, o sujeito tende a buscar uma forma alternativa de se expressar – e isso é o que mais preocupa.

Há, porém, inúmeros procedimentos e técnicas propostas pelo autor, não só nas obras mencionadas neste trabalho, mas em diversas outras de sua autoria, que se complementam, e que permitirão ao sujeito lidar com suas emoções de forma adequada. Selecionamos quatro procedimentos práticos, dentre os sugeridos pelo autor, para apresentar neste trabalho: exercitar o pensar antes de reagir; o poder da palavra (fala/diálogo), as técnicas do DCD e do autodiálogo; e a reedição das memórias doentias.

Exercitar o “**pensar antes de reagir**”, mediante a “oração dos sábios”, segundo o autor, é uma das “técnicas de ouro” da gestão da emoção – é praticar o silêncio proativo nos focos de tensão ou momentos de conflito, considerando que: “minha paz vale ouro, o resto é insignificante” (CURY, 2019, p. 14) – isso porque, para o autor, estamos habituados a reagir quando somos contrariados. O sujeito impulsivo, aquele que reage sem pensar, não está protegendo seu território emocional e poderá destruir rapidamente seus melhores relacionamentos, ou mesmo destruir uma pessoa a quem ama. É preciso lembrar que durante os primeiros 30 segundos de tensão ou conflito, o sujeito pode cometer os maiores erros de sua vida, dizendo palavras que nunca deveriam ser ditas e/ou fazendo coisas que nunca deveriam ser feitas.

Quanto ao **poder da palavra**, nota-se uma elevada quantidade de literatura demonstrando que a linguagem exerce papel de elevado destaque, tanto na constituição do sujeito, quanto na objetivação dos conteúdos subjetivos, evidenciando o estágio de maturação do Eu (CURY, 2013, p. 47-48); ou seja, materializando o mundo subjetivo, conforme Santos (2010). Para Cury, há ainda um ambíguo poder na fala, ou seja, na palavra: em questão de segundos, podemos destruir alguém (se reagirmos meramente por instinto), ou podemos utilizá-la para edificar, para aproximar as pessoas – conforme

vimos também em Berger e Luckmann (2004) – reforçar a identidade (base para a maturidade do sujeito) e também para aliviar tensões. De fato, este último atributo da fala (para aliviar tensões) não é novidade; porém, temos uma tendência a fazer exatamente o contrário: a nos fecharmos em volta de nossos conflitos internos. Cury (2013, p. 144) propõe o seguinte: “Tenha coragem de dialogar sobre os dias mais tristes da sua vida [...]. Tenha ousadia de contar suas dificuldades e derrotas do passado. Fale das suas aventuras, dos seus sonhos e dos momentos mais alegres de sua existência”.

Cury (2013) reforça a extrema importância da arte de ouvir e da arte de dialogar: Para ele, a arte de ouvir é: estar aberto para **ouvir** o que os outros têm a dizer, e não o que queremos que eles digam; exercitar a capacidade de se colocar no lugar do outro e estar ciente de suas dores e necessidades; respeitar as lágrimas visíveis e exercitar a sensibilidade com o fim de perceber as lágrimas que não foram derramadas. Por outro lado, a arte de **dialogar**, segundo o autor, é: falar de si mesmo; trocar experiências de vida; revelar os segredos do coração; ser transparente, não simulando sentimentos e intenções; não ter vergonha de seus fracassos ou medo de suas falhas; respeitar os limites e conflitos dos outros.

De acordo com o autor, “o diálogo interpessoal que cruza os mundos psíquicos [...] implode a solidão” (CURY, 2013, p. 109) bem como diversos outros sentimentos negativos. No “Você é Insostituível”, um programa gratuito de prevenção da depressão e do suicídio, de criado por Cury (2017), o autor orienta o participante do programa a dividir com outras pessoas, a aprender a ‘matemática’ da emoção, na qual a divisão aumenta – aumenta a capacidade de superação, dando mais ‘musculatura’ para o seu Eu se tornar autor a sua própria história; isto é, quando dividimos o peso de nossos conflitos internos com outras pessoas, por meio do diálogo.

O autor ainda acrescenta que “as duas artes se complementam (o ‘ouvir’ e o ‘dialogar’) – uma depende da outra. Quem não aprender a ouvir nunca saberá dialogar. Quem não aprender a falar de si mesmo, nunca será um bom ouvinte” (CURY, 2019, p. 109). Somos seres sociais e essa relação com a vida em sociedade pode nos gerar transtornos; mas podemos também encontrar justamente aí, na relação social, parte fundamental da solução para os mesmos distúrbios.

Quanto à técnica do **DCD (duvidar, criticar e determinar)**, essa pode ser, segundo o autor, uma “excelente ferramenta” para prevenir transtornos mentais e/ou emocionais. “A ‘arte de duvidar’ é o princípio da sabedoria na filosofia. A ‘arte de

criticar' é o princípio da sabedoria na psicologia. E a 'arte da determinação estratégica' é o princípio da sabedoria na área de recursos humanos" (CURY, 2013, p. 72). Essa técnica consiste em **duvidar** de tudo o que pretende nos controlar e **criticar** cada pensamento que queira nos perturbar, dando um choque de lucidez em cada emoção doentia. Quando o Eu é frágil no campo das emoções, ele fica como que observando passivamente: sua angústia, tristeza, irritação, impulsividade, agressividade, bem como sentimentos de culpa, autopunição, medo, ódio, entre outros. Segundo o autor, se as pessoas aprenderem a não se tornar vítimas das janelas *killer*, por meio da técnica do DCD, não só as enfermidades poderão ser resolvidas, mas também os conflitos sociais.

Podemos dizer que há outra técnica análoga ao DCD, que vai um passo além, que segundo o autor é a "**a arte do autodiálogo**", uma ferramenta de qualidade de vida que pode ser utilizada como técnica psicoterapêutica e/ou psicopedagógica. Segundo Cury (2013, p.124), um dos fatores que levam ao autoconhecimento é a reflexão sobre as próprias experiências, pois essa permite que a pessoa dê sentido à sua vivência, o que pode ajudar a criar a autoconsciência. Esta técnica, também chamada pelo autor de "mesa redonda do Eu", é um diálogo com nossos "fantasmas", medos e eventuais dependências – entre todas as possíveis "versões do Eu", como as descritas por Berger e Luckmann (2004).

O autodiálogo é uma reavaliação de nossa postura de vida, é um pleno exercício de nossa capacidade de decidir, questionar e direcionar nossas histórias. Um sujeito que pratica o autodiálogo pode adquirir a capacidade de superar suas mazelas psíquicas e também pode se humanizar; ou seja, tornar-se tolerante, sereno e humilde. Essa prática permite a construção do que o autor chama de a "sociedade intrapsíquica" – um "encontro" que temos com nossos personagens no teatro de nossas mentes. A sociedade intrapsíquica é o exercício do nosso Eu em debate crítico com nossos bloqueios, nossas decepções, nossas crises, nossas perturbações, nossos projetos e sonhos. O autodiálogo não visa apenas promover a reedição do filme do inconsciente, mas principalmente construir janelas paralelas saudáveis na memória, fortalecer o Eu e melhorar a "paisagem do inconsciente", criando novos espaços para o raciocínio lúcido. A aplicação desta técnica é fundamental para que deixemos de ser vítimas de conflitos e desenvolvamos a capacidade de fazer escolhas, ter coragem para recomeçar depois de falhar, e corrigir rotas.

O grau de sabedoria e maturidade de uma pessoa não é dado pelo quanto ela tem de cultura acadêmica, sucesso empresarial e social, mas pela sua capacidade e frequência de fazer uma mesa-redonda com seu próprio ser, de questionar seus pensamentos e emoções, de criticar suas verdades, de repensar sua vida, de refazer caminhos (CURY, 2013, p. 121).

Quanto à **reedição das memórias** doentias, pode-se dizer que ela está entrelaçada com as técnicas acima descritas, pois as utiliza como base. Como já foi dito, Cury (2013) afirma que o cérebro humano opera diferentemente do funcionamento dos computadores. Nos dispositivos eletrônicos, um dos procedimentos mais fáceis é deletar os arquivos da memória. Contudo, no cérebro humano isso não é possível. Felizmente, porém, segundo o autor, é possível **reeditar** as nossas memórias – em conformidade com Berger e Luckmann (2004, p. 212), que usam a expressão “reinterpretação dos fatos”. Para Cury (op.cit, p. 129), “não é possível apagar o passado, apenas reeditá-lo ou construir janelas paralelas para nos alicerçar a construção de uma nova visão do mundo e das coisas.” Isto é, harmonizar o Eu presente com o Eu do passado, no dizer de Berger e Luckmann (op.cit), ressignificando nossas interpretações, já que nossa percepção e memória selecionam os fatos de acordo com nossos objetivos.

Reeditar as memórias, segundo o autor, é registrar novas experiências sobre “as experiências negativas nos ‘arquivos’ onde estão armazenadas” (CURY, 2013, p. 100). Um dos papéis mais relevantes do Eu como autor da sua história é reescrevê-la. Seu maior desafio é controlar, dissipar e gerenciar o medo, a ansiedade e outros sentimentos negativos, quando estes já estão instalados. Utilizando a figura do teatro, o Eu deve sair da plateia, entrar no palco e dirigir a peça dos pensamentos e emoções que se passam em sua mente, ou até mesmo evitar que a apresentação da peça se inicie, o que se obtém por meio da reedição do filme do inconsciente e/ou da construção de janelas paralelas, segundo o autor. Podemos e devemos registrar novas experiências saudáveis e reeditar as janelas “*Killer*”, para corrigir áreas de conflito ou superar eventuais traumas.

Devemos usar a técnica do DCD para reeditar o filme do inconsciente e o autodiálogo para criar janelas paralelas. Felizmente, podemos reeditar as janelas doentias e construir janelas paralelas muito ricas, de acordo com o autor, que contenham ousadia, segurança, determinação; enfim, resgatar a liderança do Eu, deixando de ser controlados e passando a controlar a nossa própria vida.



## 2.8. ISE e a Educação

Segundo Hengemühle (2018), Cury é um pensador contemporâneo que, embora seja médico psiquiatra, tem o seu maior legado na área da educação, para a qual propõe um modelo humanista – tema de importante interface com diversos pesquisadores referenciados neste trabalho. Santos (2010), por exemplo, descreve a proposta deste modelo (humanista), mostrando que sua ênfase está no sujeito – no caso, o educando – o qual é considerado o principal elaborador do próprio conhecimento, sendo que os conteúdos, ou mesmo a metodologia, não podem usurpar esse protagonismo.

Hengemühle (2018) edifica sobre a base de Cury (2013) e reforça essa proposta de educação, relatando que, para colaborar na construção do novo referencial, foi buscar luzes em Cury e em diversos autores reconhecidos. Ele promove um diálogo entre Cury e mais de trinta autores contemporâneos<sup>8</sup>, que compõem um substrato coerente entre si, a respeito de uma proposta para o desenvolvimento desse novo modelo de educação. Sua conclusão foi que “a base teórica de Cury está em diálogo com referenciais contemporâneos da educação, representados por reconhecidos pensadores e suas respectivas produções científicas” (HENGEMÜLE, op.cit., p. 24). Segundo este autor, foram as teorias desses pesquisadores, somadas aos fundamentos postulados por Cury, que lançaram as bases para a revisão do modelo educacional, em busca de uma educação identificada com a “teia aberta”<sup>9</sup>, para permitir à humanidade compreender-se e voltar a humanizar-se.

Um exemplo de destaque nessa linha, em diálogo com Cury, é Freire (1997), um dos expoentes da proposta humanizante, que compreende a educação como um ato de recriação e ressignificação em contínua perspectiva dialógica de ação e reflexão. O ato educativo deve ter como base o respeito ao educando, partindo de perguntas, ao invés de entregar-lhe respostas prontas, de modo a ampliar a visão de mundo do educando e lhe proporcionar autonomia. Assim, este tenderá a melhorar progressivamente sua autoestima e autoconfiança, sendo encorajado a assumir um papel ativo, tanto em seu processo de aprendizagem, quanto nas diversas esferas da vida social.

---

<sup>8</sup> Tais como: Freire (1997), Assmann (1998), Damásio (2001), Colom (2004) e Hengemühle (2007), entre outros.

<sup>9</sup> O modelo da “teia aberta”, ao qual Hengemühle (2018) se refere, é um modelo de educação “de dentro para fora” – do “sujeito” para o “infinito” – e não o contrário, como se vê no modelo tradicional.

De acordo com Pereira (2006), a proposta de Freire (1997) é considerada mais um método de aprender do que de ensinar, ou seja, está muito mais relacionada a uma teoria do conhecimento do que a uma metodologia de ensino. Na visão freiriana, o educador deve identificar e mostrar ao educando os conhecimentos que este traz consigo, auxiliando-o na reorganização dessa bagagem e relacionando-a com os saberes trabalhados na escola.

Portanto, esse modelo proposto deve se contrapor ao que foi concebido desde a modernidade, o qual via (ou vê) a prática do professor como transmissão de conhecimentos, tidos como neutros e inquestionáveis e, ainda hoje, parece estar demasiadamente arraigado nas escolas – conforme Santos (2010). Busca-se, então, um modelo que supere a visão linear cartesiana, a qual é baseada na racionalidade ocidental, de visão universalista – e muitas vezes excludente – que está presente no modelo educacional ainda vigente.

Assim, propõe-se a mudança do paradigma educacional. O paradigma anterior, que Freire (1997) chama de "educação bancária", visava memorizar informações (normas, inclusive). Sendo assim, voltamos nossa atenção para meios de ensino capazes de exercitar a mente – trabalhando-a em conjunto com as emoções – estimulando-a a construir novas compreensões, diante de contextos e problemas em constante mudança, sempre exigindo novas respostas para perguntas também sempre novas.

Este novo modelo (humanista) deve, entre outros itens, incluir as emoções como parte indispensável do processo educativo – para o que será necessário promover a desconstrução de estruturas já calcificadas. De acordo com Cury (2013), as experiências que envolvem as emoções são registradas de forma privilegiada na memória de cada sujeito – com um detalhe: tanto as experiências positivas quanto as negativas seguem este padrão. Então, este fato requer ainda mais atenção quanto à questão das emoções, no processo educativo.

Além disso, Goleman (1995) demonstra, claramente, que o intelecto, sem a cooperação das emoções, tem um desempenho bastante limitado. O autor considera que o ser humano tem uma “mente emocional” (p.45) com opiniões próprias, por vezes bastante diversas da mente racional. Por outro lado, uma vez que se obtenha uma cooperação entre a mente e a emoção, o sujeito está inteiro em qualquer processo educativo ou social e, portanto, com todo seu potencial intelectual disponível.

Wallon (1989), por sua vez, também propõe a abordagem da pessoa completa, abrangendo seu caráter cognitivo, afetivo e motor, em iguais níveis de importância. O autor descreve a fundamental importância da emoção no desenvolvimento do sujeito. Para ele, a emoção é o primeiro elo de ligação do bebê com o meio, tanto social quanto biológico, e passa a caminhar junto com o intelecto, desde o primeiro ano de vida da criança. De acordo com a teoria Walloniana, a emoção desempenha um papel central na evolução da consciência de si. Portanto, ambos os autores citados questionam a educação racional mecanicista.

Outro ponto que é objeto de veemente questionamento à educação tradicional, por parte de Cury (2019, p. 15), é quanto ao excesso de informação, encontrado na assim chamada “educação conteudista”: o autor afirma que, embora conhecimento seja “poder”, o excesso de conhecimento não utilizado é considerado “lixo mental” e, segundo o autor, infelizmente, nas escolas e universidades de todo o mundo as respostas prontas – a serem memorizadas e reproduzidas – são muito mais frequentes do que as perguntas.

Para Cury (2013), o excesso de informação, ao invés de contribuir para o crescimento do indivíduo (ou, no caso, do sujeito), gera mentes estereis, visto que novos conhecimentos emergem das perguntas, e não das respostas, em consonância com Freire (1997). Além disso, ele alerta que este é um dos males do presente século – pois o volume de informações se multiplica vertiginosamente, o que resulta em agitação, sofrimento por antecipação, baixo limiar para frustrações, fadiga e dores de cabeça, entre outros sintomas.

Como já dito, Cury (2013) sustenta que a mente humana não é como a de um computador: não é racional-linear e sua principal função **não** é armazenar informações – para isso, há os dispositivos e, mais recentemente, a nuvem, com um desempenho infinitamente superior ao humano. De acordo com Cury (op.cit.), bem como Hengemühle (2018), a mente humana deve estar livre para criar, para enfrentar criticamente e resolver problemas sempre novos, para compreender cada vez mais profundamente as complexidades da vida. Assim, desenvolvendo a necessária maturidade e resiliência para conviver com a diversidade, com o desconhecido, com subjetividades e incertezas e com verdades sempre relativas, o sujeito será também o profissional de sucesso na contemporaneidade, que desenvolverá a capacidade de adaptar-se às constantes – e cada vez mais frequentes – mudanças.

## 2.9. O adoecimento (emocional) de professores

Segundo Cury (2019), a escola nos ensina a explorar o mundo externo, como outros planetas e até outras galáxias, mas não nos ensina a explorar o nosso mundo interno. Não aprendemos a administrar as emoções, especialmente em nossas relações com o outro e com o contexto de trabalho, frequentemente opressor. Os professores são expostos a todo tipo de fator estressante em sua atividade profissional. Assim, o contexto educacional atual impõe ao trabalho docente uma situação cada vez mais desafiadora – principalmente se for considerado o seu conteúdo socioemocional.

Hengemühle (2018) reforça a preocupação de Cury (2013) com o ainda limitado conhecimento, por parte da sociedade contemporânea, acerca da mente humana; apontando este fato, em especial, como uma fragilidade da docência. Segundo ele, Cury (op.cit.) aprofundou-se nos estudos acerca deste tema e identificou uma série de transtornos, notavelmente presentes nas últimas décadas, de origem eminentemente social – ou psicossocial – alguns dos quais nunca antes descritos. Esses distúrbios afetam diretamente a vida, tanto de alunos quanto de professores – tanto em casa quanto na escola – sendo que, quanto maior a crise na educação, mais espaço se abre para a psiquiatria, de acordo com Cury (op.cit.).

O referido psiquiatra dedica vários trechos de sua obra, alternadamente, a pais e professores – ou a ambos os públicos, conjuntamente. No caso específico dos docentes, ele mostra maior preocupação quanto à relação desses com os alunos. Segundo o autor, “educadores desequilibrados têm mais chances de gerar jovens descontrolados” (CURY, 2019, p. 121). Ele descreve características comumente encontradas nos professores, as quais elevam sobremaneira a sua tendência ao sofrimento emocional, decorrentes do seu ambiente de trabalho. O autor diz, por exemplo, que “muitos educadores são generosos com os outros, mas se colocam num lugar indigno de sua própria agenda” (CURY, 2019, p. 20); ou seja, colocam a própria vida – especialmente no aspecto socioemocional – em último lugar. Além disso, ele afirma que os “professores são especialistas em comprar o que não lhes pertence” (CURY, op.cit., p.21); isto é, frequentemente assumem para si os problemas de outros (inclusive, e principalmente, dos alunos). Sendo assim, sua emoção tende, frequentemente, a flutuar de forma exacerbada.

Vieira Jr. e Santos (2011), a partir de sua pesquisa realizada com docentes, descrevem, com detalhes, a problemática que envolve o adoecimento de professores,

devido a uma série de fatores associados a riscos técnicos, materiais e, implicitamente, socioemocionais – os quais ressaltamos aqui. Ou seja: diversas pressões do meio social interagem com o sistema emocional (de docentes e discentes) e demandam várias estratégias para sua superação. Segundo os autores, a sala de aula é um espaço enigmático – visto que pode ser o palco de múltiplas manifestações culturais, tornando-se um fator enriquecedor para o universo escolar, ou se converter em uma fonte de adoecimento, notoriamente para o professor. Isso ocorre devido a inúmeros fatores, tais como: a desvalorização profissional, condições precárias de trabalho, fatores de risco do próprio ambiente escolar (salas de aula pequenas, excesso de alunos, elevado nível de ruído e/ou temperatura), entre outros. Há que se ressaltar, ainda, a sobrecarga de atividades, devido às necessidades que muitas vezes obrigam os professores a assumir outras funções para além da de educador – atribuições para as quais normalmente não se encontram habilitados. Toda essa demanda torna a atividade docente extremamente desgastante.

As exigências que pesam sobre a função do professor, de acordo com os autores, são cada vez maiores – ele precisa orientar, incentivar e cativar; mediar o ensino para a aprendizagem dos alunos; comprometer-se com o sucesso da aprendizagem dos estudantes; lidar com a diversidade existente entre os alunos; promover atividades de enriquecimento cultural; desenvolver práticas investigativas; elaborar e executar projetos; desenvolver conteúdos curriculares; utilizar novas metodologias, criar estratégias e materiais de apoio; desenvolver hábitos saudáveis, colaboração e trabalho em equipe; desenvolver e executar tarefas multifacetadas e se reinventar constantemente, para proporcionar uma adequada formação aos educandos. O professor ainda precisa estar sempre atento, para acompanhar as constantes mudanças da sociedade, da tecnologia, da ciência e do complexo mundo da educação. Além disso, precisa lidar cotidianamente com o imprevisto em seu local de trabalho.

Lima (2021), afirma que o fato de o professor ser desafiado a exercer sua atividade profissional em um campo de múltiplos conflitos, complica sobremaneira seu exercício profissional. Os obstáculos encontrados no trabalho docente são incontáveis e, muitas vezes, imprevisíveis. E, para piorar, muitos desses obstáculos – talvez a grande maioria – não são sequer percebidos pelo professor; ademais, quando os percebe, muitas vezes o profissional da educação acredita que são intransponíveis. Então, frequentemente, o professor nem tenta reagir a eles. Segundo o autor, aí está a essência do princípio do adoecimento docente no trabalho.

O adoecimento dos professores se manifesta de diversas formas – de acordo com Lima (2021), um tipo de esgotamento ao final do expediente (conhecido como “Burnout”) é o primeiro sintoma de todo esse processo de adoecimento docente. Dentre as demais manifestações, segundo Vieira Jr. e Santos (2011), ressaltam-se os transtornos emocionais, como: irritabilidade, angústia, desânimo, estresse, mal humor, depressão e ansiedade. Assim, segundo esses autores, a referida problemática resulta em absenteísmo, afastamento para tratamento de saúde e até o definitivo abandono da atividade profissional. Essa ausência do profissional docente no ambiente escolar, em especial por motivos de enfermidade, gera transtornos tanto na gestão escolar, quanto de ordem pedagógica e administrativa.

Visando evitar que se chegue a este ponto, é preciso detectar os fatores de risco, explorá-los mais a fundo e, então, planejar adequadas ações preventivas. Na atividade docente, devido à quantidade inumerável de variáveis e elementos que interferem, direta ou indiretamente, expondo o professor a diversos riscos, esses procedimentos podem variar bastante, de acordo com o ambiente e condições de trabalho. Segundo os autores, os professores considerados ‘saudáveis’ desenvolvem estratégias para normalizar sua prática e se adaptar às condições de trabalho com que se deparam. Evidentemente, todo esse complexo de causas intervenientes no adoecimento dos trabalhadores da educação não pode ser explicado isoladamente; ou seja: essas causas precisam ser avaliadas a partir de uma **perspectiva multifatorial**.

Em sua atividade de trabalho, frequentemente o professor se depara com uma imprevisibilidade, que é difícil de ser delimitada, incluindo problemas diversos que ele não consegue resolver; isto é, o planejado muitas vezes, por algum motivo, não pode ser executado. De acordo com Lima (2021, p.52), mesmo o professor tendo planejado muito bem a sua aula, é bastante comum que ele se queixe de não ter conseguido dar essa aula como gostaria, ou como planejou. Essa frustração, segundo o autor, é uma das principais causas de adoecimento psíquico entre os professores, pois o somatório de todas as atividades que o professor planejou fazer, sem sucesso, constitui-se em “energia psíquica acumulada” (ibidem); a qual, se não encontrar algum escape, levará o docente, invariavelmente, ao adoecimento.

Nesse caso, segundo Vieira Jr e Santos (2011) certamente um professor saudável tem mais condições de renormalizar e lançar mão de algum recurso que lhe permita contornar as situações prementes. Esses professores utilizam as normas prescritas, porém

conseguem reinterpretá-las ou reconfigurá-las com criatividade e flexibilidade, para resolver situações cotidianas em sala de aula. Em outras palavras: ao mesmo tempo em que deve cumprir uma série de tarefas ditadas por normas que lhe são prescritas, o professor precisa reinventá-las constantemente para sanar sua dor ou prover a resposta para alguma situação imprevista. Essas duas esferas estão, portanto, em constante interação, e é neste ponto que se propõe uma abordagem ergológica<sup>10</sup>.

Entre o prescrito e a atividade realizada há sempre uma lacuna. Isso ocorre porque há uma interação do sujeito com o objeto de trabalho; sendo que, para cada ação executada pelo profissional, existem inúmeras outras que precisaram ser deixadas de lado. Segundo Clot (2006), para abrir mão de uma série de ações possíveis, que dariam resultados distintos, o sujeito desenvolve um diálogo interior, num constante movimento psíquico de julgamento que considera: o sentido do que está sendo feito, a necessidade de eficácia na ação e o domínio da multiplicidade de opções ou interferências que se-lhe apresentam. O real da atividade, segundo o autor (op.cit, p.65), inclui tudo o que não fazemos, o que tentamos fazer sem sucesso, o que queríamos ou poderíamos ter feito, e o que achamos que poderíamos fazer em outro lugar – e tudo isso pode levar a um sentimento de fracasso.

Na perspectiva de Vieira Jr e Santos (2011), a renormalização é valorizada pela ergologia e ganha importante perspectiva para a preservação da saúde no ambiente laboral, pois a principal causa de adoecimento do professor seria a falta de controle sobre as variáveis que ocorrem de forma imprevisível. Por isso, a ergologia sugere o investimento na prevenção, promoção e construção da saúde do trabalhador. O referencial ergológico focaliza a atividade do trabalho e se torna um diferencial para compreender como se processa o adoecimento dos trabalhadores e as possíveis formas de enfrentamento, devendo ser utilizado dentro dessa perspectiva de construção de saberes e valorização da criatividade dos trabalhadores.

Com a finalidade de identificar as estratégias utilizadas pelos professores considerados **saudáveis**, os pesquisadores apontam que as normas prescritas, tais como o calendário escolar, o PPP (Projeto Político-Pedagógico), os diversos projetos e outras

---

<sup>10</sup> De acordo com Schwartz (2003), a ergologia se constitui a partir da história onde se insere a atividade de trabalho, em que é possível encontrar saberes acumulados nas normas e na técnica, que não necessariamente irão determinar o que vai acontecer na atividade de trabalho propriamente dita. Isso significa que não se podem produzir modelos comportamentais para gerir a atividade de trabalho humana.

obrigações, requerem renormalizações constantes por parte do docente. Dessa maneira, o professor deve decidir como proceder, de acordo com suas convicções e entendimento, visando adaptar o prescrito à sua realidade de trabalho.

Essa capacidade de adaptação seria o que corresponde à condição de **saúde**. Ou seja, o estado patológico se desencadeia no momento em que o docente se sente incapaz de reagir a uma determinada situação para modificá-la. Então, segundo Vieira Jr e Santos (2011), não seria o contexto laboral em si, mas as condições do indivíduo e sua (in)capacidade de renormalização, o fator determinante para gerar o adoecimento do profissional ou, por outro lado, a preservação de sua saúde.

De acordo com os autores, os professores saudáveis também vivenciam problemas no ambiente escolar, porém geralmente enfrentam esses percalços com atitudes como: prática de esportes e lazer para combater o estresse; afeição, compreensão, amizade e preocupação com a formação integral dos discentes; elevada autoestima, reconhecendo a importância da atividade que desenvolvem e a relevância social do trabalho que desempenham; e não se privar da própria vida social.

Vieira Jr e Santos (2011) afirmam que, em que pese a desvalorização salarial e as inadequadas condições de trabalho, os professores saudáveis, citados na pesquisa, mantêm um relacionamento saudável com a comunidade escolar e não entram em confronto direto com os alunos. A capacidade de usar as normas prescritas para renormalizar sua prática é considerada fundamental para a manutenção da saúde docente. Além do papel ativo do docente nesse processo, os autores também sugerem intervenções pedagógicas, tais como: seminários para cuidados da saúde docente, criação de comissões integradoras e campanhas incentivadoras de ideias criativas para compartilhar estratégias dos próprios docentes.

Lima (2021) chama especial atenção para os programas de educação continuada, afirmando que os programas e ações tradicionais, além de serem bastante ineficazes, ainda prejudicam a saúde dos professores; porque, de forma geral, ignoram as condições reais de precarização em que realizam seu trabalho. Essas ações se limitam, muitas vezes, a retirar os professores da sala de aula para ouvirem, durante horas, um “especialista” externo, que desconhece quase por completo os reais obstáculos e dificuldades inerentes à realidade local, que os professores enfrentam no dia a dia.

De acordo com Lima (2021), os programas de formação docente continuada devem também se preocupar com a saúde dos profissionais da educação, para muito além



da formação pedagógica. Devem promover a constante preparação e apoio para que esses profissionais possam, coletivamente, enfrentar e superar obstáculos e dificuldades em seu trabalho, que ainda não tenham sido enfrentados ou superados. Poderíamos dizer que, para dificuldades de origem social ou coletiva, a solução passa também pela coletividade.

Finalmente, ainda é importante frisar a importância de o professor manter um constante “contato social consigo mesmo”, de acordo com Lima (2021, p.52), para evitar o problema da “repetição ao idêntico” (ibidem), o que corresponde à rotina profissional, sem recriação. Segundo o autor, a capacidade efetiva de repetição de gestos **com recriação**, no trabalho, é um fator determinante na promoção da formação de professores e sua saúde ocupacional.

## Capítulo III – A Pesquisa de Campo

Este capítulo apresenta os dados obtidos por meio da pesquisa realizada junto a professores de cursos de Licenciatura de uma universidade pública no estado do Paraná, de acordo com os procedimentos expostos no tópico 1.4 (Metodologia); considerando que as ideias se materializam nas práticas sociais, das quais também fazem parte ativa, e nunca dissociadas da semiótica, segundo Hall (2003). Trata-se, portanto, de uma correlação entre os conceitos teóricos apresentados no capítulo 2 e situações práticas identificadas no contexto da pesquisa de campo.

### 3.1. Considerações iniciais

Inicialmente, antes da análise propriamente dita, mas já correlacionando o referencial teórico com a realidade prática, cabe considerar qual é o **gênero do discurso** presente na obtenção dos dados aqui apresentados. Conforme vimos em Bakhtin (2016), o enunciado só pode ser compreendido a partir do momento em que se reveste na forma de gênero discursivo. No caso deste trabalho, as falas docentes acontecem dentro do gênero **entrevista para pesquisa científica**, apresentando algumas particularidades, tais como: texto informativo e/ou opinativo; presença do locutor e do interlocutor (ainda que mediados por algum recurso tecnológico, porém em sincronia); linguagem oral e dialógica; discurso direto e subjetivo; linguagem formal mesclada à informal.

Ainda, na correlação dos conceitos teóricos com o contexto dos entrevistados, vale a pena considerar **a ferramenta do trabalho docente**; levando em conta as afirmações de Vigotski (2008), de que nós chegamos a ser o que somos através dos outros e que, no âmbito do trabalho, as ferramentas evoluíram para ampliar as capacidades dos indivíduos. Vimos então que, ao longo da história, foram criados sistemas simbólicos capazes de permitir representações da realidade – portanto, o signo e o instrumento são equiparados, quanto à sua função mediadora. Assim, devido à sua natureza coletiva, o trabalho demanda o estabelecimento da comunicação interpessoal; por isso, o grupo humano foi levado a desenvolver uma forma de comunicação baseada em significados compartilhados com a coletividade.

No caso do professor, em especial, talvez mais do que para a maioria dos demais profissionais, independentemente da área de atuação, **a principal ferramenta de**

**trabalho é a linguagem.** Uma vez que as funções psicológicas superiores acontecem primeiramente no nível social, entendemos que é por meio da linguagem – a forma de contato social (no caso do ser humano) por excelência – que o docente se prepara para sua atividade profissional, como também atua na vida laboral; ou seja, é por meio dela que ele aprende e, também, ensina. A linguagem é o veículo que permite o transporte dos conhecimentos construídos a partir da sociedade para a mente do professor e vice-versa, dialeticamente.

### 3.2. Categorias de análise

Levando em conta que as relações sociais somente adquirem significado quando representadas na linguagem, de acordo com Althusser (1969), buscamos então evidenciar as representações – onde se tem a subjetividade docente objetivada na fala dos entrevistados. Apresentamos, aqui, alguns recortes dos trechos mais relevantes das entrevistas, conforme cada categoria de análise (grifando os trechos de maior destaque). São quatro as categorias de análise empregadas, a saber: **aspectos culturais que envolvem a docência; a relação do professor com o seu trabalho; a materialidade linguística das emoções no trabalho docente; e a gestão da emoção, por parte dos professores.**

Procedemos assim às análises das questões ligadas especialmente à vida socioemocional, que atravessam o discurso docente. Como dissemos anteriormente, os nomes são fictícios, para preservar o anonimato dos participantes – são eles: Andressa, Hilda, Louis, Mateus, Tolkien e Vivian, além da “entrevista-piloto” realizada com Augusta. Além disso, omitimos alguns trechos em que os entrevistados fazem menção a situações que poderiam ensejar a sua identificação, também para preservar o seu anonimato. Neste caso, inserimos entre parênteses duplos a expressão OPPA – omitido para preservar o anonimato.

As produções discursivas são apresentadas subdivididas por assuntos afins, mantendo-se esses diálogos em sua configuração original, pois isso proporciona uma melhor compreensão do contexto e dos entrevistados. Todavia, podemos dizer que esta subdivisão é mais didática do que propriamente segmentária, pois todos os itens sempre estão, de alguma forma, interconectados, como se pode ver claramente adiante.

A **transcrição** completa das entrevistas, efetuada segundo as normas do discurso oral culto – projeto NURC, conforme Preti (1999), encontra-se no apêndice II deste trabalho. A **tabela** com as normas utilizadas para esta transcrição, por sua vez, está disponível no anexo.

### 3.2.1. Aspectos culturais que envolvem a docência

#### a) A identidade cultural docente

Conforme vimos em Cuche (2002), a cultura se refere a processos inconscientes de uma **construção sócio-histórica**, como uma herança que passa de geração a geração, e a identidade cultural envolve a vinculação consciente a um determinado grupo social. Vimos também que a ideologia pode levar à definição de um mesmo objeto do mundo objetivo de diferentes maneiras, em momentos e contextos distintos (HALL, 2003). Acrescente-se, ainda, a percepção de que a consciência individual se forma a partir da consciência social, segundo Leontiev (1978).

Ademais, de acordo com Woodward (2002), também já visto anteriormente, há um estreito e evidente vínculo entre a construção de significados e a construção de identidades – aqui, no caso, a **identidade docente**. Assim, esses e outros fatores vão se somando e constituindo essa identidade, conforme vemos abaixo.

Professora Hilda:

(...) o trabalho docente... assim... todo o trabalho humano é um trabalho humano... né... que se relaciona com... humanos... né? só que **a gente tem no trabalho docente uma relação MUITO direta e muito... IMPACTANTE** mesmo quando: aparentemente não impacta (...) **a gente não consegue se dissociar...** ((respirou fundo)) que é uma... uma coisa que muitas profissões têm... eu acho que a gente se... se constitui muito né no... no nosso fazer de trabalho... mas acho que **no fazer do trabalho docente** a gente: não consegue... **a gente: passa a se incorporar de um jeito... éh... quase que... que INDISSOCIÁVEL do RESTO da sua vida...** né... então: você vai se apresentar você fala assim eu sou a professora Hilda... entende... você já... ( ) né... eu acho que... você tá assistindo um filme você tá pensando em como aquilo você poderia relacionar com seu trabalho... ((risos)) acho que tem uma... né... imbrica de mais... então... por imbricar de mais e... talvez... também... por características... sei lá né... de personali-da-de... e... me importar demais... me envolver demais... **acaba sendo SIM MUITO PESADO...**  
(...) então assim eu acho que tem um... **cargas de responsabilidade de...** ((respirou fundo)) éh:... **de perspectivas que você nunca vai... saber se você deu conta se você não deu conta...** se você... éh... fez o que... o máximo que poderia ter feito: se não fez... o que que é o máximo o que que é o mínimo... então eu acho que... éh... **há subjetividades MUITO atravessadas...** né...

Professor Mateus:

*Participante* – (...) isso dificulta e... **chega uma hora também que você cansa:** então...

*Entrevistador* – gera: **frustração:** né professor?

*Participante* – exatamente... acaba ge-ran-do (...)

*Entrevistador* – aham... tá... e:: **isso tudo... afeta a tua vida pessoal: professor?** você acha que...

*Participante* – **ah sim...** exis-tem mo-mentos que se você... acabou tendo uma discus-são muito... muito: difi-cil com alguém... ou alguém te disse alguma coisa muito pe-sada... **querendo ou não: você acaba carregan-do né... daí você VAI com isso pra CA-sa né...**

*Entrevistador* – não tem como né... você... cortar...

*Participante* – (somos) seres humanos né

*Entrevistador* – é a mesma pessoa né... aqui e lá...

*Participante* – exatamente... **é difícil você desconectar totalmente** né... essas questões às vezes acontecem... elas acabam... éh... impacTANdo SIM... tá... esse... esses **stress** que podem ocorrer né... acaba... éh fazendo com que a gente fique um pouco... éh: **desanima-do** né: daí chega em CA-sa às vezes você não tem: ânimo para fazer: uma coi-sa ou ou-tra (...)

Professor Tolkien

*Participante* – ...Mas eu não considero uma carga extenuante não... assim: sabe... considero uma carga adequada...

*Entrevistador* – Adequada... não é PESADA...?

*Participante* – Não: não... é adequada... poderia ser me-lhor: mas é adequada...

*Entrevistador* – Muito bom... éh... então... a gente vê bastante...

*Participante* – O problema é que são três... são disciplinas que eu gosto muito entendeu?

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – **Ao mesmo tempo que eu acho que poderia ser menor... éh... eu também acho que... eu não: não conseguiria... não sei se eu conseguiria largar... uma delas...** entendeu?

*Entrevistador* – Entendi

*Participante* – Porque elas têm muito a ver com a minha formação.

Professora Augusta

*Participante* – E isso é: é fun-damen-tal:: por exemplo... é: como ((OPPA)) ...**teve pessoas que entraram agora em setembro: outubro... e estão com uma: uma demanda MUIto alta de trabalho: NÃO reduziram a sua carga horária de: ministrar aulas...** eu já tava orientando “olha: vamos... tem que reduzir: porque senão: vai chegar o mo-mento... que você vai estar SEIS meses na gestão: você não vai mais ter: fôlego pra aguentar...” então eu tô meio que tra-balhando com as pessoas que es-tão lá den-tro: dizendo “olha (...) reduz a tua carga horária de sala de aula...” porque **a gente: enquanto... gestão: a gente tem até: um percentual que pode reduzir: porque se a gente quiser abraçar o mundo e fazer tudo a gente vai surtar...**

A Professora Hilda faz uma consideração a respeito do significado do trabalho docente, que merece destaque: ela afirma que o trabalho do professor (assim como todo trabalho humano) envolve, naturalmente, a relação com pessoas; porém o professor tem no seu trabalho uma **relação tão imbricada e impactante** que, via de regra, (talvez uns

mais, outros menos) os docentes não conseguem se dissociar do trabalho. O fazer do trabalho do professor é quase que **indissociável** do resto de sua vida pessoal.

O professor Mateus também afirma que o docente, muitas vezes, não consegue separar certos elementos presentes em seu trabalho, da sua vida pessoal. Ele refere que, quando há uma situação negativa no trabalho, especialmente em termos de relacionamento interpessoal, o professor acaba – de alguma forma – levando esse problema “para casa”, o que pode criar até embaraços no relacionamento familiar.

Vemos, portanto, que o **“ser professor” encontra-se amalgamado** com o mundo da educação – por exemplo: tanto o professor Tolkien quanto a professora Augusta mencionam situações em que o docente, mesmo estando em cargos de gestão e, portanto, com possibilidade de reduzir sua carga de atividades em sala de aula, têm dificuldade de abrir mão dessas atividades, pois se identifica sobremaneira com elas.

Quanto à situação de levar o (problema do) trabalho para casa, esta pode não ser exatamente uma particularidade do docente; mas, como veremos em seguida, existe o agravante do **excesso de volume de trabalho** – esta sim é uma característica bem presente, de forma geral, no trabalho do professor. Assim, percebe-se uma verdadeira invasão do universo do trabalho docente na vida pessoal dos educadores – especialmente nesta época de pandemia e trabalho remoto.

Dessa forma, entendemos que as falas docentes – assim como de qualquer outro grupo social – fazem parte de um sistema de representações; como, por exemplo, o entendimento de alguns docentes que seria normal trabalhar habitualmente além da jornada pactuada com a instituição; ou, por outro lado, limitar essa “invasão” do trabalho na vida pessoal (conforme defende o Professor Tolkien). Então, é assim que **se constrói o significado da docência**; ou seja, o significado do trabalho do professor, expresso no discurso docente – em outras palavras: as representações evidenciadas na fala de cada entrevistado.

## **b) A axiologia e a cristalização – valores e comportamentos culturalmente estabelecidos**

Vimos com Bakhtin (2016) que a axiologia é o conjunto de **valores** culturalmente estabelecidos; ao passo que Berger e Luckmann (2004) nos mostraram que a cristalização

corresponde a **comportamentos** culturalmente estabelecidos. Vamos correlacionar esses dois conceitos neste tópico, buscando exemplos práticos em excertos das entrevistas.

Percebe-se que, coletivamente, os docentes da universidade pesquisada, assim como qualquer outro grupo profissional (ou social), possuem seus valores éticos, estéticos e ideológicos predominantes. Esses valores são historicamente construídos, eminentemente mediante a linguagem, e são socialmente reconhecidos. Conforme vimos em Bakhtin (2016), a linguagem, construção e prática social e histórica, compõe um conjunto de ações simbólicas que se realizam em contextos comunicativos e sociais. Dessa forma, com base nos mesmos valores historicamente construídos e socialmente reconhecidos, ficam estabelecidos conceitos que transcendem o contexto verbal, passando a fazer parte da cultura da universidade e se incorporar à relação social docente – incluindo os elementos extraverbais.

Cada enunciado do professor é compreendido, analisado e julgado de acordo com o referencial dos valores predominantes no contexto de trabalho universitário. Assim, algumas práticas (inclusive no campo discursivo) perpetuam-se, ainda que os sujeitos não entendam o seu sentido, como refere a professora Hilda:

(...) à medida em que: éh... o tempo vai pas-sando e você vai percebendo que **as coisas não mudam**... né que algumas coi-sas que você apon-ta... que há dez anos você disse que deveriam né... melhorar... **não melhoram**...  
(...) **em VÁrios aspectos**... desde os... os do cotidiano do trabalho docente... mas também aqueles **que você... não entende porque o sentido deles... das atividades que passam a atravessar a nossa vida... que não... não sei porque tão ALI** (...)

De acordo com Lane (1981), há que se considerar as razões históricas pelas quais o grupo influencia o docente a agir de uma determinada forma, ainda que a contragosto. No caso, aplicamos isso à própria universidade, ao câmpus, ao departamento, e assim por diante. Por isso, a professora Hilda relata **aspectos que parecem imutáveis**; isto é, que se perpetuam, mesmo que os professores não entendam o sentido dessas atividades que atravessam a vida do profissional da educação.

Considerando ainda, segundo Berger e Luckmann (2004), que a internalização definitiva (isto é, a cristalização) de **comportamentos culturalmente estabelecidos** envolve a reconstrução da atividade psicológica, podemos identificar que há internalizações/ cristalizações materializadas nas representações, ou seja, nos significados produzidos pelos professores. Essa reconstrução ocorre, eminentemente, a partir da

utilização de signos, que são correspondências estabelecidas e momentaneamente cristalizadas pelo uso histórico de um determinado grupo de pessoas – aqui, no caso, do corpo docente da universidade.

Percebe-se, então, que os significados nos são atribuídos pelos outros conforme Lane (1981). Identificamos, assim, ao longo desta análise, algumas **palavras que aparecem representando o trabalho docente** e parecem estar já cristalizadas, tais como: dedicação exclusiva (integral), imbricação ou indissociabilidade trabalho/vida pessoal, carga excessiva de trabalho, sentimento de desvalorização, estresse, pressão, adaptação, entre outras.

### 3.2.2. A relação do professor com o seu trabalho

#### a) O discurso e a produtividade/ competitividade

No contexto da entrevista, a composição do enunciado docente (incluindo os recursos linguísticos utilizados pelos entrevistados) tem, naturalmente, relação com o conteúdo do objeto e com o interlocutor/entrevistador com quem este interage. Em vários momentos, ao longo de cada entrevista, percebe-se que o entrevistador intervém e há imediata atitude responsiva por parte do entrevistado, reafirmando, complementando, expandindo ou redirecionando o conteúdo do diálogo.

O objeto do discurso do professor é, naturalmente, o seu contexto de trabalho na educação. O conteúdo temático, por sua vez, de acordo com Bakhtin (2016), envolve vínculos com outros enunciados anteriores, especialmente aqueles provenientes do contexto institucional, como no caso do discurso a respeito da **produtividade** dos professores, mencionada pelos professores Hilda, Mateus e Vivian:

Professora Hilda:

*Entrevistador* – (...) e a **carga de trabalho** como que é?

*Participante* – **mui-to al-ta...**

*Entrevistador* – **pesada...?**

*Participante* – **muiTÍssimo...** eu acho que... éh... eu nunca... esse ano por exemplo... eu nunca... a cada ano... **eu nunca tinha trabalhado tanto na minha vida... assim: sabe? aquela a sensação de... que a cada ano a carga aumenta (...) MUIto... e em VÁrios aspectos...**

(...) **uma lógica de produtividade que ninGUÉM alcança** mas que a gente... **cria um discurso** sobre: esse alcance... então assim... éh... ninguém faz tudo... ninguém consegue fazer tudo... mas **o discurso é que todo mundo... faz tudo: na: universidade...** então... éh... essa pressão por fazer ensino pesquisa e



extensão... e gestão... né... porque a gente acaba fazendo cargos de gestão... faz com que as pessoas achem que elas têm que ser... éh... perfeitas nessas... nesses quatro pontos... e... o.. o **Nível de... de avaliação... o critério... ele é sempre estabelecido pelo... me-lhor pesquisador... que... muito provavelmente faça só pesquisa... pelo me-lhor extensionista que muito provavelmente faça só extensão...** pelo me-lhor em administração... então assim... os níveis estão colocados a partir desses sujeitos (...) então eu acho que DIScursivaMENTE... éh... a gente... a gente... é pressionado... né... esse **disCURSO sobre o... a... a produtividade** atrelando a ess... a... a **questões IRREAIS ah... muito... inal-can-çáveis...**

Professor Mateus:

(...) a gente trabalha (...) **com certeza trabalha muito mais do que as 40 horas que você deveria ter: ao longo da SEMana.**

*Entrevistador* – ah sim

*Participante* – porque **tem muita coisa que você não consegue dar: vazão** ou dar encaminhamento: **se você for considerar o... o horário ali... de trabalho...** então é óbvio... que::: uma pessoa que tá (...) ela **tem que se... dedicar se doar... além do que é: que a gente teria normalmente em termos de carga horária... isso para mim: é normal** eu já tenho... pra você ter uma ideia... em (...) eu fiquei dez anos (...) DESses dez anos praticamente nove anos... oito anos e meio... a gente **SEMpre te-ve uma carga horária maior do que aquela pre-vis-ta POR exemplo no regime de trabalho...** em (...) também depois que eu assumi (...) tam-bém isso foi BEM pertinente... né: ou seja a gente **sempre tendo uma carga um pouco mais... eleVada porque senão você... não consegue dar CONta... senão você também... éh... acaba não dando retorno...** uma certa rapidez... **para as deMANDas** e o que a... as pessoas precisam né... então eu... **eu não vejo isso... como um pro-blema...** só que MUITas pessoas... não aCEltam isso né (...) **pra mim e eu acho que faz parte...** não: não tem como (...) **se a pessoa tá envolvida: e ela GOSTa disso... ela NÃO VAI trabalhar só 40 horas ela vai trabalhar mais... NÃO TEM** como... né... porque se a pessoa... éh... ela trabalha muito com pes-qui-as... ela vai ter que ficar lendo artigos muitas vezes final de se-ma-na... ela vai ter que ficar pes-qui-san-do: se ela... quer mandar projeto: ela vai ter que fazer muitas vezes fora do horário que não vai dar conta de fazer aqui... então assim... **aQUEles que querem trabalhar efetivaMENTe e fazer um algo di-fe-rente... esses não vão trabalhar 40 horas... vão trabalhar SEMpre mais** ((exclamação))

Professora Vivian:

(...) tem aqueles momentos que **você precisa dedicar um tempo extra pra ven-cer e fazer a leitura do trabalho de TCC ou a dissertação... quando a gente faz parte de banca** (...)

Portanto, o discurso dos professores já está amalgamado com outros discursos anteriores, por exemplo, em relação à produtividade – ainda que ineficazes ou, no mínimo, questionáveis: Ineficazes, por exemplo, sobre a elevada produtividade em todos os pilares (ensino, pesquisa, extensão e, em alguns casos, até gestão), conforme a professora Hilda afirma que há um discurso pronto sobre o alcance desse nível de competitividade nivelado pelo topo, em todos os pilares – discurso esse que é incorporado em nível institucional; e questionáveis quanto à “normalidade” de se trabalhar além da jornada pactuada com a instituição empregadora.

Aqui vemos a forte presença da ideologia: conforme Hall (2003), as **ideologias** podem ser vistas como sistemas de representação que incluem conceitos, ideias e mitos. Assim, percebemos que o professor se torna refém da ideologia predominante na instituição à qual é vinculado. No caso da universidade pesquisada, percebemos, nitidamente, a ideologia da produtividade, conforme Lima (2020): com o mito da produtividade nivelada pelo topo, a ser alcançada por todos os profissionais, como se todos pudessem manter uma alta *performance* em todos os pilares, o tempo todo.

Assim, percebemos que, para a instituição se manter “competitiva”, criou-se uma cultura organizacional que expõe o professor a pressões por resultados inatingíveis e a níveis de tarefas exaustivas, que vão além de seu horário de trabalho; porém, vários profissionais acabam acreditando que essa prática é “normal”. É aí que o sujeito vive suas relações imaginárias com as condições objetivas de sua existência – conceitos e mitos presentes no contexto de trabalho docente, na universidade, e na relação da subjetividade do professor com as suas condições reais de trabalho.

#### **b) Limitação de recursos / problemas estruturais e políticos**

Questionados a respeito de sua satisfação com o ambiente de trabalho (sob todos os aspectos possíveis), os entrevistados mencionam, entre outras, a questão estrutural e/ou política, que envolve o trabalho na área da educação. Este é um dos pontos de maior insatisfação – talvez o maior de todos, entre os docentes, pois tem impacto direto na questão do sentimento de (des)valorização, identificado entre quase a totalidade dos docentes e, conseqüentemente, a sua desmotivação.

Professora Hilda

(...) **com a estrutura máxima...** em relação a... ao gerenciamento... das políticas educacionais o Ministério da Educação... a **minha insatisfação é TOTAL...** eu acho que... éh... não podia ser maior... não que a gente tivesse qualquer expectativa de que seria diferente disso... eu acho que... já se anunciava... é uma questão que se anuncia já há muito tempo né que... que a gente passa por um processo que... (...) a gente vê um **GRANde declínio né... em relação à política pública...** então é... insatisfação total.

Professor Mateus

(...) tá cada vez mais difícil né: **a gente não vê: (...) os governos aí cada vez mais: falando em... reduzir reduzir reduzir (...)**

Professora Vivian

(...) bom... ahn... a satisfação... (é) boa... éh... não... **não classifico como ótima por questão de... éh infraestrutura fi-si-ca** né... o local de trabalho do professor: ter um espaço con-for-tável... computa-dor... ( ) acho que assim... falta um investimento maior tanto na parte do governo quanto assim... a instituição éh... olhar esse lado: se a infraestrutura física está adequada ao corpo docente... eu: vejo que falta assim... **a gente se satisfaz com pouca coisa com uma pequena mesa com uma pequena sala apertada com computador que não funciona muito bem... a gente busca alternativas** pra conseguir desenvolver o trabalho

*Entrevistador* – sim... então se tivesse essa parte da estrutura física adequada: seria: nota 10 vamos dizer assim...?

*Participante* – sim (...)

#### Professor Louis

*Participante* – (...) porque eu acho que é algo que: to-do mun-do vê: porque são dados né... você consegue extrair isso da impren-sa: ao longo da história do Brasil... porque eu peguei uma época no meu começo de carreira... em que **os inVESTimentos pú-blicos na área de en-sino SUPERior inclu-sive... eles eram MUITo mais significativos...**

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – (...) **IN**vestimentos no sentido assim de... estar sem-pre... **que as nossas instituições de ensino estivessem sempre sendo... éh: renovadas... éh: sempre com uma BOA manutenção daquilo que precisa manter... e estar sempre sendo atualizadas... esse tipo de investimento na minha opinião caiu muito...**

#### Professora Augusta

*Entrevistador* – (...) como você considera a tua satisfação com o teu ambiente de trabalho?

*Participante* – Eu diria que ela não é completa... porque: a gente:: depende... e NEcessita de mais profes-sores... pra atuar na área que a gente: atua

*Participante* – (...) sobretudo porque a gente: É um instrumento de formação social...

*Entrevistador* – Isso

*Participante* – E tem um poder de TRANSformação... né: de trans-formação...

*Entrevistador* – Isso... legal...

*Participante* – Então: eu acho que... **SÓ POR ISSO: a gente deveria ter: as mí-nimas condições... e ó eu tô falando das mínimas... não é nem das máximas** aqui... estruturais: físicas... éh:: CARga horária... ade-quada né...

(...) É... a própria... a própria estru-tura... se a gente pensar na educação básica... a estru-tura: da escola pública: ela NÃO é boa: não é... o espaço de... uma convivência tão... de-pende também... tem: instituições que a gente sabe dos nossos relatos dos estudantes que fazem estágio... e pibid e residência que: são MUITo boas: mas em contrapartida outras são muito esque-cidas né?

*Entrevistador* – Uhum:

*Participante* – Então: ISso tudo: a **desvalorização do professor: da profissão...** a própria condi-ção de trabalho né: se você: é um professor de ((OPPA) né: no meu caso: eu... vou para uma escola: ministrar aulas: eu não tenho um labora-tório ((OPPA)) funcionando... MInimamente equipado... isso **JÁ É uma desmotivação...**

Ao falar da questão estrutural/política que envolve a educação no país, pode-se dizer que os docentes são unânimes ao ressaltar sua insatisfação (com exceção do professor Tolkien, que não tocou neste assunto) – o que se reflete na limitação de recursos no dia a dia da atividade do professor. Este fato está em conformidade com Vieira Jr. e

Santos (2011), que mencionam as condições precárias de trabalho e a desvalorização profissional, comuns à realidade docente, além de todo um contexto que torna a atividade docente, por si só, extremamente desgastante.

### c) Controles formais e informais / mecanismos de poder

Conforme vimos em Berger (1986), nossa relação se dá por meio de **controles formais e informais**, basicamente através de códigos ou símbolos (incluindo e destacando, aqui, o contexto do trabalho); de forma que a sociedade – eminentemente representada pelas instituições – apresenta-se como um forte determinante da nossa constituição, enquanto sujeitos. Este fator fica mais claro na fala da professora Hilda e do professor Louis, quando dizem:

Professora Hilda:

(...) junto com um aumento da carga tem um momento de **pres-são** tam-bém né... e formas de **controle**... que **isso também torna a carga mais pesada**... eu acho... é a mesma coisa se você colocar mais peso e pressionar esse peso... ele fica... mais duro de carregar né...  
(...) mas há uma **pressão** pra que o... pra que a base... constitua... condições de produtividade nos níveis... de quem está se dedicando somente a uma coisa...

Professor Louis

*Participante* – Só que AÍ: se vo-cê não dá conta do tempo esperado... tem alguém... lá do outro lado... éh:: coBRANndo a-quilo de vo-cê...

*Entrevistador* – Sim:

*Participante* – Eu digo assim: “olha você tinha um pra-zo... você NÃO CUMPRIU... Cadê... cadê o documento tal... ou cadê... o resultado...?”

*Entrevistador* – E essa cobrança vem de vários lados né?

*Participante* – Exato... “e cadê o resultado tal que vo-cê se comprometeu?”... sabe: então assim: eu acho que dá pra generalizar nesse sentido: **al-ta car-ga**... Só que... NÃO se esque-cendo de que TEM umas coisas por trás... porque aí se **quan-do alg-uém... né: faz uma co-brança... e depen-dendo de CO-mo essa cobrança é fei-ta...** isso acho que...

*Entrevistador* – Pesa: né?

*Participante* – **Pode pesar...**

Observamos que se trata aqui de um sistema estreitamente ligado a **relações de poder**, conforme Silva (2002). Ocorre, porém, que esse poder está frequentemente do lado das instituições, em contraste com um sentimento de impotência, por parte dos profissionais. Esse sentimento de impotência se torna exacerbado, em face da situação atual da educação em nosso país, por um lado, e as limitações humanas dos professores, por outro – o que se torna, segundo o professor Louis, o principal fator de adoecimento

docente. Vemos, então, a relação entre ideologia e consciência de si, conforme Hall (2003), permeada de contrastes e contradições sociais. Ressaltamos ainda, neste sentido, a fala impactante da professora Hilda, quando diz:

(...) você precisa exigir de mais de si mesmo nesse processo, ou então se conformar com o fato de que há um **insucesso coletivo** ((risos e tensão))...  
(...) **essa sensação** né: que (...) aquela coisa assim tipo **que você nunca é bom o suficiente...**

### 3.2.3. A materialidade linguística das emoções no trabalho docente

#### a) Enunciado – materialização linguística de pensamentos e sentimentos

Como vimos anteriormente em Bakhtin (2016), a real unidade da comunicação discursiva e o elo da cadeia dessa comunicação é o “enunciado”, que advém do verbo “enunciar”, e significa **expressar pensamentos e sentimentos por meio de palavras** – ou seja, a materialização linguística da subjetividade humana. Sempre que uma pessoa fala, ela expressa seus pensamentos e também, via de regra, seus sentimentos, ainda que eventualmente não o queira.

Já trouxemos, em tópicos anteriores, alguns sentimentos materializados no discurso dos professores – como os de impotência e estado de desânimo, em face do contexto de trabalho. No entanto, percebemos, nas entrevistas, que os professores expressam sentimentos contraditórios: por um lado, sentem-se privilegiados pelas condições favoráveis e/ou diferenciadas de se exercer a docência na universidade pesquisada (em comparação com outras instituições) e, por outro, situações de angústia, insatisfação, frustração e condições de – no mínimo – abalo emocional, que trazemos aqui.

#### a.1) Sentimentos favoráveis

Quando foi perguntado a respeito de sua **satisfação com o ambiente de trabalho**, via de regra, os docentes mencionaram, inicialmente, situações positivas, conforme se vê abaixo:

Professora Hilda:

(...) eu... sou **muito feliz** com a relação que é possível estabelecer... e com o

quanto eu ganho com isso também né... éh... com os meus colegas IMediatos de trabalho... com quem eu trabalho diretamente... eu também **sou MUITO feliz**... eu tenho... inclusive eu acho que é... eu **posso até atribuir uma ideia de SORTE** quase... porque éh... quan.. quando a gente... encontra um grupo com... com tantas... possibilidades... MESmo nas diferenças de ideias: mesmo... eu acho que... **há uma leVEza** muito grande...

Professor Mateus:

(...) eu acho que eu sou um... um dos... professores né... que a gente pode se considerar **privilegiado** porque tra-ba-lhar numa instituição como a (OPPA) né... você tem **MUITas oportunidades**... a gente tem **um bom grupo de trabalho** aqui (...) eu considero que... assim... eu considero que... **a gente está num... numa situação MUITO boa**...

(...) eu SEMpre faço uma reflexão com o meu colega que tá **lá na... na escola**... eu já trabalhei na escola... então vejo... poxa... lá:: **muitas vezes eles não têm:: MUITas das coisas que nós temos aqui... os proBLEmas que têm lá... muitas vezes a gente: não tem aqui**... então eu vejo que **a gente ainda tá: numa situação BEM privilegiada**...

(...) eu sei que tem **MUITA gen-te... que gostaria de tá trabalhando numa instituição como essa**... e não tem oportuni-da-de... são profes... profissionais MUITo bons... **profesSOres muito bons** que a gente já teve... contato né: em outras atividades... porém **não teve a oportunidade**... então EU que tive a oportunidade... eu **vou... agarrar cada dia mais... cada dia mais essa oportunidade e fazer o melhor aqui**

(...) eu: SEI que eu **TENho uma situação... aqui MUITo me-lhor do que MUITos colegas professores** que nós temos... **em ou-tras instituições**...

Professor Tolkien

*Participante* – (...) **100 % realizado**... não tem nem o que falar... não tem reclamação nenhuma...

*Entrevistador* – Que maravilha... ((exclamação))

*Participante* – Eu... nossa... eu sou... **eu tô exa-tamen-te onde eu queria**: assim... eu tô super realizado e tal...

*Entrevistador* – Parabéns viu... ((exclamação e risos))

*Participante* – Nossa... meu Deus do céu (...)

(...)

*Entrevistador* – Carga emocional... assim: porque... é... com VÁrios que a gente pergunta eles falam “ah, é TENso... tem assim um...”

*Participante* – Não:: o meu não é: cara ((exclamação)) ...eu acho extre-mamente emocio-nante: na verdade...

*Entrevistador* – Emocionante... ((ar surpreso e risos))

*Participante* – ...Ver... ver os meus estudantes progredindo do jeito que eles progridem...

*Entrevistador* – Legal

*Participante* – ...Como eles desenvolvem... sempre... eu sempre... como eles me surpreendem assim: cara...

*Entrevistador* – Que legal...

*Participante* – ...Teve disciplina que eu cheguei a chorar no final... de tão BOAS as produções que eles fizeram...

*Entrevistador* – Que legal...

Professora Augusta

*Participante* – (...) eu: GRAças a Deus percebo que **INternamente... a gente: é MUITo bem valorizado**... e AINda: assim nossos estudantes... embora das dificuldades que tem a profissão docente... eles ainda ensinam: e se espe-lham: em nós para ser docentes... eu tenho relatos... éh: de estudantes meus: to-do semestre... “professora: eu tô me espelhando em você... você: não sabe como

você... éh... nos motiva pra...”

*Entrevistador* – Inspira... ah que legal...

*Participante* – Isso: “...continuar na docência...” Aí eu digo “bom... então: tô... faZENdo meu pa-pel...”

*Entrevistador* – Que bom...

*Participante* –...Então aqui tá... tá cem por cento... mas eu ainda **tenho MUITO orgulho**... E: me considero uma pessoa... **Absoluta-mente: rea-lizada**: em termos de... da profissão que eu escolhi...

Os docentes entrevistados fazem comparação com outras universidades e/ou escolas e se consideram em situação privilegiada, porque têm melhores condições de trabalho. Por outro lado, eles não têm, pelo menos em parte, os mesmos problemas que os seus colegas de profissão encontram em outras instituições de ensino. Algumas expressões como “sou muito feliz”, “privilegiado”, “100 % realizado”, “ainda tenho muito orgulho”, deixam claro esse sentimento favorável.

Ressaltamos, ainda, que parte considerável dessas expressões como “orgulho”, “realização” e similares dizem respeito ao relacionamento com os alunos e até derivam do espelhamento destes com o docente que admiram. Este parece ser um dos maiores estímulos para o professor universitário (no caso da universidade pesquisada), em vista do retorno que vem dos discentes, tanto em termos de relacionamento, proximidade e diálogo, quanto de sua produção e evolução acadêmica.

## a.2) Sentimentos desfavoráveis

Na continuação, ainda respondendo à questão quanto à sua **satisfação com o ambiente de trabalho** e interrogados a respeito da **carga do trabalho** (aí compreendendo a jornada e a carga emocional), tivemos os seguintes relatos:

Professora Hilda

*Entrevistador* – (...) e a **carga de trabalho** como que é?

*Participante* – **mui-to al-ta...**

*Entrevistador* – **pesada...?**

*Participante* – **muiTÍssimo...**

*Entrevistador* – (...) vamos tentar:: colocar: ou em uma palavra ou **uma nota... de um a cinco**... como você achar: mais fácil... se você achar uma palavra também para definir... (...) ou pode... se preferir: pode ser uma nota de um a cinco... sendo que o cinco é o: máximo... da carga... que você acha... que pode... suportar

*Participante* – eu acho que... assim... **se eu precisasse dizer uma... uma carga de um a cinco é cinco... e se eu precisasse dizer uma palavra... éh... a minha palavra seria... e-xaus-tão ((expressão pesarosa))** acho que assim: **a gente se: EXAURE** e se... né... ((respirou fundo))... **nesse nível de... de tá SUGADO**

assim né

*Entrevistador* – sim... sim... e... e **isso afeta a tua vida pessoal?**

*Participante* – ah acredito que sim ((riso tenso, seguido de respiração profunda)) bom... tal... **talvez fosse até... éh... muito...** ((toques na face e na testa)) **contraditório dizer que não** né (...) a **frustraÇÃO** dos professores que... em algum momento trabalharam com... éh... elites... né... do conhecimento que... hoje... né se deparam com estudantes com dificuldades... né... das mais variadas... então... você não (...)

*Entrevistador* – (...) como você avalia a CARGA EMOCIONAL do seu trabalho...?

*Participante* – (...) olha... ((sorriso tenso)) éh:: **NÃO raras vezes... ((coçou duas vezes o nariz)) eu sentei e chorei** (...)

(...) também tem impactado sobre esse... (...) esse o-lhar de **desvalori-za-ção** social... faz também: bastante diferença ((expressão de desapontamento))... de você fazer um trabalho que você acha que... você percebe que ninguém... tá...

*Entrevistador* – ninguém tá aí

*Participante* – tá nem aí... éh ((continua o olhar de desapontamento))

### Professor Mateus

(...) a gente tem vis-to: muitas... coisas aconte-cen-do nesses úl-timos a-nos né... políticas assim totalmente absur-das... no que tan-ge ao processo de formação de profes-sores: uma **DESVALORIZAÇÃO** da: da carrei-ra... e da: do profissional né...

### Professora Andressa

*Participante* – Eu avalio que é uma **carga emocional pesada** ((sorriso tenso))

*Entrevistador* – Pesada?

*Participante* – Pesada (...) pelo **nível de stress causado por exemplo em reuniões de departamento...** em algumas reuniões: então assim são **climas MUITO PESADOS...**

*Entrevistador* – Entendi

*Participante* – ...Sabe... que eu: observo que ao invés das coisas serem mais leves: mais diluídas:: parece que elas tão ficando cada vez mais difíceis sabe... (...)

*Entrevistador* – Uhum::

*Participante* – E talvez isso... sei lá... culmine ali no momento de... de uma fala... como que eu posso dizer... não oportuna... ou de uma maneira equivocada de colocar as palavras: sabe...

*Entrevistador* – Aham, sei...

*Participante* – E aí vai gerando: QUase que uma reação em cadeia: “a” fala uma coisa: “b” responde...

*Entrevistador* – Aham... isso... ISSO: é:: e vai... vai crescendo: é... uhum:: tá... e... e: essa car-ga emocional pe-sada... isso **afeta a vida pessoal?**

*Participante* – **Afeta... afeta** ((ar pesaroso))

*Entrevistador* – De que maneira?

*Participante* – Ah eu... eu percebo que **eu fico mais irri-tada... mais CALADA...** até pra:: talvez não...

*Entrevistador* – Aham: pra não explodir...

*Participante* – De repente: né: responder de uma maneira...

*Entrevistador* – Sim... mais RÍSpida...

*Participante* – Causa uma... um **DESÂNIMO...** ((expressão visível do desânimo))

### Professor Louis

*Participante* – Tem... tem disso... eu evito muito... eu ando evitando né... usar... finais de semana: agora né... pra... pra trabalho... mas: É ISSO MESMO: assim... ah... eu acho que o **desgaste ener-gético** é... é relativamente grande né: ao longo da semana... e **quando você tem um momento** assim que você



consi... eu né... que eu considero **que não é de tra-balho...** eu prefiro des-cansar... não é **aquela questão ó “agora ou quero me di-ver-tir... eu quero sair de casa”... porque isso para mim representa gasto energético** ((olhar de decepção))...

*Entrevistador* – Ah sim...

*Participante* – Ter que sair de casa: mesmo... vamos até desconsiderar a pandemia né: que não acabou ainda: mas...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – Mas **se eu pu-desse sair de casa eu também... eu ficaria pensando “será que eu vou...?”** porque isso para mim representa **gasto energético: eu pre-firo ficar em casa** ((olhar conformista))

## Professora Augusta

*Participante* – No demais: eu acho que a gente consegue contor-nar:... a infraestru-tura... mas essa questão de exCESSO de traBALHO... tanto que eu tô assim... **eu já tô ESGOTADA...** e na semana passada eu tava falando pros meus colegas... que **o nível de esgotamento é tanto...** e até eles concordaram... **que não BASTa mais o sá-bado e do-mingo para a gente descansar...** porque ainda assim tem que ler e tarará...

(...)

*Entrevistador* – (...) explique se e como: **isso afeta a vida: PESsoal** do professor...

*Participante* – Esse esgotamento...?

*Entrevistador* – Sim toda essa pressão:: psico-lógica: socioemocional...

*Participante* – **Sim... afeta MUIto...** NOSsa afeta MUIto... porque:: por exemplo tuas relações interpessoais pessoais... a vida: PESsoal ela acaba sendo re-flexo... porque você não... **chega o final de semana... você: a-lém de ter trabalhado e se esgotado na semana: você tem que ler... você tem que orientar...** eu utilizo mais o final de semana mas: ah: esse último semestre... tá mais regrado... eu NÃO trabalhei TANTO no final de semana...

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – (...) **então eu deixava de: encontrar meus a-migos... fui menos pra minha família: porque minha família é de ((OPPA))... tive menos momentos de la-zer... porque eu: tava can-sada então: eu queria des-cansar: no sá-bado: não queria fa-zer NAda...** e eu só tinha sábado e domingo... OU EU trabalhava ou saía... como eu tinha que trabalhar eu acabava: trabalhando...

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Então afeta: MUIto... ((OPPA)) então teve diversos momentos que eu: éh:: deixei de me relacionar... e ah... **relacionamentos meus acabaram: em fun-ção do meu tra-balho...** ((olhar de desapontamento))

*Entrevistador* – Eita ((exclamação))... é complicado...

*Participante* – Então **afeta abso-luta-mente...**

Diversas expressões – sejam verbais, faciais ou gestuais – deixam claro que, como regra geral, os docentes entrevistados estão se sentindo sobrecarregados, à exceção de apenas um professor (Tolkien), que afirma estar plenamente satisfeito, sem qualquer queixa. Os demais consideram a carga (tanto de trabalho, quanto emocional) “pesada” ou “muito pesada”, referem esgotamento/ exaustão, sentindo que esses fatores oriundos do ambiente trabalho afetam, em grau elevado, sua vida pessoal – o que é ratificado por expressões físicas como: sorriso tenso, respiração profunda, expressão de

desapontamento, ar pesaroso, olhar de decepção e/ou conformismo; além de alguns movimentos aleatórios, como que estereotipados.

Dessa forma, além das limitações de recursos, da insatisfação com a política educacional, da pressão sobre a produtividade nivelada pelo topo, do sentimento de impotência e do desânimo, também pesa sobre os docentes um evidente sentimento de desvalorização, expresso na fala dos entrevistados; em conformidade com Vieira Jr e Santos (2011) que elencam a desvalorização profissional como um dos principais fatores de adoecimento docente.

Outro exemplo que ficou evidente, dentro deste universo de entrevistados, foi a ocorrência do esgotamento profissional conhecido como síndrome de Burnout, mencionada pela professora Augusta; que, segundo Lima (2021), é o primeiro sintoma do processo de adoecimento docente. Temos, então, a partir das entrevistas, diversos exemplos de expressão, tanto de pensamentos quanto de sentimentos dos professores.

#### **b) O adoecimento (emocional) silenciado: a dificuldade de se lidar com – e até de falar sobre – as enfermidades emocionais**

Conforme vimos anteriormente em Cury, é mais fácil as pessoas lidarem com enfermidades físicas do que com aquelas de cunho emocional; sendo difícil, muitas vezes, até falar a respeito delas. Com os professores, isso não é diferente: quando foi perguntado se os docentes já presenciaram alguma situação de crise de ansiedade ou algo semelhante, que tenha acontecido com seus pares, ou se eles têm conhecimento a respeito de algum colega de trabalho que utilize medicamentos para controle de qualquer transtorno de ansiedade, depressão ou insônia, as respostas variam: De maneira geral, há relatos de situações de adoecimento, porém percebemos, pela fala dos entrevistados, que as pessoas realmente **evitam comentar** a respeito da própria condição de enfermidade emocional, conforme se vê em seguida.

Professora Hilda:

*Entrevistador* – (...) você... já tomou conhecimento de alguma situação de crise com algum colega seu? eu digo assim: ansiedade depressão pânico ou algo semelhante?

*Participante* – sim... eu acho que... eu já TIVE ((exclamação))... **EU... MESMA já... tive... uma... uma crise de... de an-sie-da-de... éh... no... no trabalho...** atendi pelos colegas assim: numa situação de... de paralisia e tal... mas éh... no diálogo com os colegas: mui-tos: mui-tos

*Entrevistador* – muitos?

*Participante* – **muitos... éh... vivem...** ((respirou fundo)) ou **situações de... de**

**depressão... ou estão se medicando pra conseguir controlar: ou a ansiedade... enfim... isso tem... o adoecimento... éh... tem sido cada vez mais inTENso né... nos últimos tempos... ((respirou fundo)) éh... eu... mesma... ando medicada ((riso tenso))... né... acho que... éh... eu tenho... éh... uma personalidade né... como eu já disse: obsessivo-compulsiva: então eu acabo: ficando MUITO vinculada ao trabalho... criando inclusive algumas... algumas ma-ni-as né... de trabalho mesmo que... éh impedem o sono e tal então... éh... **a minha ansiedade é controlada com a compulsão pelo trabalho... o que é muito violento, né...** ((sorriso tenso))**

*Entrevistador* – é essa... essa questão do... do medicamento que você falou... seria outra pergunta né... então assim... além de você né: você conhece **vários outros...** pelo que entendi... que **fazem uso ou de ansio-lí-tico ou antidepressivo ou remédio pra dor-mir...**

*Participante* – **sim** ((quase inaudível))... **infelizmente sim** ((expressão pesarosa))

*Entrevistador* – esse muitos assim... dá pra gente... mais ou menos... tipo... tipo assim metade dos teus colegas... mais ou menos...? ou... não sei...

*Participante* – bom... assim... **de quem eu tenho... bastante contato...** que eu sei... bom... assim... eu... (...) dizer qual é o uniVERso... talvez entre... dez e quinze pessoas... umas... éh umas oito pessoas ( ) **num universo de quinze** que eu tenho contato... **umas sete ou oito pessoas... metade ((exclamação))...** me-ta-de

*Entrevistador* – pelo menos a metade dos colegas... que VOCÊ TENHA CONHECIMENTO né?

*Participante* – que eu tenha conhecimento

*Entrevistador* – porque **pode ser que tenha mais algum você... nem... nem fala né?**

*Participante* – **que nem fala sobre isso**

*Entrevistador* – que prefere não falar né...

*Participante* – sim

Professor Mateus:

*Entrevistador* – (...) você:: já tomou conhecimento de alguma situação de crise com algum colega... tipo: crise de ansiedade depressão pânico ou alguma coisa parecida?

*Participante* – sim... já tivemos (...)

*Entrevistador* – (...) **você conhece professores que... fazem uso de ansio-lí-tico antidepressivo ou remédio pra dor-mir...?**

*Participante* – pôxa agora... eu não vou te... não vou...

*Entrevistador* – que você saiba não... né? pelo que eu tô entendendo... porque às vezes tem colegas que comentam e tem outros que não comentam né...?

*Participante* – (...) então eu não... **eu não sei de nenhum colega que... este-ja usando alguma medicação nesse sentido** que você comentou... até porque as pessoas às vezes não... não comentam né... eu **tenho colegas aqui que tem problemas de pressão (alta):: tem colegas que tem diabetes... essas coisas né mas... assim... o comentário é só nesse sentido... Outras: situações não** (...)

Professora Vivian:

*Entrevistador* – (...) você conhece professores que fazem uso de... sei lá... ansiolíticos antidepressivos ou remédios para dormir... tem conhecimento? às vezes os: colegas comentam né...?

*Participante* – sim ((gaguejou)) os colegas comentam... sim... tenho conhecimento disso sim...

remédios... mas assim... **não sei especificar** se é ansiolítico ou...

*Entrevistador* – ah sim ok mas é nessa linha aí de...

*Participante* – ansie... é nessa linha de ansiedade ou depressão...

*Entrevistador* – ansiedade, depressão e tal... e assim... você tem ideia de

quantos... assim... mais ou menos?

*Participante* – éh... dois... **dois ou três...**

*Entrevistador* – dois ou três...?

*Participante* – ...**não tenho mais... conhecimento**

*Entrevistador* – não... ok... às vezes tem gente que não comenta... prefere não comentar né

*Participante* – sim, aham

Percebe-se, de fato, nas entrevistas, que as pessoas tendem a ter mais liberdade para falar de problemas físicos (tais como como diabete ou hipertensão) e menos de problemas emocionais, como se vê na fala do professor Mateus, por exemplo, que afirma ter conhecimento apenas de colegas com problema de diabete; ou do professor Tolkien, que nunca tomou conhecimento dessas situações. Isso parece ocorrer especialmente com colegas considerados mais ‘centrados’, ou que ocupem algum cargo de gestão. Estes parecem perceber algo mais relevante somente quando se tem a manifestação de uma crise de ansiedade ou algo semelhante, entre seus pares.

Assim, fica evidente o mais “difícil de lidar”, conforme Cury (2013), ou o “difícil de dizer” (CLOT, 2010), quando as pessoas silenciam por se sentirem inibidas, em relação ao compartilhamento de seus distúrbios emocionais com determinados colegas; até porque estes talvez também prefiram não saber. Por outro lado, aqueles que se identificam com outro colega que tenha uma condição semelhante, parecem ter mais liberdade para compartilhar com seus pares – como é o caso da professora Hilda, que identificou que cerca de 50% dos colegas do seu círculo de relacionamento também utilizam ansiolíticos, antidepressivos ou outro medicamento para controle de transtornos de ordem emocional.

É possível, também, que profissionais homens tenham mais dificuldade para compartilhar questões emocionais com seus pares – talvez por uma ideologia machista como, por exemplo, “homem não chora”; ou por uma limitação do próprio funcionamento do psiquismo do homem... Ou, ainda, um misto das duas situações.

Em todos os tópicos desta correlação os professores expressam, seus pensamentos. Porém, neste tópico, em particular, focamos na manifestação expressa da constituição emocional dos docentes. Na sequência, todos os itens dependem deste tópico, uma vez que a gestão da emoção não é possível sem a sua materialidade linguística – ou seja: é a linguagem que viabiliza a gestão da emoção.

### 3.2.4. Os professores e a gestão da emoção

#### a) Conhecimento (ou não) a respeito de ferramentas de gestão da emoção

Perguntado se os entrevistados já ouviram falar de **gestão da emoção**, ou eventualmente conhecem alguma das **ferramentas de gestão da emoção**, propostas por Cury (2013), todos afirmaram desconhecer esses conceitos – pelo menos, com esses termos:

Professora Hilda

*Participante* – bom... éh... ouvir falar: talvez eu tenha ouvido... acho que...

*Entrevistador* – por alto?

*Participante* – é... por alto sim... tenho... éh... acho que... né... nesses... nos momentos ali de... ES-pe-cialmente né... porque a gente tem esse... esse... PÉSSimo hábito de só se dedicar... pra coisa no meio da coisa né ((sorriso))... assim: em seTEmbros amaRElos e tal... saúde mental... éh... ah mindfulness... né essas coisas todas eu... **já ouvi falar muito por alto** nessas... nesses momentos... **mas aprofundadamente não...**

Professor Mateus

(...) SINceramente não... n... **nessa denominação que você tá colocando NÃO...** né... eu sei que... acho que: cada um de nós: a gente tem que ter uma ma-neira de con-trolar né (...) alguns... alguns eu acredito que conseguem controlar me-lhor: outros nem tan-to...

Professora Vivian

(...) **não especificamente** nesse...**com essa expres-são** mas... ahn... talvez o: que eu tenho assim ((gaguejou)) na... semana de planejaMENTo capacitação são oferecidos (...)

Professora Andressa

*Entrevistador* – (...) você já... você conhece: ou já ouviu falar: de ges-tão da emo-ção: ou de alguma ferra-menta de gestão da emoção... já ouviu falar?

*Participante* – Não

*Entrevistador* – Não...?

*Participante* – **Nunca ouvi falar**

Professor Louis

*Entrevistador* – Ok... e:: pra terminar: deixa eu te perguntar... você conhe-ce ou já ou-viu fa-lar... de “ges-tão da emo-ção” ou “ferramentas... de ges-tão da emo-ção”?

*Participante* – N-não... **não**

Professor Tolkien

*Entrevistador* – (...) você já... você co-nhece: ou já ou-viu: fa-lar... de ges-tão da emoção... ou de alguma ferra-menta de ges-tão da emo-ção?

*Participante* – Não: cara: **nunca ouvi falar**

*Entrevistador* – Não né...?

*Participante* – Não

Professora Augusta

*Entrevistador* – (...) por fim: você já ou-viu falar: de “ges-tão da emo-ção:” ou alguma “ferra-menta de ges-tão da emo-ção:”... já ouviu falar disso? ou não...  
*Participante* – Ah... s...**sendo franca com você: não: não...**

Embora desconheçam o conceito de **gestão da emoção**, ficou evidente que todos trabalham, ainda que empiricamente, essas questões – o que trataremos no tópico seguinte.

## **b) Como os entrevistados lidam com as questões emocionais**

Uma questão central para este trabalho, como já foi dito anteriormente, é saber como (ou se) os professores utilizam estratégias de inteligência socioemocional em sua prática docente. Em relação a este quesito, Vieira Jr. e Santos (2011) mencionam, como resultado de sua pesquisa, diversas estratégias desenvolvidas pelos professores considerados ‘saúdáveis’, para contornar essas situações desafiadoras com as quais se deparam em seu trabalho.

Vimos, também, em Cury, uma série de procedimentos e atitudes que o autor sugere, no intuito de evitar – ou superar – distúrbios de ordem socioemocional. Podemos dizer que, ainda que empiricamente, cada um tem uma forma de lidar com essas situações de tensão emocional, conforme os relatos abaixo:

Professora Hilda

*Entrevistador* – (...) e como que você lida... então... com as situações de tensão emocional?

*Participante* – tá... éh... eu **fa-ço tera-pia**... né... faço **análise**... o que... ajuda bastante né... eu acho que (...) bom... em... bons: momentos... então assim... **NÃO AGORA** ((exclamação, com ar pesaroso))... em bons mo-mentos eu... éh... **praTico Ioga**... né... em **BONS mo-mentos**... não... **não é o que tá acontecendo agora** ((riso tenso))... então assim: que é uma coisa que eu sei que... fazia... muito bem (...) e **acupun-tu-ra**... né... então que eram... práticas... **MUIto** cotidianas no momento em que eu tava bem... só que **agora**... assim... **o NÍvel de... de trabalho tem sido TANTo... que te juro pra gente conseguir o tempo da tera-pia na se-mana... tem sido difícil**...éh... são essas... as estratégias... e ficar com os meus bichos... que eu tenho vários bichos ((risos))

Professor Mateus

*Participante* – olha: **eu tento me manter o MAIS CALMO** possível porque assim... tem horas que: eu fico... éh... **se eu fico MUIto nervoso daí eu falo MUIta coisa**... às vezes... até... **DE MAIS** sabe... **ai eu acabo estou-ran-do** mesmo sabe então eu tento... éh... assim.. **eu ouço... eu tento...** maquiNAR aquilo ALI:... e **tra-ba-lhar aquilo que foi fa-la-do... tanto na questão pes-soal quanto na profis-sional...**

*Entrevistador* – sim

*Participante* – mas sempre com muita calma pra:: a gente tentar: re-sol-ver... mas às vezes eu... às vezes eu também: **já: tive situações que eu acabei: me des-controlando:** no sentido assim... ah... né... chuta o balde... fala um monte de coisa: depois se arrepen-de...

*Entrevistador* – chuta o pau da barraca...

*Participante* – exato... **depois se arrepen-de...** depois você... né... **vai conversar com a pessoa e... pede... pede desculpa: perdão::** porque falou um monte de coisa lá que: ela não deveria ouvir... então isso **JÁ** acon-te-ceu comigo (...) **eu sempre procuro:** ter uma... uma forma de... de com... assim... ahn eu quero... eu procuro sempre ser: bastante calmo: e atencioso: e tentar: **NUMA BOA resolver as questões...**

*Entrevistador* – aham... entendi... **diá-lo-go né?**

*Participante* – **isso** ((exclamação)) (...)

(...) **you precisa ter: muitas vezes uma... pa-lav-ra ali de al-guém: pra te dar um: Ânimo** né: ou... **o cara te puxar ali e falar:** não... **esquece... deixa pra lá:...** **vamos tentar outra coisa aqui:...** aí a coisa vai... voltando ao normal (...)

Professora Vivian

(...) na... semana de planejaMENTo capacitação são oferecidos: algumas **oficinas pra** justa-mente... éh... **saber lidar com as emoções** né... ( ) várias oficinas **nesse sentido de... de equilíbrio emocional**

(...) se eu já sei que alguma situação vai me gerar *stress* eu **busco me preparar** (...) eu busco... éh **respirar... me tranquilizar:** para de- pois ver o caminho de solução (...)

Professora Andressa

*Entrevistador* – Certo... e como é que você... como é que você lida: com essas situações de tensão emocional?

*Participante* – Nossa: Marcos: eu acho que... ((pausa)) primeiro eu... eu tento **fazer uma LEItura...** então você falou do: Augusto Cury né... eu tenho:: vários livros. Isso eu faço... éh... Eu tento chegar em casa e falar assim... bom... a gente tem que abstrair tal coisa... sabe: tipo assim... você se prepara... psicologicamente: **you tra-balha internamente: para tentar blin-dar algumas coisas no ambiente de trabalho...**

*Entrevistador* – Certo

*Participante* – **Eu tento** fazer isso sabe... **pensar em outras coisas** ou então... sei lá: chegar no... no trabalho e... e: às vezes ah acho que eu vou pro laboratório com os alunos e vou ficar por lá... que daí né: a interação é outra... então eu vou pensando em atividades: estratégias: sei lá... que não são né:: com esse conhecimento assim... mas são estratégias que eu criei e que de repente FUNCionam...

*Entrevistador* – Muda o foco...

*Participante* – **Mudando o foco:** exatamente

(...)

*Participante* –...na verdade: às vezes quando eu saio de lá né: ou... então: lá mesmo e... agora não dá porque estamos no remoto: mas... tínhamos ali... **eu tenho contato com pelo menos duas professoras que: SOMOS PRÓXIMAS...** então: às vezes a gente sentava e conversava porque as três estavam abaladas da mesma forma... **sabe: então acho que isso ajudava...**

*Entrevistador* – Uma apoiava a outra... ((risos))

*Participante* – Uma apoiava a outra... agora: de vez em quando **a gente conversa assim no WhatsApp... faz: uma ligação pelo Meet pra a gente se ver...** alguma coisa nesse sentido... e assim... acaba que eu converso: não necessariamente aqui em casa: (...) então também eu acho que não tenho o direito de jo-gar todas as coisas... mas eu converso muito com os meus irmãos e: com os meus pais... então acaba que a gente... é quase um momento de desabafo: assim né...

*Entrevistador* – Uhum:: com certeza... com certeza: essa conversa alivia muito né...

*Participante* – É... então eu percebo que isso tam-bém ajuda... sabe: vai passando aquela... aquele: CALOR que surgiu durante: o dia assim né...

## Professor Louis

*Entrevistador* – (...) como você lida com essas... com as situações de ten-são emocional?

*Participante* – Ah eu acho que isso: até f-foge do... do âmbito profissional né... eu acho que eu acabo lidando da mesma maneira como eu lidaria no âmbito pessoal...

*Entrevistador* – Uhum:

*Participante* – No sentido de...

*Entrevistador* – É porque na verdade isso a-feta o teu pessoal né...

*Participante* – Aham (...) a... a tendência é ficar refletindo a respeito daquilo né... de alguma coisa que está:... te apoquentando né: como alguns falam assim... então alguma situação que está pegando no momento... (...) você tem a tendência de se lembrar: daquilo né... e... e fica **refle-tindo a respeito: do tipo assim “será que eu errei nisso ou errei naquilo... o que que poderia ter sido diferente”...**

*Entrevistador* – Aham

*Participante* – É... é nisso...

*Entrevistador* – A reflexão: é o que mais te ajuda então...?

*Participante* – É uma questão de **reflexão**

## Professor Tolkien

*Participante* – Então: comigo não... não tem dessas coisas... eu não entro nessas...

*Entrevistador* – Legal...

*Participante* – ...Desculpe o termo: não científico: eu não entro nessas pira: entendeu?

*Entrevistador* – Pira: é... ((risos))

*Participante* – Juro que não entro... trabalho é trabalho cara...

*Entrevistador* – Aham::

*Participante* – A gente vai lá... senta e resolve né... eu digo para minha esposa: a gente trabalha pra resolver...

*Entrevistador* – Legal::

*Participante* – Não entro nessas piras: nessas coisas...

*Entrevistador* – Legal:

*Participante* – **Eu NÃO a-ceito... esses “presentes”** assim: sabe...

*Entrevistador* – Ah:: isso mesmo... isso mesmo ((exclamação))

*Participante* – É aquela história: não aceito... não aceito...a pessoa vem pra brigar:: eu vou lá e...

*Entrevistador* – Éh::: pôxa... gostei viu? Gostei...

*Participante* – Não brigo... você só briga se duas pessoas brigam: entende:: eu não... não ligo cara... (...) ó: pra você ter uma ideia: há SEIS a-nos eu sou coordenador do ((OPPA))... cara: NUNca tive um problema de conflito... na coordenação...

*Entrevistador* – Legal...

*Participante* – Entende...? NUNca... porque: Não tem... não tem... cara... a gente vai lá e... essas coisas a gente vai lá e... gesta né: cara...

*Entrevistador* – É... o que eu tô vendo assim é que: você... éh::: você já trabalha... éh... antes de acontecer: você já NEM DEIXA aconte-cer né... a:: coisa... né: porque a per-gunta era assim: daí praqueles que têm essas dificuldades né: “como você LIDA com as situações de tensão...” no TEU caso: **você NEM CHEGA na situação de tensão... então COMO É que você pre-vine...?** professor: me... me ajuda só pra depois...

*Participante* – Cara: são al-guns princípios (...) é... é o que eu falo pro nosso



secretário... eu falo “cara... **não importa como o problema surgiu:: importa como a gente vai re-sol-ver** ele” entende? às vezes eu vejo a diferença aí: sabe... **as pes-soas: em vez de resolver os problemas elas... dinamizam os problemas...**

*Entrevistador* – Isso: ((exclamação))

*Participante* –...Entende? e... eu NÃO FAÇO is-so: cara... então: por exemplo... e ou-tra coisa: eu SEMpre... parto do princípio que **to-do mundo é ser hu-mano:... todo mundo tem seus pro-blemas: mas me-rece ser respeitado... merece ser bem tra-tado:** entende?

*Entrevistador* – Uhum:

*Participante* – TODOS... todos no... no entorno: desde a pessoa que lim-pa a minha sala... até o meu chefe...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – Então... por isso que não... e outra: não... nunca... **eu nunca trago conflito para a minha vida:** entendeu?

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Eu sempre vou lá e resolvo: acabou ((OPPA)) eu trabalho assim: cara... eu sempre falo para e-le... então: por exem-plo... ah eu vou culpar o secretário porque aconteceu alguma coisa? não cara... **o impor-tante é a gente resolver o problema: NÃO achar o culpado...**

*Entrevistador* – Isso:

*Participante* – Entendeu? é is-so que me satisfaz né: a resolução de problemas: entende? (...) resolve cara... tra-balha pra resolver... e os problemas vão acontecendo... não adianta e...

*Entrevistador* – Legal

*Participante* – Entende... então esse é o princípio... e você **par-te do princípio que todas as pessoas são honestas...** algumas NÃO vão ser... entende...? **isso já não gera uma carga de stress** entende...? porque **outras pessoas trabalham o contrário: to-do mun-do é deso-nesto... daí você...**

*Entrevistador* – Até que prove o contrário...

*Participante* –... Entra no stress de ficar desconfiando... é: daí você **entra no stress de descon-fiar de-todo mundo:** entendeu?

*Entrevistador* – Isso:

*Participante* – Eu não faço isso: cara... à medida que os problemas vão... **NÃO ANTECIPO problema... à medida que os problemas vão acontecendo a gente RESOLVE: o impor-tante é traba-lhar para resol-ver...**

## Professora Augusta

*Entrevistador* – Como é que você:: lida: com essas questões de ten-são emocional: de pressão... psicológica: enfim...?

*Participante* – (...) **eu costumo muito dia-logar: na minha equipe...** eu tenho... uma fluidez muito... muito: recí-proca e muito: acolhedora ((OPPA)) e: ahn:: **eu dialogo muito com as minhas a-migas: com a minha fa-mília...** teve algumas situações: no decorrer do ano... que **tinha mui-ta pres-são e muita energia: ruim vindo: de um determinado grupo... o que que eu fiz: eu falei “eu vou sair desse grupo de WhatsApp...”** porque só vinha: bom-bar-deio: e coisa mui-to ruim e co-brança...

*Entrevistador* – Negativ... aham::

*Participante* – Eu disse: então sabe o que fazer? eu só vou trabalhar com esse grupo: mediante reu-niões e: ahn... conversas particulares: mas vou sa-ir daquele grupo... porque parecia que aque-le grupo queria: afetar ((OPPA)) então **eu saí do grupo... pronto... resolvi a principal...** éh: movimento de: **ten-são** que me deixou algu-mas noites sem...

*Entrevistador* – **Tirou a fonte de tensão...** que maravilha:

*Participante* – Exatamente

Todos os entrevistados trouxeram contribuições relevantes, em relação às estratégias que utilizam, no intuito de gerenciar suas emoções, das quais ressaltamos as seguintes: manter a calma e não reagir de forma impensada, para não se arrepende depois (Prof. Mateus); buscar a interação com os colegas, dialogar, compartilhar, falar de si, ouvir e ser ouvido – uma prática que fez falta durante a pandemia (Andressa e Augusta); refletir sobre as situações de tensão, avaliar, arrazoar a respeito dos fatos que envolvem essas situações (Prof. Louis); buscar o equilíbrio e ter atitudes no sentido de: considerar que todo ser humano tem seus problemas mas merece ser respeitado, partindo do princípio que todas as pessoas são honestas – o que evita a carga do estresse das desconfianças, não aceitar certos “presentes” com carga de tensão emocional ou estímulos estressantes, focar na resolução dos problemas (em vez de dinamizá-los, ou de procurar “culpados”), não trazer conflito para a vida pessoal e não antecipar problemas, mas resolvê-los à medida que forem acontecendo (Prof. Tolkien); apartar-se das fontes de tensão, isto é, afastar-se, sempre que possível, de grupos e/ou pessoas que tornam o clima mais pesado do que normalmente já é (Prof.<sup>a</sup> Augusta).

Mesmo utilizadas empiricamente pelos entrevistados, diversas dessas estratégias coincidem, pelo menos em parte, com várias práticas propostas por Cury (2013), quais sejam: pensar antes de reagir; exercitar o diálogo – falar de si mesmo, dividir com o outro – e o autodiálogo (ou “mesa redonda do Eu”), isto é, o diálogo com todas as possíveis “versões do Eu”, como as descritas por Berger e Luckmann (2004); lembrar-se que o “outro” também é um ser humano e, portanto, devem-se respeitar seus limites e conflitos; não “comprar o que não lhe pertence”; filtrar estímulos estressantes; não sofrer por antecipação.

Ressaltamos ainda a colocação do professor Mateus, o qual afirma que muitas vezes é necessária a intervenção da “palavra de alguém” em um momento de tensão, conforme vimos em Cury (2013), bem como em Berger e Luckmann (2004) – autores que deixam claro o poder da interação (especialmente por meio da palavra), no sentido de aproximar as pessoas, reforçar a identidade (base para a maturidade do sujeito) e também para aliviar tensões.

**c) Como os entrevistados (ou os programas de licenciatura) preparam os futuros docentes para lidar com as situações de tensão emocional**

Outro item de extrema importância, neste trabalho é: como os professores entrevistados (ou os programas de licenciatura) preparam seus alunos para lidar com as situações de tensão emocional, que certamente encontrarão em sua futura carreira docente. Uma vez que os entrevistados são todos professores de cursos de Licenciatura, buscamos identificar como (e se) eles trabalham estas questões junto aos seus alunos, para que estes possam enfrentar os desafios do campo socioemocional, em sua futura atividade profissional. Na sequência, temos o relato de cada entrevistado, quanto a esta questão:

#### Professora Hilda

*Entrevistador* – (...) voCÊ no ca-so... que está for-mando profes-sores né... já chegou a pensar:: como será:: o futuro deles: já chegou a conversar com eles sobre is-so: conVERsa... com eles sobre ISso... prepará-los pra enfrentar ESSas dificuldades... ESSas e OUtras né...?

*Participante* – sim... inclusive eu acho que... às vezes é uma coisa que até DÓI... assim... de... ((respirou fundo)) porque... **eu não... eu não pos-so mentir mas eu não... não pos-so matar... os sonhos**

*Entrevistador* – matar... éh ((exclamação))... éh... é compliCado você pesar isso né...

*Participante* – é porque... assim... porque é uma realidade que se você analisar... de forma... éh fri-a e objeti-va... éh... você não quer colocar ninguém ali nela... né? no jeito que ela tá... e é por isso... e é isso que eu... trago pra eles... assim... nessa realidade que... que nós temos... eu não quero que vocês vivam... mas é justamente por isso que a gente tá aqui... né que é uma coisa que eu sempre... eu... eu TENto dizer isso TODO semestre (...) (respiração profunda) que... é **JUStamente** a... o lug... a: **as condições... TERRÍVEIS em que a gente vive... que exigem da gente** ((suspiro)) um: um... **manter um sonho vivo de um OUtro tipo de... de condição de um outro tipo de vida né?**

*Entrevistador* – de se reinventar, né... muitas vezes...

*Participante* – sim ... então é: no sentido de... alertar que **ESSa realidade...** éh... **precisa: de alguma forma ser transformada...** que NÃO É responsabilidade individual de ninguém:

*Entrevistador* – uhum

*Participante* – (...) é mais no sentido de dizer assim ó: **a minha função:: é manter vivo: o so-nho de que... UM DIA a gente vai ter: uma educação de mais qua-li-dade... um dia as pessoas TERÃO ACESSO DEMocraticamente à educa-ção... e um dia... efetivamente a gente possa: através da educação... éh... ter... não resol-ver os problemas sociais... mas ter... um: um domínio de **QUAIS problemas são es-ses: conseguir: procurar soluções juntos...** então acho que é... ((suspiro)) é a única coisa que tenho... conseguido fazer... né... pra que também os meninos: as meninas que tão na licenciatura... não saiam correndo. ((risos))**

#### Professor Mateus

*Entrevistador* – (...) você que tá: formando professores... né: já chegou a pensar assim: como seRÁ o futuro DEles nessa... né nessa á-rea aí... nesses desafios... chegou a conversar: conVERsa com eles... sobre isso...?

*Participante* – é **essa é uma preocupação: acho que não é... somente minha né... mas: de todo mundo que é professor aqui no curso...** (...)

*Entrevistador* – sim

*Participante* – (...) você não vê muita perspectiva... então: **o que a gente tem ten-ta-do fazer com os alunos é mostrar** para ele... que a forMAÇÃO dele

sendo boa aqui na (...) **ele pode atuar em Várias frentes**: ele não precisaria ficar REFÊM... da docência: ou seja a docência seria: o primeiro caminho: vamos dizer assim que ele... éh: teria como atuar: com a formação: em licenciatura...

*Entrevistador* – mas não o único, né?

*Participante* – exato ((exclamação)) mas ele tem outras: possibilidades... então a gente: tá tentando explorar muito isso... e agora nós vamos fazer a revisão do nosso PPC aqui... e **nós temos: a intenção: de criar TRILHAS forma-tivas pro aluno** a partir de um cer-to mo-mento: a partir do sex-to perío-do do cur-so... onde ele POSSA... cursar uma... quantidade de disciplinas... éh na... na sequência... de maneiras que ele pos-sa: éh... se sentir mais atraído por aquela: trilha: de formação: e quando ele sair daqui... que ele pos-sa talvez trabalhar com aquilo: não necessariamente SER professor mas... ter OUtras possibilidades...

Professora Vivian

*Entrevistador* – (...) vocês que estão formando professores né... vocês já pensaram assim... (...) muitos deles: muitos dos professores que vocês estão formando vão... vão enfrentar situações diferentes... né... da... da que tem na universidade... vocês já pensam... eu imagino que sim né... mas vocês têm pensado nisso... tem procurado... né... ver como é que vai ser o futuro desses profes-sores... ver como é que... que pode prepará-los ou a-ju-dar né a prepará-los para enfrentar essas... esses desafios?

*Participante* – éh então... assim... a questão... se **a gente... bus.. tenta...eh... mo... fazer com que os alunos... realizem um estágio EM escolas públicas... pra eles vivenCIAREM essa situação** então quando... éh e assim... no... no estágio... a gente tem um momento que a gente chama de seminário... toda semana são duas aulas onde... os alunos trazem as demandas da escola... então... **se um estudante tá fazendo estágio numa escola onde TEM uma situação adversa... questão de bullying ou qualquer outra questão... essas questões são discutidas no... no seminário de estágio... então assim... a gente tenta... éh... inserir o estudante em estágio NA escola pública pra... JUStamente vi-ven-ciar uma situação bem diferente que não é a situação da universidade, né (...)**

Professora Andressa

*Entrevistador* – (...) a última pergunta agora é... vocês... né... voCÊ que tá formando professores... já chegou a pensar assim: como que será o futuro deles... chegaram... chegou a conversar alguma coisa sobre essa... esse tipo de difícil-da-de que o professor en-con-tra...

*Participante* – (...) **MUITos alunos que estão na Licenciatura ((OPA) eles não queriam estar na Licenciatura...**

*Entrevistador* – Hum:: ((ar de espanto))

(...)

*Participante* – Éh... é a Única opção que eles tinham... por exemplo: aqui na cidade era mais próximo e tal... então: a maioria deles não queria: es-tar na licenciatura.

*Entrevistador* – **Não entraram por opção... foi por FALTA de opção...**

*Participante* – Foi por falta de opção... exatamente... então **quando eles se deparam lá na escola: então muitos vêm: desmotivados**: “ah não é isso que eu quero...” e aí vem toda uma... uma contextualização assim ó “o salário é muito baixo: são muitas turmas né: turmas gran-des”...

*Entrevistador* – E o pior é que a realidade né?

*Participante* – É a realidade... então... o que a gente conversa: muito... (...) “é assim né gente...” precisa ir... precisa experimentar... a gente precisa ir... digamos assim: com a cabeça aberta: não já... chegando na escola: com todos os problemas que ela vê... tem que... tem que ver a realidade... e eu sempre digo a eles assim: “por mais que a realidade seja difícil: é importante que a

gente a conheça...”

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Porque... você: vai ter que tomar um posicionamento... de acordo com onde você estiver. Então essas vivências... elas são impor-tantes... eu falo sempre pra eles né: Ser professor NÃO... é fácil... a gente sabe disso... porque tem essa questão assim... a gente vive mui-to isso aqui na ((OPPA)): porque funciona assim né aqui... são todos os cursos de engenharia e a licenciatura à noite... então **VÁrias atividades são preparadas pa-ra as engenharias né... a licenciatura: ela tá sempre assim... no: no escanteio da... da situação... e os alunos SENtem isso... então a gente precisa tá sempre lutando para enxergarem a licenciatura... e não é diferente quando eles estiverem formados...**

*Entrevistador* – Pois é... pior é que é verdade... é o reflexo, né...

*Participante* – É o re-flexo... então assim: é importante que eles FAçam um bom trabalho... e assim: que eles JÁ saibam... dessas dificuldades: da questão salarial: das salas... de todo um contexto... mas eles precisam estar ali e fazer o que eles possam... façam de melhor...

*Entrevistador* – Fazer o melhor né...

(...)

*Participante* – Mas a gente sempre está ali **“olha vamos tentar... vamos criar estratégias... né vamos no PIBID... ou então “ah vamos desenvolver um jogo... vamos pensar em material: que o aluno possa interagir...”** (...)

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – Então é nesse sentido que **eu converso com eles...** viu: Marcos... **assim: pra não desanimar...** quem tem... quem já gosta da licenciatura: eu percebo que en-xerga de outra maneira...

*Entrevistador* – Sim

(...)

*Participante* – Eles fazem as disciplinas ok... mas quando vai para o colégio: eles voltam... muitas vezes com... uma dúvida né: “nossa será que eu realmente vou ter que encarar isso...? até quanto eu aguento...?” então a conversa é nesse sentido: **a gente procura também promover ali... ah... palestras traz pessoas... de outros lugares... professores do ensino médio... professores de universidades: para que eles vejam... que não é só também a difi-culdade que tem na profissão né...**

## Professor Louis

*Entrevistador* – Vocês... VOCÊ... você trabalha com eles essa questão assim de “olha... lá na frente vocês vão enfrentar essa dificuldade... aquela... aquela...”? ...né... imagino que sim: mas... eu queria que você me: conTAsse um pouco... se você trabalha: como você trabalha isso: né...

*Participante* – O que eu posso te dizer nesse... nesse quesito é assim ó... talvez... TALvez por causa da na-tureza das minhas disciplinas... né... eu... as minhas disciplinas aquelas são mais TÉCNICAS ((OPPA)) e não são das... da área pedagógica... mas se perguntar “ah você nunca falou...?” eu falei já... **tem certas oportuni-dades... em que a gente trata de coisas nesse sentido... PRINcipalmente... agora não sou mais... mas teve uma época... em que eu era AQUI no meu curso... um dos professores de TCC... é claro: TCC tem um ca-ráter muito espe-cífico... mas de vez em quando a gente acaba... abordando aquela eu acho que seria um assunto recorrente... NO MÍNimo UMA VEZ: por turma: por semestre...fa... aquela: interface... (...)**

*Participante* – Mas não é assim né...

A partir desses relatos, pudemos verificar que praticamente todos os entrevistados expressaram a preocupação com esta questão e afirmam que, de alguma forma, trabalham isso com seus alunos, futuros docentes. A exceção foi o professor Tolkien, que atua mais

em disciplinas iniciais e/ou técnicas do curso e entende que essas questões estão a cargo de professores que atendem disciplinas mais à frente, como as de estágio, por exemplo.

A preocupação (e o desafio) inicial dos docentes é no sentido de mostrar a realidade e, ao mesmo tempo, encorajar os alunos das licenciaturas a permanecerem na área da educação. Em que pese as dificuldades e as condições de desvalorização da profissão, o esforço maior é no sentido de manter vivo o sonho de que, um dia, por meio da educação, tenhamos um melhor conhecimento dos problemas que afligem a sociedade e possamos, juntos, encontrar soluções, conforme a fala da Prof.<sup>a</sup> Hilda.

A luta para valorizar os profissionais da educação começa já a partir da valorização das licenciaturas, buscando mais visibilidade e reconhecimento para a área da docência, criando incentivos e estratégias, lançando mão de todos os recursos possíveis para que os futuros docentes tenham estímulos e condições de se manter firmes na carreira da educação (Prof.<sup>a</sup> Andressa). Isso se busca mostrando-lhes todas as possibilidades que eles terão no futuro, a partir de uma formação de qualidade (Prof. Mateus), ainda que isso tudo envolva questões maiores, como políticas públicas, ideologias, economia, planos de governo, entre outros fatores.

Uma vez cumprido esse pré-requisito básico, aí então cabe uma ação no sentido de trabalhar essas questões específicas de gestão do campo emocional, buscando oferecer ferramentas aos futuros docentes, para que eles possam gerir suas emoções no dia a dia de seu trabalho e lidar adequadamente com os desafios no campo socioemocional. E este deveria ser um assunto recorrente, de acordo com o Prof. Louis.

Vale ressaltar que não observamos comentários, por parte dos entrevistados, especificamente relacionados à saúde emocional dos alunos da licenciatura, ou relatos de ações específicas com esse propósito – isto é, para fazer frente às situações que os futuros docentes enfrentarão no cotidiano, em sua vida profissional. Por outro lado, de maneira geral, todos reconhecem a importância de se trabalharem essas questões, para preparar os alunos para os desafios de sua futura carreira, nessa área.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da questão estabelecida como problema de pesquisa (“o que os professores de cursos de licenciaturas têm a dizer a respeito da gestão de situações de tensão emocional em seu ambiente de trabalho?”), obtivemos relevantes contribuições por parte de todos os entrevistados. Por meio da materialidade linguística da subjetividade dos docentes, pudemos identificar várias situações práticas que envolvem o contexto socioemocional do seu trabalho, em correlação com os conceitos teóricos apresentados inicialmente.

Conforme vimos, as quatro categorias de análise dos dados obtidos foram assim definidas: (1) aspectos culturais que envolvem a docência; (2) a relação do professor com o seu trabalho; (3) a materialidade linguística das emoções no trabalho docente; (4) a gestão da emoção, por parte dos professores. Retomamos, aqui, os achados mais relevantes, de acordo com os objetivos desta pesquisa, pela ordem das categorias de análise.

Quanto aos aspectos culturais que envolvem a docência, ressaltamos os **valores e comportamentos culturalmente estabelecidos**, partindo de relatos de aspectos que parecem imutáveis; isto é, que se perpetuam, mesmo que não façam sentido para os sujeitos. Isso evidencia a internalização de comportamentos culturalmente estabelecidos, por meio da utilização de signos cristalizados pelo uso histórico de um determinado grupo de pessoas – aqui, no caso, do corpo docente da universidade. Identificamos, assim, algumas palavras que aparecem representando o trabalho docente e parecem estar já cristalizadas, tais como: dedicação exclusiva (integral), sentimento de desvalorização, indissociabilidade entre trabalho e vida pessoal, entre outras.

A respeito da relação do professor com o seu trabalho, ressaltamos a questão do **significado do trabalho docente**, em que percebemos o professor tendo uma relação tão imbricada com sua atividade laboral que, via de regra não consegue se dissociar do trabalho; ou seja, o “**ser professor**” encontra-se **amalgamado com o mundo da educação**. Há também a questão do excesso de volume de trabalho – uma característica bem presente, na atividade docente, com uma verdadeira invasão do universo do trabalho na vida pessoal dos educadores – fato ainda mais exacerbado nesta época de pandemia e trabalho remoto, que corresponde ao período desta pesquisa.

Ainda, quanto à **relação do professor com o seu trabalho**, vemos que o discurso dos professores já está mesclado a outros anteriores – por exemplo, em relação à produtividade e à normalidade de se trabalhar além da jornada pactuada com a instituição empregadora. Identificamos também a presença marcante da **ideologia**, que inclui: conceitos, ideias e mitos presentes no contexto de trabalho docente e na relação da subjetividade do professor com as suas condições objetivas de trabalho.

Quanto à materialidade linguística das emoções no trabalho docente, o primeiro ponto a se ressaltar são as **questões estruturais** e políticas que envolvem a educação em nosso país. Os professores que fizeram menção e este tema foram unânimes ao registrar sua **insatisfação**, referindo-se à severa redução de investimentos e limitação de recursos no dia a dia da atividade do professor – comum à realidade docente. Observamos que o sistema socioeducacional é estreitamente ligado a **relações de poder**, assim como qualquer outro sistema social. Esse poder está frequentemente do lado das instituições, que pressionam os trabalhadores (no caso, os docentes), levando-os a um **sentimento de impotência**; o qual se torna exacerbado, em face da situação atual da educação em nosso país e das limitações humanas dos professores.

Ainda em relação à materialidade linguística das emoções no trabalho docente, percebemos, nas entrevistas, que os professores expressam **sentimentos contraditórios**: por um lado, sentem-se privilegiados pelas condições favoráveis e/ou diferenciadas de se exercer a docência na universidade pesquisada e, por outro, situações de angústia, insatisfação, frustração e até abalo emocional. Dessa forma, além das limitações de recursos, da insatisfação com a estrutura e com a política educacional, da pressão sobre a produtividade nivelada pelo topo, do sentimento de impotência e do desânimo, também recai sobre os docentes um evidente **sentimento de desvalorização** – como já dissemos anteriormente.

No aspecto socioemocional, percebe-se que, mesmo em sofrimento, as pessoas tendem a ter **menos liberdade para falar de problemas emocionais** do que de problemas físicos – e com os professores isso não é diferente. Esse distanciamento em relação ao sofrimento dos pares parece ocorrer especialmente com colegas considerados mais ‘centrados’, ou que ocupam cargos de gestão. Nesses casos, eles só percebem algo relevante quando se manifesta uma crise emocional, no local de trabalho. Por outro lado, aqueles que se identificam com colegas que tenham uma condição semelhante, parecem ter mais liberdade para compartilhar essa dor com seus pares.



Ao falar do conceito de **gestão da emoção** proposto por Cury, os entrevistados afirmaram, em uníssono, desconhecer essa concepção. Apesar disso, ficou evidente que **todos trabalham**, ainda que empiricamente, **essas questões**. Resumidamente, com base nas respostas dos entrevistados, identificamos as seguintes maneiras de lidar com as situações de tensão emocional, utilizadas pelos docentes: (1) Preparação/ atuação proativa (buscar preparar-se, evitando entrar na situação estressante, mudar o foco, ou afastar-se das fontes de tensão, tanto quanto possível); (2) Analisar as situações com calma, com foco na resolução de problemas concretos; (3) Exercitar o diálogo e a reflexão (ou autodiálogo); (4) Dar crédito às pessoas/ relacionamento humano, sem desconfianças ou julgamentos; (5) Ajuda/ intervenção de colegas de trabalho, em momentos mais difíceis; (6) Vida social ativa; (7) Atividades alternativas (como ioga e acupuntura); (8) Ajuda de profissionais de saúde mental.

Percebemos que algumas dessas formas de lidar com as tensões emocionais correspondem, em certo sentido, a algumas técnicas propostas por Cury (2013), abordadas neste trabalho, tais como: exercitar o pensar antes de reagir; praticar o diálogo e o autodiálogo/reflexão, humanizando a relação; e não antecipar problemas futuros. Portanto, ainda que empiricamente, todos os entrevistados utilizam, de alguma maneira, práticas de gestão da emoção, embora eles próprios entendam que ainda há muito que pode ser acrescentado, por meio de técnicas apropriadas, que tenham sido desenvolvidas especificamente com esse fim.

Ainda, ao investigar **como os professores entrevistados** (ou os programas de licenciatura) **procuram preparar seus alunos para lidar com as situações de tensão emocional** que estes encontrarão em sua futura carreira docente, pudemos verificar que praticamente todos os entrevistados expressaram a preocupação com esta questão. Os docentes afirmam que, de alguma forma, trabalham isso com seus alunos, futuros professores, mais no sentido de encorajá-los a se manter firmes na carreira e a enfrentar os desafios que têm pela frente. Por outro lado, de forma geral, os entrevistados também reconhecem que deveria ser feito mais, neste sentido – até porque consideram que a atividade de educador é menos valorizada já desde a universidade, pois sentem isso nos cursos de licenciatura, em comparação com outros cursos.

Como resultado deste contato com os docentes, entre as colocações dos entrevistados, há ainda outros pontos a se ressaltar, a saber: Os **principais fatores de adoecimento docente** – cada vez mais intenso – mencionados pelos entrevistados são: o

**relacionamento conturbado** – especialmente com colegas de trabalho (manifesto, por exemplo, em discussões desnecessárias, inclusive em reuniões internas da universidade) e a **alta carga de trabalho**, combinada com **pressão e pesadas cobranças**. Esses fatores, combinados com a relação imbricada com o mundo do trabalho, parecem afetar sobremaneira a vida pessoal dos docentes.

Por outro lado, entre os principais **suportes para evitar ou superar eventuais crises**, os entrevistados mencionaram exatamente **a interação com os colegas de trabalho**. Ou seja: uma equipe que mantém um relacionamento saudável favorece bastante o equilíbrio emocional, necessário para se lidar com as situações de conflito. Muitas vezes são os colegas de trabalho que provêm um apoio essencial em momentos críticos, no campo emocional.

Além disso, outro ponto extremamente favorável no contexto da universidade pesquisada, apontado pelos entrevistados, é o **relacionamento com os alunos** – este parece ser, surpreendentemente, um dos maiores estímulos positivos para o docente universitário; isto é, o retorno que vem dos discentes, tanto no aspecto relacional (de proximidade, de diálogo), quanto de sua evolução acadêmica. Porém, devemos lembrar que esta é a realidade encontrada na universidade pesquisada e que, partindo dela, **não** podemos inferir que esta seja a mesma em outra universidade, nem tampouco no ensino médio.

Consideramos que os objetivos deste trabalho foram atingidos: pudemos identificar as representações dos docentes sobre o seu trabalho e percebemos que, mesmo inconscientemente, os docentes utilizam algumas estratégias para proteção de suas emoções, em relação aos desafios do campo de trabalho. Pudemos também compreender os aspectos socioemocionais, expressos pela materialização linguística dos professores, que fazem parte do seu trabalho docente, correlacionando-os a alguns conceitos das teorias da linguagem.

Na correlação aqui realizada, focamos na manifestação expressa da constituição emocional dos docentes e concluímos que **a gestão da emoção não é possível sem a sua materialidade linguística. A linguagem** não apenas está presente, mas também é **determinante** em todas as fases; isto é, tanto da produção de pensamentos e emoções, de sua expressão/ materialização, como também de suporte e/ou manejo de eventuais distúrbios neste campo. Assim, esperamos ter podido evidenciar a importância da linguagem, em correlação com o tema da gestão da emoção.

Naturalmente, ainda há muito a ser incrementado na área da educação, em relação à preparação dos professores em formação – e até dos próprios docentes da universidade – para que possam enfrentar os desafios no campo socioemocional. Esperamos ter contribuído para levantar questões que consideramos vitais, em relação à saúde docente – em especial, no campo socioemocional – na expectativa de que este tema se torne, posteriormente, objeto de interesse de outros pesquisadores e possa constituir uma base para outros estudos e debates. Acreditamos até mesmo em uma possível inclusão futura de conteúdos da educação socioemocional no currículo de graduação, especialmente nos cursos de licenciatura.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *For Marx*. Tradução de B. Brewster. Londres: Penguin Press, 1969.

ATAÍDE, Cleber. **Pensando nos critérios de identificação e conleitução da categoria gramatical de sujeito**. 2011. (artigo – recorte da dissertação “O comportamento sintático-semântico da categoria gramatical de sujeito em títulos jornalísticos: uma abordagem funcionalista”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB).

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: M. Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

Bíblia Sagrada, NT. Português. **Bíblia King James Atualizada**. Sto Amaro: Sociedade Bíblica Ibero-Americana, 2012.

Bíblia Sagrada, NT. Português. **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica Brasileira, 2017.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: Educ, 2012.

BORNHEIM, G. A. **Dialética: Teoria e práxis: Ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da Dialética**. Porto Alegre: Globo, 1977.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

CORBISIER, Roland. **Enciclopédia filosófica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2 ed. Bauru: EDUSP, 2002.

CURY, Augusto J. **Inteligência multifocal: análise da construção dos pensamentos e da formação de pensadores** - 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

CURY, Augusto J. **Programa Freemind como Ferramenta Global para Prevenção de Transtornos Psíquicos**. Tese (doutorado). FCU, 2013.

- CURY, Augusto J. **Programa Você é Insostituível**. Lançado em 2017. Disponível em <https://www.youareirreplaceable.com/>. Acesso em 26/01/2022.
- CURY, Augusto J. **Inteligência Socioemocional – Ferramentas para pais inspiradores e professores encantadores**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.
- CURY, Augusto J. **Socioemotional Intelligence – Tools for inspiring parents and captivating teachers**. Curitiba: *Word Master*, 2020. Tradução: De Paula, Marcos.
- DE PAULA, Marcos; KONOLSAISEN, Pilar. **Terapia de Família - A Abordagem Sistêmica numa Visão Dialética** (TCC de especialização), 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.
- GAULEJAC, Vincent. **O âmago da discussão: da sociologia do indivíduo à sociologia do sujeito**. Tradução de Norma Missae Takeuti – Université Paris 7, Denis-Diderot– PPGCS/UFRN.
- GERGEN, Kenneth J. **The Self as Social Construction**. *National Academy of Psychology (NAOP) India* 2011.
- GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social** – 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GOLEMAN, Daniel. **Emotional Intelligence**. *New York: Bantam Books, 1995*.
- HALL, Stuart. **The work of representation**. In: HALL, S. (Org.) *Representation: cultural representations and signifying practices*. Londres: *Thousand Oaks/New Deli: Sage/Open University*, 1997.
- HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- HENGEMÜHLE, Adelar. **Augusto Cury – Legado para a educação. A teoria de Augusto Cury aos olhos de um educador**. João Pessoa: Unifuturo, 2018.
- JODELET, Denise (Org. ) **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 2001.
- LANE, Silvia M. **O que é psicologia social?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.
- LEONTIEV. Alexis, N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.
- LIMA, Anselmo. **Como transformar a prática docente nas escolas: Guia definitivo para o coordenador pedagógico** – 1. ed.– Campinas: Pontes Editores, 2021.

LIMA, Dassayeve. **Ideologia da produtividade e saúde mental: o que a psicologia tem a ver com isso?** 2020. Disponível em: <https://resistentes.org/ideologia-da-produtividade-e-saude-mental-o-que-a-psicologia-tem-a-ver-com-isso/> Acesso em 26/11/2022.

MARCUSCHI, Luiz. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MINAYO Maria C. S. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. São Paulo: Hucitec; 2014.

MINAYO, Maria C. S. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

NOVIKOFF, Cristina. (org.) **Teoria das representações sociais: caminhos metodológicos em pesquisas na/para formação de professores**. São Paulo: Editora Pontocom, 2016.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. - 11ª ed. - Campinas: Pontes Editores, 2013.

PEREIRA, Lucila C. **Método Paulo Freire**, 2006. Site Info Escola – Disponível em: <https://www.infoescola.com/pedagogia/metodo-paulo-freire/> acesso em 21/02/2021.

PRETI, Dino. **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas, 1999.

Revista Linguagens & Cidadania, Santa Maria, UFSM, n. 26, 2014. VEÇOSSO, Cristiano Egger. **O Interacionismo Sociodiscursivo e Suas Bases Teóricas: Vygotsky, Saussure e Bakhtin (Volochinov)**.

Revista SPAGESP vol.14 nº 1 Ribeirão Preto, 2013. PEREIRA, Thaís T.S.O. **Pichon-Rivière, a dialética e os grupos operativos: implicações para pesquisa e intervenção** – Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702013000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702013000100004) acesso em 26/12/2021.

SALOVEY, P; MAYER, John D. **Emotional intelligence. Imagination, Cognition and Personality**. \_\_\_\_: Baywood Publishing, 1990.

SANTOS, Márcia A. **Nós só conseguimos enxergar dessa maneira...: representações e formação de educadores**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: 2010.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHWARTZ, Y. **Trabalho e Saber**. Seminário Internacional Trabalho e Saber. Belo Horizonte, 12-16 maio, 2003, Mimeo.

SILVA, T. T. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VIEIRA JUNIOR, P. R., & SANTOS, E. H. (2011). **Renormalizações: Estratégias para Manutenção da Saúde pela Atividade Docente**, 2011. Revista Profissão Docente, 11(23), 103–126. <https://doi.org/10.31496/rpd.v11i23.195>

VIGOTSKI, Lev S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 7 ed, 2007.

VIGOTSKI, Lev S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 4 ed, 2008.

WALLON, Henri. **Origens do pensamento na criança**. São Paulo, Manieie, 1989.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In SILVA, T.T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ANEXO – Normas para transcrição de entrevistas gravadas

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmento	( )	Do níveis de rensa ( ) nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r )	:: podendo aumentar para ::::: ou mais	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razoes ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição: desvio temático	-- --	... a demanda de moeda - - vamos dar casa essa notação - - demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...



Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”	“O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou para siglas (USP etc)</li> <li>2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá</li> <li>3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.</li> <li>4. Números por extenso.</li> <li>5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)</li> <li>6. Não se anota o cadenciamento da frase.</li> <li>7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa)</li> <li>8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.</li> </ol>		

Tabela I – Normas para transcrição (PRETI, 1999, p. 19).

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
CÂMPUS PATO BRANCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGL)**

MARCOS CRISTOVAM LOPES DE PAULA

FALAS DOCENTES – A CONSTITUIÇÃO SOCIOEMOCIONAL  
EM CONTEXTO EDUCACIONAL

PROJETO DE PESQUISA

PATO BRANCO  
2021

**Desenho:**

Vide metodologia.

**Palavras-chave:** Trabalho docente, representações, linguagem e emoções;

**Resumo – contexto/problema:**

Este projeto propõe o estudo da relação existente entre a objetividade e a subjetividade no contexto educacional – em especial no ambiente de trabalho docente – mediada pela linguagem. A pesquisa aqui proposta tem dois momentos: a construção do aporte teórico sobre o tema deste trabalho e uma pesquisa de campo. O problema de pesquisa que se pretende investigar é: “Como (e se) os professores universitários utilizam estratégias de inteligência socioemocional em sua prática docente?”

A base deste estudo são as teorias sociológicas, psicológicas, filosóficas e Linguísticas relacionadas à ‘educação’, ao ‘trabalho’ e à ‘linguagem’. Além disso, propõe-se uma correlação entre a construção social da mente e do conhecimento, com o conceito de inteligência socioemocional proposto por Cury (2019). Em relação à temática geral desta pesquisa, seus principais fundamentos teóricos são os legados de Bakhtin e Vigotski, onde se compreende que a língua é eminentemente social, dialógica e intimamente relacionada à subjetivação dos objetos sociais e à formação do pensamento.

Com a pesquisa de campo aqui proposta, serão entrevistados professores de cursos de licenciatura de uma universidade pública no estado do Paraná, buscando identificar aspectos socioemocionais presentes nas materializações discursivas do professor e, por outro lado, componentes discursivos presentes no contexto socioemocional de seu ambiente de trabalho. Assim, pretende-se contribuir para valorizar e, quem sabe, enriquecer o conceito de ‘língua como prática social’, além de promover o uso de ferramentas que estejam associadas às habilidades socioemocionais na atividade docente.

## 1. INTRODUÇÃO

O contexto educacional atual impõe ao trabalho docente uma situação cada vez mais desafiadora – em especial se considerarmos o seu conteúdo socioemocional. Diversas pressões do meio social interagem com o sistema emocional, tanto de professores quanto de alunos, e demandam estratégias para a superação desses desafios.

Este projeto apresenta, em consonância com o objetivo do PPGL, a proposta de estudar a linguagem a partir de uma perspectiva enunciativo-discursiva e sócio-histórico-cultural, com o fim de elucidar relações entre linguagem, subjetividade e a intervenção humana no contexto educacional, cultural e laboral. Em outras palavras, isso compreende, neste trabalho: estudar a relação existente entre a objetividade e a subjetividade no contexto educacional – em especial no ambiente de trabalho docente – mediada pela linguagem.

Este estudo deve ter como base as teorias sociológicas relacionadas, à 'educação', ao 'trabalho' e à 'linguagem'. Além disso, propõe-se uma correlação entre a construção social da mente e do conhecimento, com o conceito de inteligência socioemocional proposto por Cury (2019). Este é derivado da Teoria da Inteligência Multifocal (CURY, 2006), e da tese de doutorado do mesmo autor (2013), que analisa o Programa *Freemind* como Ferramenta Global para Prevenção de Transtornos Psíquicos, cujos fundamentos são corroborados por Hengemühle (2018), entre outros.

Considera-se essa concepção como uma evolução que vem ocorrendo há mais de um século no **conceito de inteligência**, desde que Binet propôs o instrumento psicométrico reconhecido como 'o primeiro teste de QI', no início do século XX. Essa proposta passou por várias reformulações durante décadas, até que Goleman (1995) o incrementou, já próximo ao final do século, incluindo elementos do campo emocional. Posteriormente, o conceito de inteligência teve mais uma ampliação, abrangendo também os aspectos sociais, na segunda década deste milênio.

O primeiro passo do trabalho aqui proposto é situar o conceito de 'língua', com o qual trabalharemos, na condução desta pesquisa. Adotamos aqui a mesma linha utilizada por Fochzato (2004) e Santos (2010); ou seja, longe de qualquer conceito estruturalista, considera-se a língua (ou linguagem) como construção e prática social, como elemento constituinte e constitutivo da sociedade e da cultura. Segundo esse referencial, a linguagem é vista como instrumento de socialização, por meio do qual ocorre a objetivação dos processos de significação subjetiva, mediante diversos subprocessos da construção de sentido.

Em outras palavras: é através da linguagem que se dá a interiorização e exteriorização da realidade. Nesta mesma linha, a linguagem também é vista como atividade, como um conjunto de ações simbólicas que se realizam em determinados contextos comunicativos e sociais.

“A concepção de língua como elemento capaz de mediar a interação do homem com o ambiente e, assim, provocar nele transformações, pode ser um passo adiante na direção das abordagens propostas atualmente pela Linguística Aplicada”. (SANTOS, 2010, p.64).

Considerando-se a temática geral desta pesquisa, os principais fundamentos teóricos do trabalho aqui proposto são os legados de Bakhtin e Vigotski, onde se compreende que a língua é eminentemente social, tanto em suas origens, quanto no ‘destino’. Também é importante ressaltar que os aspectos emocionais são indissociáveis dos sociais, fazendo parte, dialeticamente, do processo de subjetivação da linguagem e da formação do pensamento, conforme Vigotski (2005). Da mesma forma, o processo de produção linguística e, portanto, o retorno para o meio social, envolve diretamente fatores socioemocionais intrincados.

Sendo assim, esses aspectos (socioemocionais) não podem ser negligenciados, no estudo aqui delineado. Há que se considerar, também, o conceito de Inteligência Socioemocional proposto por Cury (2019), que inclui – entre outras – habilidades internas e interpessoais, as quais demandam flexibilidade para ‘gerenciar pensamentos’, ‘proteger a emoção’ e ‘colocar-se no lugar do outro’, numa trajetória que leve o indivíduo a ser o protagonista – o sujeito de sua história (e não ‘objeto’).

Por falar em ‘ser sujeito de sua história’, um dos pontos de fundamental importância a se correlacionar entre os principais autores aqui referenciados é o aspecto histórico da vida social humana. Dialeticamente falando, “todos os fenômenos são estudados como processos em movimento e mudança, [...] mudanças históricas na sociedade e na vida material produzem mudanças na ‘natureza humana’” (SANTOS, 2010).

Ainda a respeito de Cury, embora médico psiquiatra, seu maior legado está seguramente na área da educação, onde o autor propõe um modelo humanista – outro tema de importante interface com outros autores aqui abordados. Santos (2010), por exemplo, descreve a proposta dessa abordagem, mostrando que a sua ênfase está no sujeito, o qual é considerado o principal elaborador do próprio conhecimento, sendo que os conteúdos ou a metodologia não podem usurpar esse lugar de importância.

Outro pensador de destaque nessa linha é Freire (1997), um dos expoentes da proposta humanista, que enxerga a educação como um ato de recriação e ressignificação em uma contínua perspectiva dialógica de reflexão sobre a ação. O ato educativo deve, tendo como base o respeito ao educando, ampliar a sua visão de mundo, proporcionando-lhe autonomia. Dessa forma, o educando tenderá a melhorar progressivamente sua autoestima e autoconfiança, sendo encorajado a assumir um papel ativo, tanto em seu processo de aprendizagem, quanto nas diversas esferas da vida social.

A proposta freiriana é considerada mais um método de aprender do que de ensinar; ou seja, muito mais relacionada a uma teoria do conhecimento do que propriamente uma metodologia de ensino. Na visão de Freire, o educador

deve identificar e mostrar ao educando os conhecimentos que este traz consigo, auxiliando-o na reorganização dessa bagagem e relacionando-a com os saberes trabalhados na escola.

Partindo dos princípios de que o educando é sujeito da própria aprendizagem e de quando ele chega à escola já possui um conhecimento de sua língua e de sua cultura, promove uma aprendizagem que ocorre coletivamente (PEREIRA, 2021).

Ainda em relação a Cury, corroborando com o construto desse autor, Hengemühle (2018) promove um diálogo entre ele e mais de trinta autores contemporâneos, a respeito de uma proposta para o desenvolvimento de um novo modelo de educação. Esse modelo proposto deve se contrapor ao que foi concebido desde a ‘modernidade’, que via (ou vê) a prática do professor como “transmissão de conhecimentos”, tidos como ‘neutros’ e ‘inquestionáveis’ e, ainda hoje, parece estar demasiadamente arraigado – conforme Santos (2010). Busca-se, então, um modelo que supere essa visão linear cartesiana, baseada “racionalidade ocidental”, de visão “universalista” e, muitas vezes, excludente.

O novo modelo – humanista – deve, portanto, entre outros itens, incluir as emoções como parte indispensável do processo educativo; para o que será necessário promover a desconstrução de estruturas calcificadas, mediante reflexões acerca da formação de professores. Com isso, espera-se que lhes sejam viabilizados instrumentos que os permitam promover a cidadania, relações de igualdade, compreensão, respeito ao ‘diferente’ e combate à estigmatização, reconhecendo que há diferentes formas de se conhecer e de se conceber o mundo (SANTOS, 2010).

Outra fundamental contribuição para este trabalho vem da área da Psicologia Social que, dentre outros fatores, aborda a formação do “Eu” – tema recorrente em Cury. Nessa área, Lane (1981, *apud* SANTOS, 2010) afirma que é por meio da linguagem que nós apreendemos o significado do mundo e dos objetos que nos cercam. Nós interagimos com o ‘outro’ e, neste processo de interação, cada indivíduo vai formando o seu “Eu”, à medida que constrói a sua ‘consciência de si’.

Ainda considerando a relação da linguagem com a sociedade, Berger e Luckmann (2004) afirmam que ela (a linguagem) é o mais importante conteúdo e, ao mesmo tempo, o mais importante instrumento da socialização. E, falando em aspectos sociais da linguagem, não se pode deixar de considerar a obra de Bakhtin (2016), que organizou diversos conceitos enunciativo-discursivos, com especial destaque para a concepção da linguagem dialógica. Esse conceito enxerga a linguagem como fenômeno social e histórico, onde um enunciado sempre se compõe a partir de outros enunciados (portanto, em relação direta com o meio social).

Com esta pesquisa esperamos identificar aspectos sociais (ou melhor, socioemocionais) presentes no processo discursivo do professor e, por outro lado, componentes discursivos presentes no contexto socioemocional, dialeticamente, conforme o conceito de dialética presente em Berger e

Luckmann (2004). Conhecendo mais a fundo essa base da dinâmica psicossocial, acreditamos que será possível entender melhor a constituição socioemocional que permeia o ambiente educacional.

Assim, pretende-se contribuir para valorizar e, quem sabe, enriquecer o conceito de 'língua como prática social', além de promover o uso de ferramentas que estejam associadas às habilidades socioemocionais, em especial na atividade docente. Também é possível que este trabalho levante questões que ensejem novos estudos, que venham a demonstrar a importância de se incluir o conhecimento de ferramentas da inteligência socioemocional no currículo de formação docente e – por que não – até no currículo discente.

## 1.1. OBJETIVOS

### Objetivo Geral

Compreender a constituição subjetiva e objetiva do trabalho docente, por meio das falas dos professores, a respeito da sua prática profissional, com foco nos aspectos socioemocionais.

### Objetivos específicos

- Compreender as práticas docentes e as formas de constituição subjetiva no trabalho dos professores;
- Efetuar a correlação entre os conceitos levantados e a realidade (objetiva) do contexto do trabalho docente;

## 2. METODOLOGIA

### 2.1 População/amostra

Os participantes da pesquisa de campo serão professores de cursos de licenciatura de uma universidade pública no estado do Paraná, com mais de dez anos de experiência docente. A amostra será composta de 6 professores, escolhidos aleatoriamente dentre três campi (o câmpus de Curitiba e dois campi do interior). O contato será com a direção de cada câmpus e/ou coordenação dos respectivos cursos.

### 2.2 Critérios de Inclusão e Exclusão

Inclusão:

- Professores de cursos de licenciatura de uma universidade pública no estado do Paraná.

Exclusão:

- Menos de dez anos de experiência docente.

### 2.3 Recrutamento

Os participantes serão escolhidos aleatoriamente, distribuídos entre Curitiba e interior do estado. Para isso, será estabelecido contato com os campi selecionados para as entrevistas, após articulação com a Reitoria da universidade. Será esclarecido o objetivo da pesquisa e garantido o anonimato.

Identificados os docentes que estejam enquadrados no perfil desejado e que se disponham a participar, a entrevista será iniciada assim que possível; ou seja, adequando-se às demandas do local de trabalho. Caso não sejam possíveis as visitas e entrevistas presenciais, em função da pandemia, as atividades serão efetuadas remotamente, por meio de aplicativo de reunião acessível aos entrevistados, no qual seja possível a gravação da entrevista.

### 2.4 Riscos e benefícios

O **risco** da pesquisa é **mínimo**. É possível que, em último caso, leve constrangimento aos entrevistados, por exporem aspectos subjetivos acerca do tema em questão. Se o constrangimento se tornar um impeditivo, o participante poderá deixar a entrevista a qualquer momento.

A pesquisa deve trazer **benefícios**, tanto para a academia quanto para os docentes e à sociedade em geral. O meio acadêmico deve se beneficiar, a partir da identificação e correlação de conceitos contemporâneos a respeito de aspectos socioemocionais presentes no ambiente educacional – especialmente a correlação da linguagem e com a inteligência socioemocional, na área da educação.

Espera-se, ainda, um benefício para a prática profissional dos professores em particular, uma vez que a pesquisa vai suscitar uma reflexão acerca da constituição subjetiva e objetiva do seu trabalho. Isso deve possibilitar, em especial, um melhor conhecimento da base da dinâmica psicossocial e da constituição socioemocional do trabalho docente.

Os benefícios descritos, por extensão, deverão alcançar a sociedade em geral, pois a pesquisa contribuirá para a identificação de aspectos



socioemocionais que, por extensão, atingem alunos e suas famílias. Conseqüentemente, a pesquisa poderá contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

## 2.5 Procedimentos de coleta de dados

A obtenção dos dados se dará por meio de entrevista semiestruturada, para que os participantes possam se expressar livremente (MINAYO, 2006). Para facilitar a atividade, a entrevista seguirá um roteiro, mas não será limitada a ele. Conterá as principais perguntas, a respeito da experiência profissional dos entrevistados, no ambiente educacional – especialmente aquelas que se relacionam aos fatores emocionais, afetados pelo ambiente de trabalho. Com isso, buscar-se-á identificar se – e/ou como – os entrevistados utilizam alguma ferramenta de gestão da emoção, ou algum conceito de inteligência socioemocional, que possa contribuir para a melhoria da sua qualidade de vida no trabalho.

As entrevistas serão gravadas e, posteriormente, transcritas. A transcrição (literal) dos dados obtidos constituirá o *corpus* da pesquisa, ou seja, o seu texto (ORLANDI, 2013).

## 2.6 Análise dos dados

Os textos transcritos serão submetidos a uma análise das representações, materializadas nas falas docentes. Será realizada uma atenta leitura (e releitura) desses textos, visando à definição do *corpus* da pesquisa e ampliação das possibilidades de novas compreensões dos fenômenos sob investigação. Buscaremos estabelecer relações entre os diversos recortes do *corpus* de análise, categorizando as suas unidades. Finalmente, buscaremos correlacionar a teoria com os fenômenos investigados, visando à identificação de um novo significado, à luz da pesquisa realizada.

## 2.7 Cronograma de execução

**Ano de 2021:**

Atividades	Out.	Nov.	Dez.	(Conclusão em 2022)
Trâmite do projeto no comitê de ética	12/10	01/11		
Fundamentação teórica	12/10	01/12		
Pesquisa de campo		30/11	X	10/01

Transcrição dos dados			15/12	20/01
-----------------------	--	--	-------	-------

**Ano de 2022:**

<b>Atividades</b>	<b>Jan.</b>	<b>Fev.</b>	<b>Mar.</b>	<b>Abr.</b>	<b>Mai.</b>	<b>Jun.</b>	<b>Jul.</b>
Início das análises	10/01	01/02					
Qualificação		10/02					
Análises		02/02	X	02/04			
Defesa					02/05		
Ajustes no trabalho					03/05	01/06	
Entrega do relatório ao CEP			10/03				01/07

## 2.8 Orçamento

<b>Item</b>	<b>Valor</b>
Combustível para visitas e realização das entrevistas.	R\$ 100,00
Impressão de questionários e termos de consentimento livre e esclarecido.	R\$ 20,00
Despesas de viagem entre Curitiba e Pato Branco para orientações.	R\$ 700,00
<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 820,00</b>

## INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

### (ROTEIRO DA ENTREVISTA)

- 1) O que o (a) levou a escolher a carreira na área da educação?
- 2) Como foi a sua experiência no início da carreira?
  - 2.1) Explique.
- 3) Algo mudou, de lá até hoje? Se sim, ...
  - 3.1) O que mudou?
  - 3.2) A que você atribui essa mudança?
  - 3.3) O que essa mudança significou para você?
- 4) Como você considera o seu nível de satisfação com o ambiente de trabalho?
  - 4.1) Explique.
- 5) Quais são os pontos mais altos (positivos) do seu ambiente de trabalho?  
(Ex: condições de trabalho, relacionamento com: alunos, outros professores, coordenação, direção, núcleo, comunidade, entre outros).
- 6) Quais são os pontos mais baixos (negativos) do ambiente de trabalho?
- 7) Como você avalia a carga emocional no seu trabalho?
  - 7.1) Explique, se (e como) isso afeta a sua vida pessoal.
- 8) Como você avalia a carga emocional no trabalho de seus colegas?
  - 8.1) Você já presenciou alguma situação de crise (de ansiedade, depressão, pânico ou algo semelhante)?
  - 8.2) Conhece professores que fazem uso de ansiolíticos, antidepressivos e/ou remédio para dormir? Quantos (que você se lembre)?
  - 8.3) A que você atribui essa situação?
- 9) Você conhece (ou já ouviu falar de) alguma “ferramenta de gestão da emoção”?
  - 9.1) Se sim, já utilizou (ou utiliza) alguma?
  - 9.2) Explique (origem, funcionamento, entre outros aspectos que julgue importantes).
  - 9.3) Se não, como você lida com as situações de tensão emocional?

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

**Título da pesquisa:** FALAS DOCENTES – A CONSTITUIÇÃO SOCIOEMOCIONAL EM CONTEXTO EDUCACIONAL.

**Pesquisadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Andrea dos Santos

Endereço: R. Itacolomi, 51 CEP 85.501-240 – Pato Branco (PR). Telefone (46) 99905-1273.

**Local de realização da pesquisa:** UTFPR

**Endereço, telefone do local:** Av. Sete de Setembro, 3165 – fone (41) 3310-4545 e outros campi a definir (conforme os professores que se disponham a participar da pesquisa).

### A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa sobre aspectos socioemocionais presentes na atividade docente.

#### 1. Apresentação da pesquisa

A pesquisa visa compreender a constituição do trabalho docente, por meio do relato dos professores a respeito da sua experiência profissional, com foco nos aspectos socioemocionais.

#### 2. Objetivos da pesquisa

- Compreender as práticas docentes e as formas de constituição subjetiva no trabalho dos professores;
- Efetuar a correlação entre os conceitos levantados e a realidade (objetiva) do contexto do trabalho docente;

#### 3. Participação na pesquisa

A sua participação nesta pesquisa consiste em responder algumas perguntas, que serão gravadas e, posteriormente, transcritas. A entrevista deve durar de 10 a 15 minutos. Espera-se apenas que as respostas sejam autênticas, ou seja, que você procure manifestar sua real opinião.

#### 4. Confidencialidade

A pesquisa será totalmente sigilosa. Não será mencionado, em momento algum, o seu nome, nem qualquer dado que possa identificá-lo(a).

#### 5. Riscos e Benefícios

##### 5.1 Riscos:

O risco da pesquisa é mínimo. É possível que, no máximo, leve algum constrangimento aos entrevistados por exporem aspectos subjetivos acerca do tema em questão. Se o constrangimento se tornar um impeditivo, você poderá deixar a entrevista a qualquer momento, sem problema algum.

##### 5.2 Benefícios:

Os benefícios da pesquisa para o participante e demais profissionais, direta ou indiretamente relacionados ao seu ambiente de trabalho, incluem o acesso a recursos possivelmente desconhecidos até então, para a gestão socioemocional. Esses benefícios deverão, por extensão, alcançar a sociedade como um todo.

## **6. Critérios de inclusão e exclusão.**

### **6.1 Inclusão:**

- Professores de cursos de licenciatura de uma universidade pública no estado do Paraná.

### **6.2. Exclusão:**

- Menos de dez anos de experiência docente.

## **7. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.**

Fica permitido ao participante:

- a) deixar o estudo, bem como retirar o seu consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalização;
- b) receber esclarecimentos em qualquer etapa da pesquisa;
- c) ter acesso aos resultados do trabalho, após a finalização do processo.

Para receber o resultado desta pesquisa, você pode assinalar o campo a seguir, caso seja de seu interesse:

- (  ) quero receber os resultados da pesquisa  
(e-mail para envio : \_\_\_\_\_)
- (  ) não quero receber os resultados da pesquisa.

## **8. Ressarcimento e indenização.**

Tendo em vista que esta pesquisa não gera despesas aos participantes, o ressarcimento é nulo.

Por outro lado, assegura-se direito à indenização para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante, se houver.

## **ESCLARECIMENTOS SOBRE O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:**

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) é constituído por uma equipe de profissionais com formação multidisciplinar que está trabalhando para assegurar o respeito aos seus direitos como participante de pesquisa. Ele tem por objetivo avaliar se a pesquisa foi planejada e se será executada de forma ética. Se você considerar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você foi informado ou que você está sendo prejudicado de alguma forma, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). **Endereço:** Estr. p/ Boa Esperança, km 04 - Zona Rural, Dois Vizinhos - PR, 85660-000 **Telefone:** (46) 3536-89001 **E-mail:** coep@utfpr.edu.br

## **B) CONSENTIMENTO**

Declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos, benefícios, ressarcimento e indenização relacionados a este estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo, permitindo que o pesquisador relacionado neste documento obtenha a **gravação de voz e imagem** de minha pessoa para fins de pesquisa científica/ educacional. As gravações ficarão sob a propriedade do pesquisador pertinente ao estudo e sob sua guarda.

Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome Completo: \_\_\_\_\_  
RG: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_\_\_

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Nome completo: Márcia Andrea dos Santos.

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Márcia, via e-mail: marsan@utfpr.edu.br, ou telefone: (46) 99905-1273.

**Contato do Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos para denúncia, recurso ou reclamações do participante pesquisado:**

Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR)

**Endereço:** Estr. p/ Boa Esperança, km 04 - Zona Rural, Dois Vizinhos - PR, 85660-000  
**Telefone:** (46) 3536-89001 **E-mail:** coep@utfpr.edu.br

Transcrevemos, aqui, partes essenciais das entrevistas; isto é, as perguntas que vão ao centro da questão objeto desta pesquisa – principalmente em relação à carga que os professores estão enfrentando e como eles lidam com as situações de tensão decorrentes do ambiente de trabalho. São, ao todo, seis entrevistas com os participantes do público-alvo, além de uma “entrevista-piloto” – esta realizada com uma professora voluntária, também da licenciatura de uma universidade pública no estado do Paraná, com menos de 10 anos de prática docente. Esta entrevista-piloto, embora não seja computada no público-alvo, poderá ser utilizada em termos de comparação com as demais.

Como dissemos anteriormente, os nomes são fictícios, para preservar o anonimato dos participantes. Além disso, alguns trechos em que os entrevistados fazem menção a situações que poderiam ensejar a sua identificação foram **omitidos, para preservar o anonimato** do participante – neste caso, inserimos entre parênteses duplos, a sigla ((OPPA)).

### 1ª Entrevista

**Professora:** Hilda

**Tempo de experiência docente:** 10 anos e meio

*Entrevistador* – (...) como que você considera... o seu nível de satisfação COM o ambiente de trabalho... aí: o ambiente é... o mais amplo possível né... com colegas... com alunos... com o meio externo... com as autoridades... instituídas... como é que fica... como é que tá hoje a tua... como é que você considera a tua... ahn... satisfação com o ambiente de trabalho?

*Participante* – tá... éh... pensando né... em todos esses... esses níveis... atravessamentos aí né... desse ambiente de trabalho... eu acho assim que... eu tenho uma... eu sou muito feliz com a relação que eu tenho... com os estudantes... eu acho que... MESmo dentro de muitos limites... a gente tem muitos limites... eu acho que... né: tanto NÓS como professores... estudantes como estudantes... enfim... há... há choques geracionais... questões todas essas... mas eu acho que eu... sou muito feliz com a relação que é possível estabelecer... e com o quanto eu ganho com isso também né... éh... com os meus colegas IMediatos de trabalho... com quem eu trabalho diretamente... eu também sou MUITO feliz... eu tenho... inclusive eu acho que é... eu posso até atribuir uma ideia de SORTE quase... porque éh... quan.. quando a gente... encontra um grupo com... com tantas... possibilidades... MESmo nas diferenças de ideias: mesmo... eu acho que... há uma leVEza muito grande... em tempos que são muito duros né... que são muito pesados... então... o meu grupo imediato de trabalho... colegas de departamento... colegas do colegiado de curso... é uma relação muito boa... com as estruturas de gestão... eu... sempre tenciono muito algumas coisas... né... acho que apresento alguns pontos... MAS eu não acho que em nenhum momento é uma... é uma insatisfação pessoalizada... né: eu acho que tem a ver com as estruturas... com decisões e tal... então acho que há... há uma insatisfação sobre... a... a ideia de uma racionalidade técnica muito



forte dentro da universidade... mas não: não é NADA também que é Absolutamente insatisfatório... mas tem... se tornado mais insatisfatório... ((respirou fundo)) à medida em que: éh... o tempo vai pas-sando e você vai percebendo que as coisas não mudam... né que algumas coi-sas que você apon-ta... que há dez anos você disse que deveriam né... melhorar: não melhoram... agora com a estrutura máxima... em relação a... ao gerenciamento... das políticas educacionais o ministério da educação... a minha insatisfação é TOTAL... eu acho que... éh... não podia ser maior... não que a gente tivesse qualquer expectativa de que seria diferente disso... eu acho que... já se anunciava... é uma questão que se anuncia já há muito tempo né que... que a gente passa por um processo que... desde a ampliação da interiorização das universidades até aGOrá... a gente vê um GRANde declínio né... em relação à política pública... então é... insatisfação total.  
*Entrevistador* – tá... e a carga de trabalho como que é?

*Participante* – mui-to al-ta...

*Entrevistador* – pesada...?

*Participante* - muiTÍssimo... eu acho que... éh... eu nunca... esse ano por exemplo... eu nunca... a cada ano... eu nunca tinha trabalhado tanto na minha vida... assim sabe? aquela a sensação de... que a cada ano a carga aumenta...

*Entrevistador* – a cada ano a carga aumenta...?

*Participante* – isso... MUIto... e em VÁrios aspectos... desde os... os do cotidiano do trabalho docente... mas também aqueles que você... não entende porque o sentido deles... das atividades que passam a atravessar a nossa vida... que não... não sei porque tão ALI e... junto com um aumento da carga tem um momento de pres-são tam-bém né... e formas de controle... que isso também torna a carga mais pesada... eu acho... é a mesma coisa se você colocar mais peso e pressionar esse peso ele fica... mais duro de carregar né...

*Entrevistador* – é... exatamente... então aí... aí você já... já liga com a próxima pergunta que seria como você avalia a CARGA EMOCIONAL do seu trabalho...

*Participante* – olha... ((sorriso tenso)) éh:: NÃO raras vezes... ((coçou duas vezes o nariz)) eu sentei e chorei... então.. eu acho que... o trabalho docente... tod... assim... todo o trabalho humano é um trabalho humano... né... (que se relaciona) com... humanos... né? só que a gente tem no trabalho docente uma relação MUITO direta e muito... IMPACTANTE mesmo quando: aparentemente não impacta... então assim eu acho que tem um... um... cargas de responsabilidade de... ((respirou fundo)) éh:... de perspectivas que você nunca vai... saber se você deu conta se você não deu conta... se você... éh... fez o que... o máximo que poderia ter feito se não fez... o que que é o máximo o que que é o mínimo... então eu acho que... éh... há subjetividades MUIto atravessadas... né... então assim... a gente não consegue se dissociar... ((respirou fundo)) que é uma... uma coisa que muitas profissões têm... eu acho que a gente se... se constitui muito né no... no nosso fazer de trabalho... mas acho que no fazer do trabalho docente a gente: não consegue... a gente: passa a se incorporar de um jeito... éh... quase que... que INDISSOCIÁVEL do RESTO da sua vida... né... então: você vai se apresentar você fala assim eu sou a professora Hilda... entende... você já... ( ) né... eu acho que... você tá assistindo um filme você tá pensando em como aquilo você poderia relacionar com seu trabalho... ((risos)) acho que tem uma... né... imbrica de mais... então... por imbricar de mais e... talvez... também... por características... sei lá né... de personali-da-de... e... me importar de mais... me envolver de mais... acaba sendo SIM MUITO PESADO...

*Entrevistador* – aham... mas vamos... vamos tentar:: colocar: ou em uma palavra ou uma nota... de um a cinco... como você achar: mais fácil... se você achar uma palavra também para definir... alguns... alguns falaram... alguns professores falaram uma palavra... né pra definir... ou pode... se preferir pode ser uma nota de um a cinco... sendo que o cinco é o: máximo... da carga... que você acha... que pode... suportar

*Participante* – eu acho que... assim... se eu precisasse dizer uma... uma carga de um a cinco é cinco... e se eu precisasse dizer uma palavra... éh... a minha palavra seria... e-xaus-tão ((expressão pesarosa)) acho que assim a gente se: EXAURE e se... né... ((respirou fundo)) ne... nesse nível de... de... de tá SUGADO assim né

*Entrevistador* – sim... sim... e... e isso afeta a tua vida pessoal?

*Participante* – ah acredito que sim ((riso nervoso seguido de respiração profunda)) bom... tal... talvez fosse até... éh... muito... ((toques na face e na testa)) contraditório dizer que não né... eu acho que... eu acabei... eu acho que: tem uma questão também muito relacionada ao que a gente viveu na pandemia né... né que... o trabalho ele INVADIU... né... literalmente a nossa casa... então eu acho que isso: passou a... a ficar MAIS e-vi-dente... né.. eu acho que e... e... perdeu qualquer limite... então... eu percebo que... eu não tenho tido outra dimensão da vida... que não trabalho ((sorriso tenso))... seja ele o trabalho... o trabalho o próprio trabalho... seja o trabalho da reprodução da vida né... que é (os cuidados ou...) então eu acabo... vivendo... muito: o trabalho... TENHO também algumas características: talvez até um pouco obsesSivas em relação a isso talvez tenha a ver também com a minha personalidade um pouco... ((RESPIROU FUNDO)) éh... níveis de perfeccionismo muito doentios e tal... mas: eu acho que i... impacta à medida em que... você tem um EXCESSO... éh... tem gente que consegue controlar: até quando esse excesso invade e eu não consigo...

*Entrevistador* – mas é difícil mesmo né... é muito difícil...tá... e assim: você... já tomou conhecimento de alguma situação de cri-se com algum colega seu? eu digo assim ansiedade depressão pânico ou algo semelhante?

*Participante* – sim... eu acho que... eu já TIVE ((exclamação))... EU... MESMA já... tive... uma... uma crise de... de an-sie-da-de... éh... no... no trabalho... atenDida pelos colegas assim: numa situação de... de paralisia e tal... mas éh... no diálogo com os colegas: mui-tos mui-tos

*Entrevistador* – muitos?

*Participante* – muitos... éh... vivem... ((respirou fundo)) ou situações de... de depressão ou estão medicando pra conseguir controlar: ou a ansiedade... enfim... isso tem... o adoecimento... éh... tem sido cada vez mais inTENso né... nos últimos tempos... ((respirou fundo)) éh... eu... mesma... ando medicada ((riso tenso))... né... acho que... éh... eu tenho... éh... uma personalidade né... como eu já disse: obsessivo-compulSiva então eu acabo: ficando MUIto vinculada ao trabalho criando inclusive algumas... algumas ma-ni-as né... de trabalho mesmo que... éh impedem o sono e tal então... éh... a minha ansiedade é controlada com a compulsão pelo trabalho... o que é muito violento, né... ((sorriso tenso))

*Entrevistador* – é essa... essa questão do... do medicamento que você falou seria outra pergunta né... então assim... além de você né: você conhece vários outros... pelo que entendi... que fazem uso ou de ansio-lí-tico ou antidepres-sivo ou remédio pra dor-mir...

*Participante* – sim ((quase inaudível))... infelizmente sim ((expressão pesarosa))

*Entrevistador* – esse muitos assim... dá pra gente... mais ou menos... tipo... tipo assim metade dos teus colegas... mais ou menos...? ou... não sei...

*Participante* – bom... assim... de quem eu tenho... bastante contato... que eu sei... bom... assim... eu... eu não vou conseguir agora: dizer qual é o uniVERso talvez entre... dez e quinze pessoas... umas... éh umas oito pessoas ( ) num universo de quinze que eu tenho contato... umas sete ou oito pessoas... metade ((exclamação))... metade

*Entrevistador* – pelo menos a metade dos colegas... que VOCÊ TENHA CONHECIMENTO né?

*Participante* – que eu tenha conhecimento

*Entrevistador* – porque pode ser que tenha mais algum você... nem... nem fala né?

*Participante* – que nem fala sobre isso

*Entrevistador* – que prefere não falar né...

*Participante* – sim

*Entrevistador* – certo... e... a o que que você atribui... o principal fator ou principais fatores... que você atribui... esse... esse adoeci... esse adoecimento emocional: dos professores?

*Participante* – tá... eu acho assim... são... são muitos... são muito variados... né... nós somos também: muito di-fe-rentes então tem um pouco dessa questão da his... da história de como cada um vai lidar: com tudo isso... mas o generalizado de um lado ( ) a gente perceber que... coletivamente tá todo mundo adoecendo... tem a ver com esse... com essa questão do ambiente... do externo, né

*Entrevistador* – isso ((exclamação))

*Participante* – então... eu acho que tem... MUIto a ver com o excesso de trabalho o excesso... não só da quantidade de trabalho mas de cobrança sobre esse trabalho

*Entrevistador* – isso

*Participante* – uma lógica de produtividade que ninGUÉM alcança mas que a gente... cria um discurso sobre: esse alcance... então assim... éh... ninguém faz tudo... ninguém consegue fazer tudo... mas o discurso é que todo mundo... faz tudo: na: universidade... então... éh... essa pressão por fazer ensino pesquisa e extensão... e gestão... né... porque a gente acaba fazendo cargos de gestão... faz com que as pessoas achem que elas têm que ser... éh... perfeitas nessas... nesses quatro pontos... e... o... o NÍvel de... de avaliação... o critério... ele é sempre estabelecido pelo... me-lhor pesquisador... que... muito provavelmente faça só pesquisa... pelo me-lhor extensionista que muito provavelmente faça só extensão... pelo me-lhor em administração... então assim... os níveis estão colocados a partir desses sujeitos... mas há uma pressão para que o... pra que a base... constitua... condições de produtividade nos níveis... de quem está se dedicando somente a uma coisa... então eu acho que DIScursivaMENTE... éh... a gente... a ge... a gente... é pressionado... né... esse disCURSO sobre o... a... a produtividade atrelando a ess... a... a questões IRREAIS há muito... inal-can-çáveis... faz com que esse... essa sensação né: que... em algumas áreas se chama de síndrome do impostor né aquela coisa assim tipo que você nunca é bom o suficiente...

*Entrevistador* – sim

*Participante* – então isso... tem... tem pegado bastante... tem pegado bastante também as condições BEM difíceis com as quais a gente tem lidado... com estudantes... com as dificulDAdes dos estudantes... eu acho que... a frustraÇÃO dos professores que... em algum momento trabalharam com... éh... elites... né... do conhecimento que... hoje... né se deparam com estudantes com dificuldades... né... das mais variAdas... então... você não... você precisa... exigir demais... de si mesmo tam-bém nesse processo... ou então você... tem: que se conformar com o fato de que HÁ um insucesso coleTIvo ((risos e tensão))... né? então são... são coisas assim que... que eu acho que tem a... que TEM impactado... mas eu acho que também tem impactado sobre esse... essa... esse o-lhar de desvalori-za-ção social... faz também: bastante diferença ((olhar de desapontamento))... de você fazer um trabalho que você acha que... você percebe que ninguém... tá... ..

*Entrevistador* – ninguém tá aí

*Participante* – tá nem aí... éh ((continua o olhar de desapontamento))

*Entrevistador* – aham... ok... e... bom já: meio que: aí caminhando pro final... você: conhece... ou já ouviu falar de “ges-TÃO da emo-ção” ou alguma “ferraMENta: de ges-tão da emo-ção”?

*Participante* – bom... éh... ouvir falar: talvez eu tenha ouvido... acho que...

*Entrevistador* – por alto?

*Participante* – é... por alto sim... tenho... éh... acho que... né... nesses na... nos momentos ali de... ES-pe-cialmente né... porque a gente tem esse... esse... PÉSSimo há-bito de só se dedicar... pra

coisa no meio da coisa né ((sorriso))... assim: em seTEMbros amaRElos e tal... saúde mental... éh... ah **mindfulness**... né essas coisas todas eu... já ouvi falar muito por alto nessas... nesses momentos... mas aprofundadamente não...

*Entrevistador* – tá... então... bom... dá pra dizer que você então... lida... éh... empiricamente com essas... com essas questões né... e... e como que você lida... então... com as situações de tensão emocional?

*Participante* – tá... éh... fa-ço tera-pia... né... faço análise... o que... ajuda bastante né... eu acho que...

*Entrevistador* – desculpa a pergunta... qual é a linha assim... tipo éh... porque tem: várias linhas...

*Participante* – é... psicanálise jungiana... éh... eu já passei por várias... vários (processos)... eu já... já... fiz em linhas de... éh... cognitivo-comportamental e tal mas... éh: bom... eu sou uma pessoa difícil...

*Entrevistador* – se encontrou mais na linha jungiana... ótimo ((exclamação))

*Participante* – e tem sido... tem sido m... menos pesaroso né... eu acho que a... a cognitivo-comportamental me dava mais tarefas e eu já sou cheia de tarefas (então no caso não dava certo)

*Entrevistador* – já tá cheia de tarefas né...

((risos))

*Participante* – tarefas... é... preciso entender por que eu tô ch... porque eu aceito tanto essas tarefas... é::: bom... em... bons: momentos... então assim... NÃO AGORA ((exclamação, com ar pesaroso))... em bons mo-mentos eu... éh... praTIco Ioga... né... em BONS mo-mentos... não... não é o que tá acontecendo agora ((riso tenso))... então assim: que é uma coisa que eu sei que... fazia... muito bem... até PORQUE eu... pra ajudar né no estudo... éh: eu sou fibromiálgica... né eu tenho fibromi-al-gia... então eu tenho MUITA DOR... né além da... das nóias todas eu tenho muita dor física... então... fibromialgia (gera um) con-tro-le... e acupun-tu-ra... né... então que eram... práticas... MUIto cotidianas no momento em que eu tava bem... só que agora... assim... o NÍvel de... de trabalho tem sido TANTo... que te juro pra gente conseguir o tempo da tera-pia na semana... tem sido difícil...éh... são essas... as estratégias... e ficar com os meus bichos que eu tenho vários bichos ((risos))

*Entrevistador* – sim sim... ok... tá... e aí então... aqui a última... pergunta né... éh voCÊ no ca-so... que está for-mando profes-sores né... já chegou: a pensar:: como será:: o futuro deles: já chegou a conversar com eles sobre is-so conVERsa... com eles sobre ISso... prepará-los pra enfrentar ESSas dificuldades... ESSas e OUtras né...

*Participante* – sim... inclusive eu acho que... às vezes é uma coisa que até DÓI... assim... de... ((respirou fundo)) porque... eu não... eu não pos-so mentir mas eu não... não pos-so matar... os sonhos

*Entrevistador* – matar... éh ((exclamação))... éh... é compliCAdo você pesar isso né...

*Participante* – é porque... assim... porque é uma realidade que se você analisar... de forma... éh fri-a e objeti-va... éh... você não quer colocar ninguém ali nela... né? no jeito que ela tá... e é por isso... e é isso que eu... trago pra eles... assim... nessa realidade que... que nós temos... eu não quero que vocês vivam... mas é justamente por isso que a gente tá aqui... né que é uma coisa que eu sempre... eu... eu TENto dizer isso TODO semestre... não só pro... pra a formação de professores... pros engenheiros também... (respiração profunda) que... é JUStamente a... o lug... a: as condições... TERRÍVEIS em que a gente vive que exigem da gente ((suspiro)) um: um... manter um sonho vivo de um OUTro tipo de... de condição de um outro tipo de vida né?

*Entrevistador* – de se reinventar, né... muitas vezes...

*Participante* – sim ... então é no sentido de... alertar que ESSa realidade... éh... precisa de alguma

forma ser transformada que NÃO É responsabilidade individual de ninguém:

*Entrevistador* – uhum

*Participante* – porque eu acho que... isso também não... NÃO FAZ BEM: sentir-se responsável pelas misérias do mundo às vezes a gente se sente... né... mais... é mais no sentido de dizer assim ó: a minha função:: é manter vivo: o so-nho de que... UM DIA a gente vai ter: uma educação de mais qua-li-dade... um dia as pessoas TERÃO ACESSO DEMocraticamente à educa-ção... e um dia... efetivamente a gente possa: através da educação... éh... ter... não resol-ver os problemas sociais... mas ter... um: um domínio de QUAIS problemas são es-ses: conseguir: procurar soluções juntos... então acho que é... ((suspiro)) é a única coisa que tenho... conseguido fazer... né... pra que também os meninos: as meninas que tão na licenciatura... não saiam correndo.

((risos))

*Entrevistador* – ok... então eu vou desligar a gravação aqui (...)

## 2ª Entrevista

**Professor:** Mateus

**Tempo de experiência docente:** 25 anos

**Observação:** A internet deste professor estava instável, então desativamos as câmeras, de forma que não dispomos de informações a respeito de suas expressões ou gestos.

*Entrevistador* – (...) professor e como que você considera o SEU nível de satisfação com o ambiente de trabalho? e o ambiente... podemos pensar em tudo né... na sua relação com colegas com os alunos com... a:: comunidade... com os superiores... enfim as autoridades... como você considera o seu nível de satisfação com o ambiente de trabalho?

*Participante* – bom eu... eu considero... se a gente for: usar uma escala de zero a dez eu: considero um nove

*Entrevistador* – opa ((exclamação))

*Participante* – porque... veja... eu... como te falei antes eu acho que eu sou um... um dos... professores né... que a gente pode se considerar privilegiado porque tra-ba-lhar numa instituição como a ((oppa))... né... você tem MUITas oportunidades... a gente tem um bom grupo de trabalho aqui ((OPPA)) nós somos em 29 mas no campus todo somos mais de 120 professores

*Entrevistador* – uau...

*Participante* – e eu... mesmo chegando depois aqui né em: ((OPPA)) eu já: praticamente tenho contato com quase todo mundo e: eu tenho um BOM contato com todo mundo... não... é claro que tem uns que você vai ter uma afinidade maior outros uma afinidade MENOR... mesmo dentro de um grupo mais próximo: a gente tem dificuldades muitas vezes de chegar: até algumas pessoas... mas eu considero que... assim... eu considero que... a gente está num... numa situação MUITO boa... CLARo que... quando você olha pra: questões de infraestru-tu-ra... talvez a gente: tenha que avançar ainda basTANte nesse sentido... mas eu SEMpre faço uma reflexão com o meu colega que tá lá na... na escola... eu já trabalhei na escola... então vejo... poxa... lá:: muitas vezes eles não têm:: MUITas das coisas que nós temos aqui... os proBLEmas que têm lá... muitas vezes a gente: não tem aqui... então eu vejo que a gente ainda tá: numa situação BEM privilegiada... por isso que eu... eu sou daqueles assim que eu evito: fazer reclamações... e procuro trabalhar:... procuro trabalhar no sentido de tentar resolver o que é possível resolver: o que dá pra gente fazer:... éh...

se o colega... às vezes você convida o colega pra fazer um: trabalho né... ou... você precisa de alguém para representar... éh... o curso... ou a instituição em algum trabalho... daí você ouve não daqui ouve não dali... você pergunta pra um... pra outro... sempre tem uns que... SEMpre vão tá te ajudando... vão tá à disposição mas outros... vão ser sempre... difíceis né... ah eu... não posso... tô ocupado tenho isso tenho aquilo... então eu vou lá: faço... né... se eu tiver condições de fazer eu faço... porque eu não... não gosto ficar muito que murmuRANdo ou chorando pitangas porque eu sei que tem MUITA gen-te... que gostaria de tá trabalhando numa instituição como essa... e não tem oportuni-da-de... são profe... profissionais MUITo bons... profesSOres muito bons que a gente já teve con... contato né: em outras atividades... porém não teve a oportunidade então EU que tive a oportunidade... eu vou... agarrar cada dia mais... cada dia mais essa oportunidade e fazer o melhor aqui para... que eu consiga atender de forma satisfatória

*Entrevistador* – ótimo... éh... e: professor... e com relação à carga de trabalho... como é que você avalia...

*Participante* – bom a gente trabalha... ((OPPA)) com certeza trabalha muito mais do que as 40 horas que você deveria ter: ao longo da SEMana.

*Entrevistador* – ah sim

*Participante* – porque tem muita coisa que você não consegue dar: vazão ou dar encaminhamento: se você for considerar o... o horário ali... de trabalho... então é óbvio... que::: uma pessoa que tá ((OPPA)) ela tem que se... dedicar se doar... além do que é: que a gente teria normalmente em termos de carga horária... isso para mim: é normal eu já tenho... pra você ter uma ideia... em ((OPPA)) eu fiquei dez anos... DESses dez anos praticamente nove anos... oito anos e meio... eu tive envolvido com ((OPPA)) então assim... a gente SEMpre te-ve uma carga horária maIOR do que aquela pre-vis-ta POR exemplo no regime de trabalho... em ((OPPA)) também depois que eu assumi ((OPPA)) tam-bém isso foi BEM pertinente... né: ou seja a gente sempre tendo uma carga um pouco mais... eleVAda porque senão você... não consegue dar CONta... senão você também... éh... acaba não dando retorno... uma certa rapidez... para as deMANDas e o que a... as pessoas precisam né... então eu... eu não vejo isso... como um pro-blema... só que MUITas pessoas... não aCEItam isso né (...)

*Entrevistador* – (...) então vamos dizer assim: a carga... de trabalho é alta... mas você tá acostumado... você... você dá conta

*Participante* – pra mim e eu acho que faz parte... não: não tem como ((OPPA)) se a pessoa tá envolvida: e ela GOSTa disso... ela NÃO VAI trabalhar só 40 horas ela vai trabalhar mais... NÃO TEM como... né... porque se a pessoa... éh ela trabalha muito com pes-qui-as... ela vai ter que ficar lendo artigos muitas vezes final de se-ma-na... ela vai ter que ficar pes-qui-san-do se ela... quer mandar projeto ela vai ter que fazer muitas vezes fora do horário que não vai dar conta de fazer aqui... então assim... aQUEles que querem trabalhar efetivaMENTe e fazer um algo di-fe-ren-te... esses não vão trabalhar 40 horas vão trabalhar SEMpre mais ((exclamação))

*Entrevistador* – uhum... tá... e... outra coisa... como você avalia a CARga emo-cio-nal do teu trabalho?

*Participante* – bom... éh existem moMENTos di-fí-ceis né: principalmente quando se está ((OPPA)) por-que que existem esses momentos difíceis... porque MUITas pesSOas se coLOCam numa posiÇÃO: de que Elas... éh... fiZERam um determinado concurso... então elas querem atuar com aQUilo que elas fizeram o concurso... e: mais uma coi-si-nha ou ou-tra que apaREça de deMANDa dentro do curso: ou na universidade... só que tem moMENTos que... nós temos colegas... que... atuam... no curso... com: VÁrias frentes... então... eles TÊM uma carga horária já elevada né... e várias frentes de atuação... e você quer sensibiliZAR as pessoas que estão com uma carga hoRÁria me-nor... ou que tem um NÚmero de atividades menor: para fazer algumas coisas: e NEM SEMPRE isso... dá certo... né... a gente tenta no diÁlogo SEM imposiÇÃO né... até

porque... todo mundo é servidor público: então a gente proCUra... o diÁlogo como um mecaNISmo pra resolver os problemas...só que nem SEMpre a gente tem suCESSo... e MUITas VEzes a gente quer:: criar cri-té-rios ou criar algumas re-gras que: pudesse... facilitar a vida ((OPPA)) para definir: algumas coisas... as pessoas também não: aceitam ou não... éh... acham que isso seja: pertinente... então: a gente TEM moMEntos diFÍceis: porque ((OPPA)) TOdos os professores com dedi-ca-ção exclu-si-va... só que em alguns momentos... aLGUNS se co-locam numa posi-ção irredutível... e aí pra você:: não criar um caLOR: ou uma dificul-da-de.. ainda maIOR ou... um STRESS né... maior... ((OPPA)) éh... você não quer ficar criando inimizades ou... situações... que depois possam até... éh... difi-cul-tar o seu relacionamento com as pessoas... dentro do am-bie-nte de tra-balho...

*Entrevistador* – sim...

*Participante* – então: existem essas dificuldades sim... mas eu vejo que as dificuldades que EU tenho... muitas vezes são com os MEUS colegas: MUIto MAIS do que com os a-lu-nos... né: e nós temos um número de alunos: BEM maior né... do que o número de colegas... então eu TENho que ter... esse jogo de cin-tu-ra... mas REalmente: tem horas que vo-cê TENTa de um jeito TENTa de outro TENTa do outro... conversa de uma maneira... TENTa mostrar pro cara... né... aí as pessoas: ficam MUIto na defen-siva... começam até:: falar de coisas que muitas vezes não vem ao ca-so... e... né... isso dificulta e... chega uma hora também que você can-sa: então...

*Entrevistador* – gera: frustração: né professor?

*Participante* – exatamente... acaba ge-ran-do e... então é aquela hora que você precisa ter: muitas vezes uma... pa-lav-ra ali de al-guém: pra te dar um: Ânimo né: ou... o cara te puxar ali e falar: não... esquece... deixa pra lá:... vamos tentar outra coisa aqui::... aí a coisa vai... voltando ao normal e você contiNUA trabalhando... porque: é aquilo que eu falei pra você... eu não vou ficar... mur-mu-ran-do: re-cla-man-do porque eu: SEI que eu TENho uma situação... aqui MUIto me-lhor do que MUItos colegas professores que nós temos... em ou-tras instituições...

*Entrevistador* – aham... tá... e: isso tudo... afeta a tua vida pessoal: professor? você acha que...

*Participante* – ah sim... exis-tem mo-mentos que se você... acabou tendo uma discus-são muito... muito: difí-cil com alguém... ou alguém te disse alguma coisa muito pe-sada... querendo ou não: você acaba carregan-do né... daí você VAI com isso pra CA-sa né...

*Entrevistador* – não tem como né... você... cortar...

*Participante* – se... seres humanos né

*Entrevistador* – é a mesma pessoa né... aqui e lá...

*Participante* – exatamente... é difícil você desconectar totalmente né... é claro que... muitas vezes até... minha esposa: meu filho fala... ah chega no sábado... você deveria não fazer NAda né: sábado e domingo: eu falei mas não dá... eu te-nho que fa-zer porque senão isso aqui: vai ficar MUIto acumu-lado... então:... mas essas questões às vezes aconte... elas acabam... éh... impacTANdo SIM... tá... esse... esses stress que podem ocorrer né... acaba... éh fazendo com que a gente fique um pouco... éh: desanima-do né: daí chega em CA-sa às vezes você não tem: ânimo para fazer: uma coi-sa ou ou-tra... mas a gente TENTa já... com: TOdos es-ses a-nos de experiência né que a gente tem na ((OPPA)) também... a gente já tá superando isso mui-to bem... no começo foi MUIto difícil... eu cheguei até a desenvolver:: ((falha no áudio)) gastrite... alguns problemas de... ligados aí à saúde acabaram acontecendo no come-ço mas de- pois eu fui... vamos dizer assim... melhora-do nesse pon-to né... não... não querendo... éh... que as pessoas fossem... do mesmo jeito que eu né... que elas trabalhassem: com a mesma intensidade que eu... enfim: eu fui mudan-do algu-mas coi-sas... e isso me ajudou né... isso melhorou... também basTANte e hoje... eu acho que eu tô BEM mais prepa-rado até pra... enfrentar os problemas que a gente SAbe que VÃO acon-te-cer...

*Entrevistador* – que bom... professor... você:: já tomou conhecimento de alguma situação de cri-

se com algum colega... tipo: crise de ansiedade depressão pânico ou alguma coisa parecida?

*Participante* – sim... já tivemos sim... colegas com: problemas: ligados a essa área aí né... que você comentou... éh... tivemos... temos né uma colega que ((falha no áudio)) (superar) tudo né... então demorou muito para ela conseguir superar mas... assim... ela recebeu muita força dos colegas... aí foi um momento que eu: percebi também: quem é colega e quem não é ou quem é amigo e quem não é: porque... ela precisou se afastar por um tempo: porque ela tava numa fase bem crítica do doutorado: quando aconteceu tudo isso com o esposo né... então ela... precisou pegar um atestado médico para poder... centrar né... e... nós não víamos aqui... muitas pessoas assim que... tavam olhando... para ela: com um olhar assim não... VAMOS ajudar né... a gente percebeu poucas pessoas querendo fazer isso...

*Entrevistador* – que coisa hein? ((interrogação exclamativa))

*Participante* – então assim... eu acho que... ((falha no áudio)) ...um aluno... o que o aluno... acabou... éh... gerando lá algum tipo de situação né que... que levou esse professor a ficar numa situação bem: ruim e acabou: entrando em DEPRESSÃO... já tive notícia sim...

*Entrevistador* – aham... professor e:: e assim... emendando com essa aí... você conhece professores que... fazem uso de ansiolítico antidepressivo ou remédio pra dormir...?

*Participante* – pôxa agora... eu não vou te... não vou...

*Entrevistador* – que você saiba não... né? pelo que eu tô entendendo... porque às vezes tem colegas que comentam e tem outros que não comentam né...?

*Participante* – ((falha no áudio)) (...) então eu não... eu não sei de nenhum colega que... este-ja usando alguma medicação nesse sentido que você comentou... até porque as pessoas às vezes não... não comentam né... eu tenho colegas aqui que tem problemas de pressão:: tem colegas que tem diabetes... essas coisas né mas... assim... o comentário é só nesse sentido... Outras: situações não...

*Entrevistador* – entendi... não... beleza... de qualquer forma a gente vê... assim... uma... uma constante... vamos dizer assim... em todos... com todos que a gente conversa sempre tem né... uma situação de... de adoecimento né... emocional... principalmente... DOS professores... né... então como você também já citou algumas... algumas coisas aí... o que que você considera que é o fator principal... ou... os principais... né... pra esse adoecimento emocional dos professores?

*Participante* – pois é... deixa eu ver... fatores principais... bom... eu vejo assim... alguns... éh encaram por exemplo a carga de trabalho... muitas vezes... por exemplo eu tenho professores aqui que acham que dar doze... catorze aulas é... uma carga horária muito elevada... só que a realidade de que nós temos aqui não permite baixar... éh isso mais porque... a gente não tem condições... se a gente for baixar a gente teria que ter MAIS professores... né... então... eu acredito que... alguns adoecem porque:: têm uma carga horária de trabalho: mais para... né... outros... éh:... outros... vamos ver... éh talvez porque tenham... dificuldades ou problemas de ordem pessoal que muitas vezes afetam muito né...

*Entrevistador* – sim:: ((exclamação))

*Participante* – e aí a pessoa acaba, também...

*Entrevistador* – se soma, né?

*Participante* – exato... exatamente ((exclamação))... aí acaba:: qualquer coisa que aconteça pode virar um estopim:: e:: aí a pessoa: desenvolve... ah sei lá éh do... doenças... de ordem emocional né... e que... atrapalham né no... no desempenho dela aqui no... no seu dia-a-dia

*Entrevistador* – sim

*Participante* – então acho que: seria isso talvez ah... pra alguns né o excesso de trabalho... pra alguns pode ser um fator que pode: levar... a adoecer... EU já não vejo isso PARA MIM... porque... eu trabalho muito... inclusive em casa faço muita coisa TAMBÉM... né não sou aquele que chega em casa por exemplo e tem que... tudo tem que tá pronto ou: vai ter ALGUÉM fazendo



PRA MIM: não...((exclamação))... faço MUITa co-isa e:: e outros eu vejo que são questões mais de ordem pessoal: que a pessoa traz... e: qualquer coisinha que aconte-ce já dispara um gaTILho e essa pessoa muitas vezes adoce...

*Entrevistador* – uhum... é tem muito disso né... questão subjetiva questão pessoal né... ok... professor... você... tamo agora caminhando aqui pro final já... você... conhe-ce ou já ouviu falar... de ges-tão da emo-ção ou ouviu falar de alguma ferraMENTa de gestão da emoção?

*Participante* – Marcos: SINceramente não... n... nessa denominação que você tá colocando NÃO... né... eu sei que... acho que: cada um de nós: a gente tem que ter uma ma-neira de controlar né...

*Entrevistador* – sim: cada um tem... cada um tem as... as suas: ferraMENTas emPÍricas vamos dizer assim né...

*Participante* – isso... alguns... alguns eu acredito que conseguem controlar me-lhor: outros nem tan-to... né... um exemplo né: que eu posso dar... tivemos uma reunião aqui: um tempo atrás: uma profes-sora le-venta e fala alguma coisa: uma outra começa a choRAR...

*Entrevistador* – uhum

*Participante* – quer dizer: éh: nem foi uma questão de: falar:: u-ma coisa: pra ela... mas comentou uma situação em que aquela professora tava envolvida...

*Entrevistador* – sim

*Participante* – então:: aquilo já foi uma reação se bem:: que ela podia ter con-tro-lado... sabe: na minha opinião: ela não precisaria ter DESABADO daquele jeito como ela desabou... depois a gente con-ver-sou com ela... e tal... éh... mas assim: é uma pessoa que:: emocionalmente ou ela tem muita... muito... fra... éh SENSÍVEL

*Entrevistador* – fragilidade

*Participante* – exatamente... tem pessoas... assim: também tem outros que são mais fortes: que aguentam... MUITA PANCADA, vamos dizer assim... mas chega uma hora também que en-che o sa-co né...

((risos))

*Entrevistador* – éh... tá certo... professor e como é que VOCÊ lida com as situações de tensão emocional?

*Participante* – olha: eu tento me manter o MAIS CALMO possível porque assim... tem horas que: eu fico... éh... se eu fico MUITo nervoso daí eu falo MUITa coisa... às vezes... até... DE MAIS sabe... aí eu acabo estou-ran-do mesmo sabe então eu tento... éh... assim.. eu ouço... eu tento... maquiNAR aquilo ALI:... e tra-ba-lhar aquilo que foi fa-la-do... tanto na questão pes-soal quanto na profis-sional...

*Entrevistador* – sim

*Participante* – mas sempre com muita cal-ma pra:: a gente tentar: re-sol-ver... mas às vezes eu... às vezes eu também: já: tive situações que eu acabei: me des-controlando: no sentido assim... ah... né... chuta o balde... fala um monte de coi-sa: depois se arrepen-de...

*Entrevistador* – chuta o pau da barraca...

*Participante* – exato... depois se arrepen-de... depois você... né... vai conversar com a pes-soa e... pede... pede desculpa: perdão:: porque falou um monte de coisa lá que: ela não deveria ouvir... então isso JÁ acon-te-ceu comigo... mas eu vejo que são episódios que... éh aconteceram: né numa proporção: bem pe-que-na ao longo da... desses últimos anos aí: eu sempre procuro: ter uma... uma forma de... de com... assim... ahn eu quero... eu procuro sempre ser: bastante calmo: e atencioso: e tentar: NUMa BOA resolver as questões...

*Entrevistador* – aham... entendi... diá-lo-go né?

*Participante* – isso ((exclamação))

*Entrevistador* – certo... ok professor: agora a última pergunta... né... você que está: formando

professores... né: já chegou a pensar assim: como seRÁ o futuro DEles nessa... né nessa á-rea aí... nesses desafios... chegou a conversar: conVERsa com eles... sobre isso...

*Participante* – é essa é uma preocupação: acho que não é... somente minha né... mas: de todo mundo que é professor aqui no curso... porque como a gente tem vis-to: muitas... coisas acontecendo nesses úl-timos a-nos né... políticas assim totalmente absur-das... no que tan-ge ao processo de formação de profes-sores: uma DESVALORIZAÇÃO da: da carrei-ra... e da: do profissional né... a gente fica preocupado como que você vai con-ven-cer os alunos a fazer: um curso de licenciatura, né...

*Entrevistador* – sim

*Participante* – isso também deve ser um desafio ali em Pato Branco para quem: trabalha ali na ((OPPA)) porque tá cada vez mais difícil né: a gente não vê: muitas opor-tuni-dades sendo apresentadas: os governos aí cada vez mais: falando em... reduzir reduzir reduzir... então: você não vê muita perspectiva... então: o que a gente tem ten-ta-do fazer com os alunos é mostrar para ele... que a forMAÇÃO dele sendo boa aqui na ((OPPA)) ele pode atuar em VÁrias frentes: ele não precisaria ficar REFÉM... da docência: ou seja a docência seria: o primeiro: caminho: vamos dizer assim que ele... éh teria como atuar: com a formação: em licencia-tura...

*Entrevistador* – mas não o único, né?

*Participante* – exato ((exclamação)) mas ele tem outras: possibilidades... então a gente: tá tentando explorar muito isso... e agora nós vamos fazer a revisão do nosso PPC aqui... e nós temos: a intenção: de criar TRIlhas forma-tivas pro aluno a partir de um cer-to mo-mento: a partir do sex-to perío-do do cur-so... onde ele POSSA... cursar uma... quantidade de disciplinas... éh na... na sequência... de maneiras que ele pos-sa: éh... se sentir mais atraído por aquela: trilha: de formação: e quando ele sair daqui... que ele pos-sa talvez trabalhar com aquilo: não necessariamente SER professor mas... ter OUtras possibilidades...

*Entrevistador* – sim: muito bom isso aí hein professor ((exclamação))

*Participante* – é: vamos ver se a gente consegue né... mas já: o NDE já discuti isso: em outro momento nós consultamos também... os alunos né: e eu acho que isso vai ser muito bem-vindo...

*Entrevistador* – tá certo... tá ótimo então: professor... éh... era isso que eu... que eu tinha né... pra... pra: perguntar aqui né... e:: eu vou desligar aqui já: a gravação (...)

### 3ª Entrevista

**Professora:** Vivian

**Tempo de experiência docente:** 15 anos

*Entrevistador* – (...) o que te levou a escolher a carreira na educação?

*Participante* – bom... ahn... inicialmente... o ensino médio... eu estava finalizando... eu pensei “o que que vou fazer?” quero fazer o vestibular: e ter uma car-reira que eu tenha um suporte financeiro né: porque os... os meus pais são da área rural e é uma vida di-ff-cil né... e vivenciei essa vida difícil... busquei... assim... ahn... ter uma profissão onde eu tivesse uma estabilidade financeira e... pudesse conquistar as minhas coisas... então, dentre as possibilidades que eu: enxer-ga-va: na época é fazer a licenciatura para atuar como professora... então assim busquei: éh fazer graduação na área voltada para professor... no sentido de ter uma: profis-são que me trouxesse uma... um suporte financeiro... uma... uma melhora né: na qualidade de vida... na situação que eu tava vivenciando e aos poucos... na graduação fui... éh... entrando em contato com o que que é a

carreira docente e carreira de pes-quisa e fui: caminhando no curso... iniciei iniciação científica na graduação e: na graduação conheci que exis-te a área da pós graduação... até então eu não co-nhe-cia né... tem que fazer graduação para ter uma profissão... e foi na graduação que conheci que existe a pós graduação... aí fui caminhando e... segui essa carreira (...)

*Entrevistador* – (...) e como é que foi a tua experiência no iní-cio da carrei-ra? eu digo assim... há aquela expectati-va... aquela coisa da novi-dade enfim... deixo em aberto pra você... como é que foi a experiência do início da sua carreira?

*Participante* – ah... bom... pra mim foi... tran-quilo assim... eu... eu gastava bastante tempo para preparar a aula para ministrar uma boa aula pros alunos compreenderem bem os conteúdos e tivessem um bom desempenho... eu me dediquei... assim... colocava tempo extra para atender os alunos bastante... então eu me dediquei dessa forma... e assim foi super tranquilo não tive dificuldades não... tá?

*Entrevistador* – uh... tá... e de lá pra cá... profe: alguma coisa mudou...? no geral assim... tudo o que você puder imaginar... assim... o que que... geralmente muda alguma coisa né... o que que mudou... assim...?

*Participante* – ah sim... ahn... inicialmente... quando entrei: na... na carreira docente... ahn: como eu saí da graduação já fui fazer mestra-do... douto-rado... eu imaginei que... ao ingressar na carreira docente já de imediato ia conseguir... de imediato dar continuidade ao meu trabalho de pesquisa... éh... a pesquisa científica... eu não consegui, né... e... e assim... com os anos... depois que ((OPPA)) eu percebi que eu precisava éh... rever minha... ahn... meus conceitos com relação ao que é atuar na graduação... não é só ministrar aula... é pensar em fazer... ter projetos de pesquisa e... e nada mais... o que precisa no momento na gradua... no ensino superior é articular ações de exten-são é... plane-jar formas de como organizar o projeto de curso ou... ou disciplina... de modo que aquilo fizesse sentido pro aluno... então acabei... migrando um pouco e deixando de lado a pesquisa... identifiquei que o que é importante no ensino superior também é olhar ao lado do aluno ver o que que precisa ser feito na... na graduação pra que o curso faça sentido para o estudante (...)

*Entrevistador* – (...) certo... ok... e... deixa eu te perguntar outra coisa... como que é a carga de trabalho? a tua carga de trabalho...

*Participante* – eu considero: tranquila assim... tem aqueles momentos que você precisa dedicar um tempo extra pra ven-cer e fazer a leitura do trabalho de TCC ou a dissertação quando a gente faz parte de banca porque... mas assim com relação à distribuição da carga didática é... é adequada... às atividades.

*Entrevistador* – ah ok ok... e... você... como você considera o seu nível de satisfação com o ambiente de trabalho?... aqui o ambiente... vamos pensar tudo o que você puder né... éh com relação a alunos... com relação a colegas... a instituição... o meio externo... autoridades... a tua relação... a tua satisfação com o teu ambiente de trabalho. Como você considera?

*Participante* – bom... ahn... a satisfação... boa... éh... não... não classifico como ótima por questão de... éh infraestrutura fí-si-ca né... o local de trabalho do professor: ter um espaço con-for-tável... computa-dor... ( ) acho que assim... falta um investimento maior tanto na parte do governo quanto assim... a instituição éh... olhar esse lado se a infraestrutura física está adequada ao corpo docente... eu: vejo que falta assim... a gente se satisfaz com pouca coisa com uma pequena mesa com uma pequena sala apertada com computador que não funciona muito bem... a gente busca alternativas pra conseguir desenvolver o trabalho

*Entrevistador* – sim... então se tivesse essa parte da estrutura física adequada: seria: nota 10 vamos dizer assim...?

*Participante* – sim porque o relacionamento pessoal... a relação pessoal dentro... no ambiente de

trabalho é tranquila

*Entrevistador* – ah ok... e como que você avalia a carga emocional do teu trabalho?

*Participante* – ótimo... sim... eu busco ter o controle né... não me sobrecarregar...

*Entrevistador* – aham... ok ok sem... sem problemas... e assim... éh... você tomou conhecimento já de alguma situação de crise com algum colega... tipo crise de ansiedade depressão ou pânico ou alguma coisa assim?

*Participante* – sim: colegas de trabalho e de estudantes

*Entrevistador* – estudantes também? ok ok... bom nós estamos focando aqui no... no docente né... então: éh::? colegas de trabalho... então você já... já tomou conhecimento... você sabe dizer quantos assim? tipo um dois três... sei lá... lembra mais ou menos?

*Participante* – éh... dois... mas assim, ahn... um: que eu: tenho conhecimento: e até envolve questões pessoais ( ) diretamente do trabalho... então assim questões pessoais influenciaram também a aumentar o estresse numa situação no ambiente do trabalho

*Entrevistador* – certo... aham, tá... e assim... também... outra pergunta que tem a ver com essa... se... você conhece professores que fazem uso de... sei lá... ansiolíticos antidepressivos ou remédios para dormir... tem conhecimento? às vezes os: colegas comentam né...?

*Participante* – sim ((gaguejou)) os colegas comentam... sim... tenho conhecimento disso sim... remédios... mas assim... não sei especificar se a ansiolítico ou...

*Entrevistador* – ah sim Ok mas é nessa linha aí de...

*Participante* – ansiedade... é nessa linha de ansiedade ou depressão...

*Entrevistador* – ansiedade, depressão e tal... e assim... você tem ideia de quantos... assim... mais ou menos?

*Participante* – éh... dois... dois ou três

*Entrevistador* – dois ou três?...

*Participante* – não tenho mais... conhecimento

*Entrevistador* – não... ok... às vezes tem gente que não comenta... prefere não comentar né

*Participante* – sim, aham

*Entrevistador* – é o “bebe quieto”, né? ((risos))... toma um... quietinho lá e não comenta... ou seja... não tem como... tá... e essa... essa situação assim... de crise né... ou de a pessoa ter que usar né... algum... medicamento nessa linha... né... a que que você atribui... você já comentou que tem um que teve... né... questões pessoais ali... mas o que você acha que seria o fator principal: ou OS fatores principais pra essa...

*Participante* – não sei dizer da situação dos professores... que eu tenha conhecimento... não sei dizer por quais motivos...

*Entrevistador* – aham... tá... não tem ideia do que que pode ser... ah ok... tá certo, profe... e outra pergunta... você... já ouviu falar de “gestão da emoção” ou de alguma “ferramenta de gestão da emoção”?

*Participante* – não especificamente nesse...com essa expressão mas... ahn... talvez o: que eu tenho assim ((gaguejou)) na... semana de planejamento capacitação são oferecidos: algumas oficinas pra justamente... éh... saber lidar com as emoções né... ( ) várias oficinas nesse sentido de... de equilíbrio emocional de... equilibrar as atividades né...

*Entrevistador* – uhum... tá... e como que você: pessoalmente... como você lida com essa situação... ou... (...) como é que você lida com isso ou pra: contornar ou pra evitar: a tensão emocional... como é que você lida com isso?

*Participante* – ah... eu... saber né... quais são as questões/amparo legal né... se é questão envolvendo algum... ahn... dispositivo... se é uma questão que você tem um suporte pela legislação institucional... me preparo por esse caminho... não ó a legislação institucional diz isso e isto então

você não pode fazer... tal coi-sa porque nós temos éh... essa legislação... agora assim... quando acontece a situação de... de rePENte assim algo de surpresa eu busco... éh respirar... me tranquilizar: para de-pois ver o caminho de solução...

*Entrevistador* – ah ótimo... e se a situação não tiver... assim... se a legislação for omissa por exemplo: não tem... não tem amparo legal assim... nem pra sim nem pra não... nem... né... pra um lado pro outro... como é que você...

*Participante* – ah eu busco... éh... uma opinião da... chefia imediata... para ter um amparo legal

*Entrevistador* – tá certo... ok... e outra coisa... vocês que estão formando professores né... vocês já pensaram assim... porque assim... o que eu tenho percebido... na ((OPPA))... na universidade... não sei outras universidades federais... talvez não seja MUItto diferente... exis-te uma situação diferenciada... POR exemplo do ensino MÉdio... né... a::: a relação com o professor... acho que é muito... ACHO eu: que é muito mais tensa no ensino médio por exemplo... éh... e... muitos deles muitos dos professores que vocês estão formando vão... vão enfrentar situações diferentes... né... da... da que tem na universidade... vocês já pensam... eu imagino que sim né... mas vocês têm pensado nisso... tem procurado... né... ver como é que vai ser o futuro desses profes-sores... ver como é que... que pode prepará-los ou a-ju-dar né a prepará-los para enfrentar essas... esses desafios?

*Participante* – éh então... assim... a questão... se a gente... bus.. tenta...eh... mo... fazer com que os alunos... realizem um estágio EM escolas públicas... pra eles vivenCIAREM essa situação então quando... éh e assim... no... no está-gio... a gente tem um momento que a gente chama de seminário... toda semana são duas aulas onde... os alunos trazem as demandas da escola... então... se um estudante tá fazendo estágio numa escola onde TEM uma situação adversa... questão de bullying ou qualquer outra questão... essas questões são discutidas no... no seminário de estágio... então assim... a gente tenta... éh... inserir o estudante em estágio NA escola pública pra... JUStamente vi-ven-ciar uma situação bem diferente que não é a situação da universidade, né

*Entrevistador* – uhum... ah ok ok... tá bom... era basicamente... era isso que eu tinha pra... pra te perguntar né... eu vou... eu vou dar um... eu já vou desligar aqui o... a gravação (...)

#### **4ª Entrevista**

**Professora:** Andressa

**Tempo de experiência docente:** \_\_ anos

*Entrevistador* – (...) Em relação: ao ambiENTE de trabalho... a tua relação COM o ambiente de trabalho... enfim aí no ambiente... você vai: poder colocar TUdo né: alunos colegas comunidade e autoridades governamentais... enfim... a tua relação com o... o ambiENTE de trabalho... mudou?

*Participante* – Mudou... éh... depois... eu fiquei: acho que uns quatro anos... quatro anos e pouco nesse colégio: fui dar aula num outro colégio (...) mas eram cursos noturnos... eu dava aula: na verdade: só para terceiro e cursinho... e aí eu já vi que eu NÃO era mais vista como uma: ex-aluna... ((olhar de satisfação))

*Entrevistador* – Humm ((sorriso))

*Participante* – Então eu já... eu percebi assim...

*Entrevistador* – foi conquistado o teu... o teu lugar ((exclamação))

*Participante* – Já... então eu... eu assim... me senti mais confortável naquele outro colégio... muito mais confortável naquele outro colégio... fiquei um tempo até ser chamada pra... até fiz um processo seletivo e fui pra essa universidade particular (...) e: Marcos: foi a melhor experiência que eu tive: foi nessa universidade particular...

*Entrevistador* – Que bom

*Participante* – Em termos de trabalho: eu dei aula para muitos cursos... de... nossa ((exclamação)) diferentes disciplinas assim e... como eu: ia e voltava né... eu ia por exemplo na segunda e voltava na quarta-feira... depois da meia noite... quando: encerravam as minhas aulas... e eu achei assim a melh... a minha melHOR experiência... foi nessa universidade particular... e apesar de lá não ganharmos né... POR AULA... eu tive o maior apoio dos colegas...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – A melhor INTERAÇÃO com os colegas... os alunos... que eram variados assim de cursos integrais a cursos noturnos... EXTREMAMENTE respeitosos... com a gente...

*Entrevistador* – Coisa fora do padrão né ((risos))

*Participante* – Oi...?

*Entrevistador* – Coisa fora do padrão

*Participante* – Coisa fora do padrão: exatamente ((exclamação)) ...eu me senti MUITO acolhida nessa: universidade: sabe... do primeiro dia que eu cheguei: até o dia que eu: sai (...)

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – E assim... ela não tinha né... uma estrutura: digamos assim de pes-quisa... a gente conseguia desenvolver... PCCs mas de maneira bem... modesta: digamos assim... mas tudo era muito organizADO sabe: o uso de laboratórios: disponibilidade de reagentes... então nós conseguimos... fazer algumas coisas e a universidade nos proporcionava essa estrutura.

*Entrevistador* – Que bom né... isso aí... isso aí faz MUITA diferença né: você ter ali um ambiente... pelo menos o interno, né... porque já teve uma outra professora que eu entrevistei e que ela falou assim né... que ela se sente muito: muito... ahn... acolhida... respeitada... e tal... no meio interno né... entre os colegas... alunos... né... da ((OPPA))... agora: no meio externo já é outra coisa... segundo ela me falou né... mas e... isso aí é fundamental né porque assim... é uma família né profe...

*Participante* –... ((assentiu com a cabeça))

*Entrevistador* – Éh você se relaciona mais né... com... o pessoal da universidade do que com a PRÓpria família em casa né... muitas vezes (...)

*Participante* – Exatamente

*Entrevistador* – Tá e... assim... do tempo que a gente estudou né... que voCÊ estudou... que eu... éh... a fiGUra do profes-sor... né... alguma coisa você acha que mudou de lá pra cá? assim... como que é a relação... do meio com o professor... da sociedade com o professor... de:: do tempo que a gente estudou para cá... você acha que mudou alguma coisa?

*Participante* – Acho que mudou ((exclamação))... acho que: antes o professor: ele tinha um respeito... e uma admiração... por parte da sociedade.

*Entrevistador* – Uhum:

*Participante* – Né... e isso aí inclui a minha época de estudo... que hoje é o médio né... o fundamental... inclusive na época que eu estava na... na universidade: ali: na graduação... e os alunos com os professores... isso eu acho que: melhorou para melh... éh houve uma melhora...

*Entrevistador* – Mudou para melhor?

*Participante* – Mudou para melhor... antes a gente tinha um distanciamento: a maioria dos meus professores da graduação: nós tínhamos um degrau... VÁrios degraus de... de distanciamento sabe... POUcos eram aqueles que nós conseguimos con-ver-sar: ter uma... uma interação... e hoje: NESse sentido: dentro da universidade... eu vejo que: esse número é muito menor né... então: ainda e-xistem os professores que: têm uma dific... um distanciamento ali...

*Entrevistador* – Um pedestal né?

*Participante* – Um pedestal... sou o dono né... da... daquela área... mas a maioria não... então já tem essa proximidade com o aluno... e o aluno... por sua vez... pelos relatos... pelo que a gente

conversa: eles gostam dessa proximidade né... eles GOSTam de **conversar**... de saber as experiências: enfim de ter um contato MAIS PRÓximo com o professor...

*Entrevistador* – Ah legal... isso aí... isso é importante para eu... relatar... ((risos))

*Participante* – Éh: nesse sentido... eu acho que me-lho-rou...

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Com relação à sociedade... eu acho que a admiração... o respeito pelo professor... isso já acho foi... esTÁ sen-do perdido...

*Entrevistador* – Uhum... entendi

*Participante* – Sabe eu não sei se... culminou por exemplo... com uma... /pelo menos eu vivenciei quando cheguei aqui/ greve das universidades federais... e isso foi um problema porque as pessoas né falavam:: MUITAS coisas pra gente...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – Nesse período de pandemia...

*Entrevistador* – Só não chamavam de santo, né?

*Participante* – Isso:: exatamente... ((risos)) nesse período da pandemia: né... que as aulas foram remotas... então assim:: nossa: eu ouvi muitas críticas...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – Mas tinha coisa que não era nossa né: vinham de instruções normativas... enfim de regulamentações... mas as pessoas sempre achando que a gente não dá aula: que tá ficando em casa... eu falo pra você que nós trabalhamos:: MUIto mais do que se eu estivesse na sala de aula... e isso: o engraçado: Marcos: eu comentei com os meus pais que: assim... não é só a comunidade externa... eu tive familiares PRÓximos que pensam isso também... né: ah:: não tá dando aula: não sei o quê...

*Entrevistador* – Tá à toa...

*Participante* – É: tá à toa: bem isso... tão só ficando em casa...

*Entrevistador* – Eu sei como é isso (...)

*Participante* – Então: eu acho que nesse sentido houve uma:: uma piora sabe: nesse resgate assim da importância do professor... Então eu acho que nesse: sentido a sociedade... tá perdendo

*Entrevistador* – Tá... então... eu entendi isso que você falou: dessa relação no aluno/professor que melhorou por essa proximidade (...) a questão da falta de respeito: talvez seja muito mais exceção do que regra:: de aluno com o professor né?

*Participante* – (...) Dentro dessas duas realidades... sim

*Entrevistador* – Ok... a gente vai conversando e vai começando a entender um pouquinho mais... conforme vocês que tão aí: que têm essa experiência né... ok então: de uma maneira geral você: acharia que mudou pra melhor... de maneira geral mudou mais para melhor do que pra pior... talvez...?

*Participante* – Talvez... é: porque é bem como você diz... dentro da realidade... dentro da universidade: eu acho que melhorou nesse sentido: da aproximação... tem desses relatos né: pontuais de colégios: mas também já ouvi outros colegas relatando que era muito difícil dar aula no ensino: público: médio: por essas questões né de falta de interesse: alguns... falta de respeito: salas lotadas... então tem esses contrapontos: mas não é uma realidade que eu... convivo né...

*Entrevistador* – Tá: uhum... certo: e:: com relação à carga de trabalho... ela mudou: de lá para cá... ou sempre foi mais ou menos a mesma...

*Participante* – Olha quando eu estou na ((OPPA)) sempre foi mais ou menos a mesma: quantidade de aula: claro que tem semestre que eu fico com um pouco mais de aulas... né: tem semestre que diminuiu um pouquinho o número de aulas: mas pouca coisa... mas no geral manteve... essa é uma: prerrogativa do departamento (...) nosso: tentar distribuir de maneira mais: equilibrada: o número de aulas entre os professores.

*Entrevistador* – Uhum... mas não é só a aula, né? tem muito mais... atividades.

*Participante* – Não... isso também acaba variando: viu: Marcos... por exemplo né: esse semestre eu tava com quatro alunos de TCC... Então tem uma sobrecarga né:... no semestre passado eu tava só com um... então essas... existem essas variações de sobrecarga que são aí dependente do semestre mas... eu acho que pra cumprir as 40 horas (...) a quantidade de aulas e mais as atividades que a gente tem que desenvolver: de ensino né: pesquisa e extensão... eu acho que dá para se enquadrar...

*Entrevistador* – Certo

*Participante* – Existem períodos pontuais que acumula mais trabalho

*Entrevistador* – Entendi entendi... tá... e... como que você: considera: o TEU nível de satisfação com o ambiente de tra-balho... aí: no ambiente de trabalho eu coloco tudo né: tua relação... com os colegas: relação com os alunos: com a comunidade: com as autoridades... enfim: né... desde a chefia lá do departamento: não sei como é que chama: a: direção... e tudo que você puder imaginar... como é a tua satisfação com o ambi-ente de tra-balho?

*Participante* – Acho que se eu fosse dar uma nota ficaria entre 7 e 8

*Entrevistador* – Entre 7 e 8?

*Participante* – Entre 7 e 8... olhando assim de maneira bem... geral: pra a estrutura que a gente vive...

*Entrevistador* – Uhum... tá certo... ok... então... e como que você avalia: a carga emo-cio-nal do teu trabalho?

*Participante* – Eu avalio que é uma carga emocional pesada ((sorriso tenso))

*Entrevistador* – Pesada?

*Participante* – Pesada... acho que é essa a definição: ainda mais assim... éh: nos últimos tempos... não tô dizendo pela relação de... das aulas remotas tá: não... eu sinto também pelas aulas remotas não tenho: obviamente... pelo menos comigo: a mesma interação que nós tínhamos em sala de aula... mas é pelo nível de *stress* causado por exemplo em reuniões de departamento... em algumas reuniões: então assim são climas MUITO PESADOS...

*Entrevistador* – Entendi

*Participante* – ...Sabe... que eu: observo que ao invés das coisas serem mais leves: mais diluídas:: parece que elas tão ficando cada vez mais difíceis sabe...

*Entrevistador* – Sim entendo... uhum... tá e aí esse... esses dois últimos anos teve o agravante da: da pandemia né?

*Participante* – Sim ((sorriso tenso))

*Entrevistador* – Desafios nunca imagi-na-dos: enfim né... mas... pandemia à parte: mesmo assim né: você coloca que: o nível éh... de estresse... enfim... é pesado e: tá:... parece que tá cada vez mais pesado...

*Participante* – Eu não sei se culmina: justamente PEla pandemia: aí as pessoas estão éh... emocionalmente afe-tadas né...

*Entrevistador* – Uhum::

*Participante* – E talvez isso... sei lá... culmine ali no momento de... de uma fala... como que eu posso dizer... não opor-tuna... ou de uma maneira e-quivocada de colocar as palavras: sabe...

*Entrevistador* – Aham, sei...

*Participante* – E aí vai gerando: QUase que uma reação em cadeia: “a” fala uma coisa: “b” responde...

*Entrevistador* – Aham... isso... ISSO: é:: e vai... vai crescendo: é... uhum:: tá... e... e: essa car-ga emocional pe-sada... isso afeta a vida pessoal?

*Participante* – Afeta... afeta ((ar pesaroso))

*Entrevistador* – De que maneira?



*Participante* – Ah eu... eu percebo que eu fico mais irri-tada... mais CALADA... até pra:: talvez não...

*Entrevistador* – Aham: pra não explodir...

*Participante* – De repente: né: responder de uma maneira...

*Entrevistador* – Sim... mais RÍSpida...

*Participante* – Causa uma... um DESÂNIMO... ((expressão visível do desânimo))

*Entrevistador* – Sim::

*Participante* – Sabe uma... uma: sensação ruim... (você) fala “nossa: não acredito que... por exemplo... hoje eu tenho reunião”... né: então você já vai nessa reunião... com os DOIS PÉS ATRÁS:: sabe...

*Entrevistador* – Uhum::: sei:

*Participante* – Então eu... eu percebo que ME afeta... não sei se afeta a: todos: mas ME afeta muito...

*Entrevistador* – Tá: é... eu imagino que deve afetar: se não todos a grande maioria: talvez... tô chutando aqui: né... Éh... então: e a: outra pergunta é: você já tomou conhecimen-to: de alguma situação de cri-se: com algum colega... tá... crise de ansiedade: depressão ou... pânico: ou algo semelhante...?

*Participante* – Já... já tomei: assim posso te dizer... acho que TRÊS mui-to pró-ximos...

*Entrevistador* – Três muito próximos?

*Participante* – Muito próximos... por exemplo: UM deles: já desenvolveu... éh: PRESSÃO ALTA... em função de uma... de: desentendimento ali dentro do: do departamento... éh... uma outra: professora tam-bém... ela está fazendo tratamento... em função assim de vários problemas que... aconteceram...

*Entrevistador* – Uhum::

*Participante* – Então ela tem esses momentos de... *stress* sabe... de: de repente numa reunião: um momento de desabafo e de cho-ro...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – É... pelo menos acho que mais dois assim: que são... assim: MAIS próximos... que também se sentiram afetados... bastante afetados por: por essas questões de desconforto: sabe...

*Entrevistador* – Ah sim... é: olha: pelo que eu tenho visto: todo mundo: tem algum colega... pelo menos um (ou) dois... bem próximos... né... tá:: e assim... você falou do tratamento... não falou exatamente qual o tratamento que ela tá fazendo... eu ia perguntar... a próxima pergunta seria assim: você conhece... éh: professores que fazem uso de ansiolíticos antidepressivo ou remédio pra dormir...

*Participante* – Olha... éh... esses dois primeiros que eu citei pra você fazem uso... de medicamentos

*Entrevistador* – Uhum:

*Participante* – Não sei te dizer exatamente quais são... mas eles fazem uso de medicamentos...

*Entrevistador* – Uhum... éh teve um professor que comentou até que tem um grupo de Whatsapp que volta e meia sai uma perguntinha “você já tomou tua ‘vitamina’ hoje?” ((risos))

*Participante* – É: daqui a pouco vai ser bastante útil...

*Entrevistador* – Éh, ai ai ai... tem até o tarja preta: se bobear...

*Participante* – Nossa:: ((expressão de espanto/admiração))

*Entrevistador* – Eita... vamos lá... ahn... a outra pergunta... éh... assim:: a que você atribui essa situação de adoecimento... o princi... fator principal ou prin-ci-pais... fatores de adoecimento emocional dos professores...

*Participante* – Olha eu acho que o principal: fator desse adoecimento: é esse tipo de situação, sabe: de... não é um estresse causado pe-lo tra-balho... digamos assim: bra-çal... é o estresse

causado por discussões... desnecessárias: por: por pessoas difíceis às vezes de você lidar... sabe: por pessoas que não entendem o que está acontecendo e sempre causam: algum tipo de tu-multo.  
*Entrevistador* – Sim...

*Participante* – Eu acho que: ESSE é o principal motivo de adoecimento... ali: pelo menos eu NÃO vejo assim problemas com alunos... né: ah alunos (que) foram desrespeitosos... não vejo essa situação... éh... a car-ga de tra-balho.... final de ano... óbvio né: sempre mais corrido: mas isso faz parte de qualquer profissão: aí dentro da área de... do ensino... então acho que não é esse o problema... mas esses pontos sabe: de... con-versas para-lelas... de... discus-sões pe-sadas... sabe: de um CLIMA PESADO: dentro ali do trabalho... eu acho que isso gera o... o adoecimento... é esse embate...

*Entrevistador* – É... isso aí pega de cheio né: na questão socioemocional...

*Participante* – Exatamente...

*Entrevistador* – Enquadra... enquadra... certinho no:: nos conceitos né de... o que é socioemocional... tá... e: agora já indo pro finalzinho... você já... você conhece: ou já ouviu falar: de ges-tão da emo-ção: ou de alguma ferra-menta de gestão da emoção... já ouviu falar?

*Participante* – Não

*Entrevistador* – Não...?

*Participante* – Nunca ouvi falar

*Entrevistador* – Ok. Bom... então... éh: eu imagino que você lida... né: com essas questões: m-meio que de maneira empírica: podemos dizer assim né?

*Participante* – Uhum, com certeza

*Entrevistador* – Certo... e como é que você... como é que você lida: com essas situações de tensão emocional?

*Participante* – Nossa: Marcos: eu acho que... ((pausa)) primeiro eu... eu tento fazer uma LEItura... então você falou do: Augusto Cury né... eu tenho:: vários livros. Isso eu faço... éh... Eu tento chegar em casa e falar assim... bom... a gente tem que abstrair tal coisa... sabe: tipo assim... você se prepara... psicologicamente: você tra-balha internamente: para tentar blin-dar algumas coisas no ambiente de trabalho...

*Entrevistador* – Certo

*Participante* – Eu tento fazer isso sabe... pensar em outras coisas ou então... sei lá: chegar no... no trabalho e... e: às vezes ah acho que eu vou pro laboratório com os alunos e vou ficar por lá... que daí né: a interação é outra... então eu vou pensando em atividades: estratégias: sei lá... que não são né:: com esse conhecimento assim... mas são estratégias que eu criei e que de repente FUNcionam...

*Entrevistador* – Muda o foco...

*Participante* – Mudando o foco: exatamente... NÃO é sempre que isso acontece... às vezes eu faço TODAS essas estratégias e não... não resolve: ali a minha... o meu conforto né...

*Entrevistador* – Aham

*Participante* – Às vezes funciona: assim... não é cem por cento... eu sei porque: saindo daquele... daquele ambiente ideal ali: digamos: que eu criei...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – Mas... me Ajuda... na maio-ria dos momentos... me ajuda: mas eu ainda... até algumas pessoas falam a gente está precisando né: procurar... essas terapias pra: exatamente: saber li-dar: com situações adversas ou essas situações que são des-gas-tantes... eu ainda não fui ((risos))... não fui ainda procurar... por vá-rias questões viu... mas não é... não tenho ABSolutamente nada contra... acho que eu PRECISO inclusive... mas não fui mesmo... ainda: mas é um... é uma das minhas metas para o próximo ano.

(...)

*Entrevistador* – O livro dele “inteligência socioemocional” ... ele... ele sugere ali algumas ferraMENTas de gestão de emoção... tá: e aí quando não funciona essa... você tem alguma outra estratégia... ou não... daí você aguenta... ((risos)) vai aguentando...

*Participante* – Eu vou aguentando assim... as minh... as minhas estratégias: na verdade: às vezes quando eu saio de lá né: ou... então: lá mesmo e... agora não dá porque estamos no remoto: mas... tínhamos ali... eu tenho contato com pelo menos duas professoras que: SOMOS PRÓXIMAS... então: às vezes a gente sentava e conversava porque as três estavam abaladas da mesma forma... sabe: então acho que isso ajudava...

*Entrevistador* – Uma apoiava a outra... ((risos))

*Participante* – Uma apoiava a outra... agora: de vez em quando a gente conversa assim no WhatsApp... faz: uma ligação pelo Meet pra a gente se ver... alguma coisa nesse sentido... e assim... acaba que eu converso: não necessariamente aqui em casa: porque o meu... só mora meu filho e eu né: então também eu acho que não tenho o direito de jo-gar todas as coisas... mas eu converso muito com os meus irmãos e: com os meus pais... então acaba que a gente... é quase um momento de desabafo assim né...

*Entrevistador* – Uhum:: com certeza... com certeza: essa conversa alivia mui-to né...

*Participante* – É... então eu percebo que isso tam-bém ajuda... sabe: vai passando aquela... aquele: CALOR que surgiu durante: o dia assim né...

*Entrevistador* – Nossa... legal: tá surgindo basTANte COIsa aqui nessa conversa com vocês viu ((risos)) eu vou... depois eu vou compilar... eu acho que tem muita coisa que... né: uma estratégia que um utiliza aqui o outro utiliza ali... outro lá... e: né: e mais aquilo que já tá: sugerido lá pelo... né... especialista: eu acho que dá pra a gente construir uma coisa bem legal aí... então tá: a última pergunta agora é... vocês... né... voCÊ que tá formando professores... já chegou a pensar assim: como que será o futuro de-les... chegaram... chegou a conversar alguma coisa sobre essa... esse tipo de dificul-da-de que o professor en-con-tra...

*Participante* – Já... Já conversei com al-guns deles... então por exemplo: esse... esse grupo né: que tá no PIBID... é uma conversa que a gente tem com fre-quência... porque: Marcos... só para contextualizar... MUItos alunos que estão na Licenciatura ((OPA) eles não queriam estar na Licenciatura...

*Entrevistador* – Hum:: ((ar de espanto))

*Participante* – Eles estão ali: porque é um curso noturno que: pela nota do Enem: eles conseguiram entrar... sabe?

*Entrevistador* – Hum. Entendi...

*Participante* – Éh... é a Única opção que eles tinham... por exemplo: aqui na cidade era mais próximo e tal... então: a maioria deles não queria: es-tar na licenciatura.

*Entrevistador* – Não entraram por opção... foi por FALTA de opção...

*Participante* – Foi por falta de opção... exatamente... então quando eles se deparam lá na escola: então muitos vêm: desmotivados: “ah não é isso que eu quero...” e aí vem toda uma... uma contextualização assim ó “o salário é muito baixo: são muitas turmas né: turmas gran-des”...

*Entrevistador* – E o pior é que a realidade né?

*Participante* – É a realidade... então... o que a gente conversa: muito... inclusive eu também dou aula nos períodos finais ali do curso... “é assim né gente...” precisa ir... precisa experimentar... a gente precisa ir... digamos assim: com a cabeça aberta: não já... chegando na escola: com todos os problemas que ela vê... tem que... tem que ver a realidade... e eu sempre digo a eles assim: “por mais que a realidade seja difícil: é importante que a gente a conheça...”

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Porque... você: vai ter que tomar um posicionamento... de acordo com onde você estiver. Então essas vivências... elas são impor-tantes... eu falo sempre pra eles né: Ser professor

NÃO... é fácil... a gente sabe disso... porque tem essa questão assim... a gente vive mui-to isso aqui na ((OPPA)): porque funciona assim né aqui... são todos os cursos de engenharia e a licenciatura à noite... então VÁrias atividades são preparadas pa-ra as engenharias né... a licenciatura: ela tá sempre assim... no: no escanteio da... da situação... e os alunos SENtem isso... então a gente precisa tá sempre lutando para enxergarem a licenciatura... e não é diferente quando eles estiverem formados...

*Entrevistador* – Pois é... pior é que é verdade... é o reflexo, né...

*Participante* – É o re-flexo... então assim: é importante que eles FAçam um bom trabalho... e assim: que eles JÁ saibam... dessas dificuldades: da questão salarial: das salas... de todo um contexto... mas eles precisam estar ali e fazer o que eles possam... façam de melhor...

*Entrevistador* – Fazer o melhor né...

*Participante* – E aí se: de repente: eles chegarem real-mente à conclusão que NÃO é isso que eles querem... eles têm MUIto tempo para fazer uma especialização né: um mestrado: de repente em outra área... ou mesmo em outro curso de graduação...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – Mas a gente sempre está ali “olha vamos tentar... vamos criar estratégias... né vamos no Pibid... ou então “ah vamos desenvolver um jogo... vamos pensar em material: que o aluno possa interagir...” a gente mesmo passou por isso: porque... o colégio não tinha internet... os alunos que moram ali naquela região: têm uma situação financeira muito difícil então eles também não tinham internet... e a gente precisou criar materiais: im-pressos... então fomos criando materiais impressos pra que o aluno fosse buscar na escola: pra que ele tivesse o que fazer: sabe...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – Então é nesse sentido que eu converso com eles... viu: Marcos... assim: pra não desanimar... quem tem... quem já gosta da licenciatura: eu percebo que en-xerga de outra maneira...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – ...Essas adversidades... mas como pra maioria não é um curso que é... do coração: digamos assim né... não é a primeira opção... então eles têm muita resistência...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – Eles fazem as disciplinas ok... mas quando vai para o colégio: eles voltam... muitas vezes com... uma dúvida né: “nossa será que eu realmente vou ter que encarar isso...? até quanto eu aguento...?” então a conversa é nesse sentido: a gente procura também promover ali... ah... palestras traz pessoas... de outros lugares... professores do ensino médio... professores de universidades: para que eles vejam... que não é só também a difi-culdade que tem na profissão né...

## 5ª Entrevista

**Professor:** Louis

**Tempo de experiência docente:** \_\_ anos

(...)

*Participante* – Talvez você tenha ouvido falar (...) que os cursos de graduação têm que passar por reformas: curriculares... porque existem aí certas novas: diretrizes... éh... claro que a depender da natureza do curso... ou cursos específicos... tem: algumas coisas diferentes: mas por exemplo: no mínimo a: a chamada cur-ri-cularização da extensão: TTodo mundo tem que fazer...

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – AS licenciaturas em particular.... nós temos aí uma... uma diretriz recente de 2019 que... que tá fazendo todo mundo dançar o samba do cachorro lou-co né... ((risos)) ...porque a gente tem que DAR UM JEITO de encaixar as coi-sas né... e a:: configuração dos cursos mesmo: dentro de uma mesma universidade como a nossa... é diferente né: quando a gente discute dentro da câmara de licenciaturas...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – A gente vai percebendo: certas semelhanças... mas: certos campus né: que... BASicamente cada campus tem uma licenciatura... nós temos aí Pato Branco e Curitiba: como... exceções né: mas basicamente uma por campus...

(...)

*Entrevistador* – Tá... deixa eu te perguntar... desse começo teu: até hoje... éh... você percebeu assim alguma mu-dança subs-tancial... em termos assim do... eu falo do ambiENTE da educação... tudo (...) mudou muita coisa de lá para cá... o que: se mudou... o que que mudou mais assim... de lá para cá...?

*Participante* – Poxa... se a gente for considerar assim como... como intervalo de tempo: só do momento em que eu comecei a docência pra cá... pra ser sincero contigo ago-ra assim talvez eu refletisse um pouco mais... talvez eu lembrasse de algum fator: mas eu não me lembro de NADA assim que... que seja tão diferente (...) assim ta... talvez o que se aproxima... e: e o que eu vou colocar aqui: eu... eu quero deixar bem claro: até porque a gente tá gravando né... deixar isso registrado... não... não é nenhuma manifestação aí... político-ideológica... eu só quero colocar uma certa constatação né: porque eu acho que é algo que: to-do mun-do vê: porque são dados né... você consegue extrair isso da impren-sa: ao longo da história do Brasil... porque eu peguei uma época no meu começo de carreira... em que os inVESTimentos pú-blicos na área de en-sino SUperior inclu-sive... eles eram MUIto mais significativos...

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Né: investimentos NÃO somente na aber-tura de no-vas universi-dades e campus de universi-dades: mas... naquelas que existem: como já existiam... como a nossa... éh: havia um estímulo tam-bém pra abertura de novos cur-sos... inclusive cursos no-turnos... justamente pra se aproveitar a estrutura que as universidades tinham né... para tal... só que com o passar do tempo: a gente percebeu que isso... deu uma virada GRANde... né

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Eu entendo por exemplo que... é claro: ia chegar o momento que... não ia... que ia parar de se abrir novos campus por aí né... porque chega um certo ponto que ah... basta né... não precisa mais...

*Entrevistador* – Aham

*Participante* – Só que... éh: tirando esse fator... INvestimentos no sentido assim de... estar sempre... que as nossas instituições de ensino estivessem sempre sendo... éh: renovadas... éh: sempre com uma BOA manutenção daquilo que precisa manter... e estar sempre sendo atualizadas... esse tipo de investimento na minha opinião caiu muito...

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Éh: quando a gente fala de dez anos para cá: não é um tempo muito gran-de mas...

*Entrevistador* – É verdade: é verdade... mas... assim: se a gente for olhar o tempo que a gente era estudante... pra hoje: por exemplo: a questão da valo-riza-ção do professor: por exemplo... né... como você vê isso... porque o investimento a gente vê que é mínimo... cada vez menos... né: infelizmente... e também: assim... como que as pessoas veem o professor: hoje comparado com... o tempo que a gente estudava: por exemplo... né: que daí já é um horizonte maior: eu acho... né...

como que você vê a... a diferença de hoje pra dé-cadas atrás... em questão de valo-riza-ção do professor... enfim...

*Participante* – Eu não acho que mudou muita coisa: se a gente for ver por exemplo assim eu sou meio suspeito para falar porque naquela época eu era estudante: hoje eu sou docente né...

*Entrevistador* – Certo

*Participante* – Então assim... eu vou dar essa... o que eu falar aqui tem que ser visto... tem que ser interpretado com uma certa... desconfiança né...

*Entrevistador* – Tranquilo

*Participante* – Mas dá... a impressão que dá é que... quando eu era estudante eu olhava pros meus professores assim tipo “nossa” né... a gente quase fazia isso aqui... ((gestos de curvar-se, em extrema reverência))

*Entrevistador* – Ah... no meu tempo lá: eu estudava no Colégio Estadual e... (quando) o professor entrava na sala: a gente tinha que ficar de pé... pra: receber o professor...

*Participante* – Ok ((risos)) a... as minhas escolas não chegavam... a esse nível de reverên-cia mas... eu acho que era mais... né: eu estudei parte né... parte da minha educação bá-sica foi numa escola de frei-ras... então:: a maior parte dos professores NÃO eram freiras... né... mas de qualquer forma: a gente tinha:: que manter uma... o respeito né: e tudo mais...

*Entrevistador* – A reverência né: até...

*Participante* – Reverência... éh... mas aí eu falo também no nível do ensino superior né: porque quan-do eu estava na graduação e a minha percepção com relação a meus colegas também era mais ou menos isso... e... no sentido assim de que a gente... a gente entendia... a gente percebia que certos professores subiam no patam... assim no...

*Entrevistador* – No pedestal?

*Participante* – No pedestal... porque eles se achavam... existe muita coisa... a gente percebia um orgulho exagerado também por parte de al-guns...

*Entrevistador* – Sim::

*Participante* – Mas a gente entendia também ao mesmo tempo... que por parte de outros... aqueles que não tinham um orgulho tão exacer-bado... existia um respeito por eles também porque a gente percebia “pô o cara chegou... ralou muito pra tá aqui”...

*Entrevistador* – Uhum::

*Participante* – Né: ralou muito pra tá ali e... e hoje é uma pessoa respei-tada... alguns poucos minutos de conversa você já percebia que era uma pessoa assim de... de intelecto muito mais avan-çado... né... existia essa... esse respeito né...

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Hoje... aí é que eu falo que essa (...) tem que ser vista com certa desconfiança né... éh... no geral eu não: tenho essa percepção... só que agora eu estou no papel inVERso... talvez porque eu não tenha atingido o patamar dos meus professores né...

*Entrevistador* – Éh, mas (...) PODE SER que tenha mesmo caído... o respeito: não é só... porque agora você está no... no outro papel né... no papel do professor... tá... mas então: assim e... em relação... éh... à tua... a TUA satisfação: com o TEU ambiente de trabalho... no geral também: assim... como é que é...? ...a relação com os outros colegas: a relação com a comunidade: a relação com a instituição: enfim: com os a-lu-nos... como é que é a tua sat... teu nível de satisfação com a... o TEU ambi-ente de tra-balho?

*Participante* – Olha... dizendo bem: resu-mida-mente... éh... vamos colocar assim numa escala de... de 0 a 5...

*Entrevistador* – De 0 a 5 tá

*Participante* – De 0 a 5... numa escala pequena né...pra colocar numa escala de 0 a 5 eu colocaria 4...

*Entrevistador* – 4? Ah... tá bom: né?

*Participante* – Porque poderia ser melhor... não é: porque... teria mais espaço aí pra caminhar... nessas... nessas relações...

*Entrevistador* – Aham

*Participante* – Mas: tá num nível bom...

*Entrevistador* – Se fosse no tradicional 0 a 10 então seria 8...

*Participante* – Por aí... em volta de 8

((risos))

*Entrevistador* – Não... tá... tá bom:: beleza... muito bem... e... o que que... quais seriam assim os pontos mais negativos vamos dizer assim: que... faltaria para chegar nos dez... vamos supor que a gente pegasse aí... cinco... não sei... eu tô chutando aqui também... cinco itens né... então tem o... nem sei se vou achar os 5 agora aqui: mas: vamos lá:: tem o relacionamento com os colegas: o relacionamento com os alunos... com a instituição... com a comunidade... sei lá... né: o que que poderia melhorar pra chegar no... no 5 lá no de 0 a 5...?

*Participante* – Éh: é claro que isso não envolve uma pessoa em específico né... são pes-soas diferentes que inclusive são... trabalham em coisas diferentes: setores diferentes... eu acho que o que falta... de fato seria... éh... a relação... uma me-lhor rela-ção profissio-nal... de mais res-peito com certos... certos indivíduos. Eu acho que é nesse sentido mesmo...

*Entrevistador* – Tô entendendo... ah beleza... entendi sim... tá... e... como que você ava-lia a CARga emo-cio-nal: no teu trabalho? Você acha que...

*Participante* – Vale... vale o nível “tenso”...? ((risos))

*Entrevistador* – Tenso... aham...

*Participante* – Existe uma escala assim...?

*Entrevistador* – Aham::

*Participante* – Não: brincadeira...

*Entrevistador* – Aham... ten-so... certo... a carga emocional tensa... tá: entendido... e... explique (...) SE e como isso afeta a tua vida pessoal... se a CARga emocional ali do teu trabalho... (...) isso afeta sua vida pessoal... E se sim: como?

*Participante* – Olha: na MInha opinião afe-ta... ahn... deixa eu ver comé que eu vou explicar como...

*Entrevistador* – Fique à vontade tá...

*Participante* – Éh... eu acho que... PARTICULARmente pra mim... vamos dizer assim... me deixa m... MENOS ativo...

*Entrevistador* – Entendi

*Participante* – (...) Eu acho que se não fos-se isso... talvez eu tivesse... talvez eu fosse uma pessoa mais...

*Entrevistador* –Entendi: entendi... e assim... éh eu fiz uma outra entrevista... a outra professora falou muito do... do pe-so da: car-ga de trabalho... né... não é só da relação tensa que a gente está falando mas também a CARga (...) e ainda assim às vezes ainda tem que ler mais alguma coi-sa no fim de semana mes-mo... é assim pra você?

*Participante* – Tem... tem disso... eu evito muito... eu ando evitando né... usar... finais de semana: agora né... pra... pra trabalho... mas: É ISSO MESMO: assim... ah... eu acho que o desgaste ener-gético é... é relativamente grande né: ao longo da semana... e quando você tem um momento assim que você consi... eu né... que eu considero que não é de tra-balho... eu prefiro des-can-sar... não é aquela questão ó “agora ou quero me di-ver-tir... eu quero sa-ir de casa”... porque isso para mim representa gasto energético ((olhar de decepção))...

*Entrevistador* – Ah sim...

*Participante* – Ter que sair de casa: mesmo... vamos até desconsiderar a pandemia né: que não acabou ainda: mas...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – Mas se eu pu-desse sair de casa eu também... eu ficaria pensando “será que eu vou...?” porque isso para mim representa gasto energético: eu pre-firo ficar em casa ((olhar conformista))

*Entrevistador* – Tô entendendo... Tá... e falando então de situações de ten... ten-são e tal... éh... você... já presenciou alguma situação... de cri-se... de algum colega... crise de ansie-dade ou de depres-são ou de PÂNico... de algum colega de trabalho? (...) ou tem conhecimento assim de algum colega próximo?

*Participante* – Ah conhecimento sim... quando você fala “presenciar” eu entendi como se fosse “testemunhar” ...

*Entrevistador* – Éh... não: eu... eu me expressei mal: na verdade é “tomar conhecimento” assim de algum colega próximo seu com... crise...

*Participante* – Sim sim: crise de ansiedade: que precisou inclusive se licenCIAR por al-gum tem-po né...

*Entrevistador* – Uhum::

*Participante* – Eu não presenciei nada... eu: inclusive... nun-ca per-ce-bi: né... porque eu não tenho esse: o-lho clí-ni-co né: que algumas pessoas têm...

*Entrevistador* – Mas é difícil mesmo: porque as pessoas tentam não mostrar: né: e às vezes conseguem esconder MUIto tempo né?

*Participante* – É... é verdade

*Entrevistador* – Tem que ter um olhar muito: muito eh... trei-nado né: pra perceber alguma coisa: muitas vezes... tá: e... assim... conhece professores que fazem uso de... ansio-lítico ou antidepressivo ou re-médio pra dor-mir...?

*Participante* – Sim sim: inclusive... NÃO deveria ser assim mas isso até virou brinca-deira em certos círculos... por exemplo: grup.. grupos de WhatsApp... que são de colegas de trabalho: mas é um grupo... que é pes-soal... não... não é um grupo de trabalho né...

*Entrevistador* – Sei

*Participante* – E de vez em quando sai aquelas piadinhas “você tomou sua vitamina hoje?” ((risos))

*Entrevistador* – A vitamina... ou seja... que é o...

*Participante* – Aí até mostra uma foto lá do... sei lá tem umas quatro ou cinco... pílulas ou comprimidos diferentes para tomar no mes-mo di-a...

*Entrevistador* – Tem até os tarja preta né: que a turma fala às vezes né...

*Participante* – Exato... exato: tí-po assim... nós sabemos que no... por trás daquela brincadeira existe uma... um ce-nário tris-te... porque a gente não precisaria... não deveríamos tá precisando tomar aquilo: né?

*Entrevistador* – Verdade... me... me parece que é meio que geral... eu não sei ainda... comecei as entrevistas há pouco tempo: mas... ME parece que cada um que a gente conversa conhece... né... gente que precisou se afas-tar... gente que teve né:: crise... que toma re-médio e tal né... infelizmente né... tá... e... a que você... o que você acha que é o principal... fa-tor desse ado-eci-mento: assim dos... a gente já... já tangenciou: algumas coisas assim: mas se for pra gente nominar assim... o que você acha que são o principal... OU os princi-pais fatores desse: ado-eci-mento emocional dos professores?

*Participante* – Olha eu tenho até dificuldade de di-zer: no sentido assim: porque: eu... EU entendo que... que... servi-dores di-ferentes... eles... eles acabam sendo SENsibilizados por coisas distintas...



*Entrevistador* – Sim::

*Participante* – ...Que acaba ocasionando: nessas situações né: mas:: se dá pra gente fazer uma generalização... EU imagino: que é o que a gente chamou de alta carga de trabalho... porque eu acho que a alta carga de trabalho... ele... ela incluiu mais... NÃO É simplesmente um...uma pessoa centralizar várias coisas... mas é que POR trás disso: por exemplo: vem assim ó: se UMA pessoa centraliza muita coisa... não necessariamente... mas pode chegar o momento em que ela não dá conta de TUDO... no TEMPO esperado...

*Entrevistador* – Uhum:

*Participante* – Só que AÍ: se você não dá conta do tempo esperado... tem alguém... lá do outro lado... éh:: cobrando aquilo de você...

*Entrevistador* – Sim:

*Participante* – Eu digo assim: “olha você tinha um prazo... você NÃO CUMPRIU... Cadê... cadê o documento tal... ou cadê... o resultado...?”

*Entrevistador* – E essa cobrança vem de vários lados né?

*Participante* – Exato... “e cadê o resultado tal que você se comprometeu?”... sabe: então assim: eu acho que dá pra generalizar nesse sentido: alta carga... Só que... NÃO se esquecendo de que TEM umas coisas por trás... porque aí se quando alguém... né: faz uma cobrança... e dependendo de COMO essa cobrança é feita... isso acho que...

*Entrevistador* – Pesa: né?

*Participante* – Pode pesar...

*Entrevistador* – Pesa mais... tá certo... e:: vocês professores da licenciatura... vocês estão formando... outros professores certo?

*Participante* – Sim::

*Entrevistador* – Vocês... VOCÊ... você trabalha com eles essa questão assim de “olha... lá na frente vocês vão enfrentar essa dificuldade... aquela... aquela...”? ...né... imagino que sim: mas... eu queria que você me: contasse um pouco... se você trabalha: como você trabalha isso: né...

*Participante* – O que eu posso te dizer nesse... nesse quesito é assim ó... talvez... TALvez por causa da natureza das minhas disciplinas... né... eu... as minhas disciplinas aquelas são mais TÉCNICAS ((OPPA)) e não são das... da área pedagógica... mas se perguntar “ah você nunca falou...?” eu falei já... tem certas oportunidades... em que a gente trata de coisas nesse sentido... PRINCIPalmente... agora não sou mais... mas teve uma época... em que eu era AQUI no meu curso... um dos professores de TCC... é claro: TCC tem um caráter muito específico... mas de vez em quando a gente acaba... abordando aquela fa... aquela: interface... do nível de trabalho que você tem que fazer... do nível de compromisso... de comprometimento com... coisas: com pessoas... e... e principalmente quando você... uma vez que você tá... falando.. tratando com os alunos de projetos... que se faz numa escola... que tem muito a ver com o dia a dia do professor de ensino básico... é: Esses assuntos vêm...

*Entrevistador* – Uhum

(...)

*Participante* – Provavelmente eu... eu acho que seria um assunto recorrente... NO MÍNIMO UMA VEZ: por turma: por semestre...

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Mas não é assim né...

*Entrevistador* – Ok... e:: pra terminar: deixa eu te perguntar... você conheceu ou já ouviu falar... de “gestão da emoção” ou “ferramentas... de gestão da emoção”?

*Participante* – Não... não

*Entrevistador* – Ok... ok... éh... então: você lida com essas questões... éh: da:: emoção... questões socioemocionais... você lida: empiricamente: podemos dizer assim né?

*Participante* – Sim

*Entrevistador* – Você lida... éh... com a... as ferramentas que você... que você tem: ali... do... de casa: vamos dizer assim: da... da tua vida... muito bem: e COmo que você... como você lida com essas... com as situações de ten-são emocional?

*Participante* – Ah eu acho que isso: até f-foge do... do âmbito profissional né... eu acho que eu acabo lidando da mesma maneira como eu lidaria no âmbito pessoal...

*Entrevistador* – Uhum:

*Participante* – No sentido de...

*Entrevistador* – É porque na verdade isso a-feta o teu pessoal né...

*Participante* – Aham (...) a... a tendência é ficar refletindo a respeito daquilo né... de alguma coisa que está:... te apoquentando né: como alguns falam assim... então alguma situação que está pegando no momento... existe uma ten-dência de: pelo menos no... se alguma... em algum... em alguns miNUtos que você não está focado em nada... se há algo que está perturbando... você tem a tendência de se lembrar: daquilo né... e... e fica refle-tindo a respeito: do tipo assim “será que eu errei nisso ou errei naquilo... o que que poderia ter sido diferente”...

*Entrevistador* – Aham

*Participante* – É... é nisso...

*Entrevistador* – A reflexão: é o que mais te ajuda então...?

*Participante* – É uma questão de reflexão:

*Entrevistador* – Tá certo. Então tá bom: professor... eu acho que... eu acho que deu aqui... pra o que a gente tinha... é... se pro-posto (...)

## **6ª Entrevista**

**Professor:** Tolkien

**Tempo de experiência docente:** \_\_ anos

*Entrevistador* – (...) De lá para cá: né... até hoje... alguma coisa mudou?

*Participante* – Não... acho que não né... o que mais muda é o quê... é o palco né... é:: o palco da universidade é bem diferente né... do palco da... do ensino médio...

*Entrevistador* – Diferente em que sentido?

*Participante* – Os dois palcos são... são muito interessantes né... têm suas relações de trabalho: mas... éh:: o público é diferente né... então: em relação à expecta-tiva... na verdade uma coisa: em relação à expectativa eu posso te contar: uma coisa interessante né... quando eu entrei na ((OPPA))... eu sempre trabalhei... como eu tinha a concepção freiri-ana da educação... tudo... eu sempre trabalhei na relação do diálogo e tal... e quando eu entrei na ((OPPA))... muitos colegas chegaram assim pra mim e falaram assim “ah agora você é professor da ((OPPA))... você tem que ser assim assado” (...) e eu entrei nessa... nesse discurso: achando né... eu acho que nos primeiros... primeiros seis meses eu trabaLHEI nessa perspectiva: né: o professor da ((OPPA))... tem que massacrar os alunos... não sei o que... e eu me arrependi muito: sabe...? e eu acho que só andou mesmo depois desses SEIS primeiros meses que eu vol-tei a trabalhar como eu era an-tes...

*Entrevistador* – Uhum:

*Participante* – E daí eu desenvolvi isso: porque eu trabalhei:: seis anos em ((O.P.A.))... depois eu vim pra ((O.P.A.))

*Entrevistador* – Ah:: legal

*Participante* – Eu trabalhei no curso de Licenciatura em ((O.P.A.)) nos primeiros e seis anos depois eu (...) vim pra cá né...

*Entrevistador* – Uhum:: ah beleza

*Participante* – Mas ah: essa relação do conflito e expectativa né...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – Mas pra mim em sala de aula é sala de aula: assim: sa-be... eu gosto muito assim... me sinto muito bem em sala de aula... gosto muito de: trabalhar com o que... eu trabalho na pesquisa também... nas concepções que a gente trabalha nos desenvolvimentos e tal...

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – E... uma coisa que eu vou confesar pra você: como a gente trabalha com diálogo problematizador eu procuro NÃO criar expectativas sobre os alunos... não criar preconceitos entende?

*Entrevistador* – Certo

*Participante* – Tá: então eu entro... tento entrar... tento primeiro... é um.. é uma concepção materia-lista eu deixo a realidade me informar como ela é né...

*Entrevistador* – Sim:

*Participante* – Eu não sou idealista né: não cri-o uma realidade pra daí...

*Entrevistador* – Entendi... entendi

*Participante* – Então eu nunca tenho expectativa nenhuma e eu sem-pre mu-do minha prática... em relação aos sujeitos...

*Entrevistador* – Sim:

*Participante* – Dá mui-to trabalho mas: é muito recompensador...

*Entrevistador* – Ah legal... muito bom: certo... mas: e: assim... vamos... vamos ampliar um pouco MAIS... esse horizonte de tempo aí... vamos dizer assim: do tempo que a gen-te estudou lá... ensino: fundamental e médio né... você: eu... EU devo ter feito: isso muito antes de você ((risos))... mas: do tem-po que vo-cê estudou lá: na escola... ensino fundamental e médio: pra cá: pra hoje... mudou alguma coisa...? assim... eu digo... mais assim: também no sentido amplo de... relação professor-comunidade: professor-escola: professor-aluno: professor e o meio... né... você acha que mudou alguma coisa?

*Participante* – Ah eu acredito que sim: cara... a formação dos professores antigamente era BEM diferente né... da de hoje em dia... né... eu vejo pelo curso que eu tra-balho né... eu acredito que os meus estudantes ali eles... se formam mui-to me-lhor do que EU me formei: por exemplo...

*Entrevistador* – Ahn:: ((olhar surpresa))

*Participante* – Principalmente porque: por exemplo: eles veem conceitos e... e relações e informação que eu só fui ver no meu doutorado: pra você ter uma ideia...

*Entrevistador* – Uau::... ((exclamação))

*Participante* – Tá: então eu tenho muito... muita... éh: NESsa relação: eu tenho muita expectativa que eles vão ser a... a transformação né... na sociedade: sabe?

*Entrevistador* – Legal...

*Participante* – Porque eles... eles discutem... eles veem as coisas com uma propriedade... de uma maneira mui-to mais for-te do que EU vi na graduação...

*Entrevistador* – Uhum::

*Participante* – E do que EU vejo dos professores que eu tinha né:: a mi-nha época foi BEM naquela época narra-tiva né: dissertati-va... aquele ensino mecâ-nico né... entende?

*Entrevistador* – Uhum::

*Participante* – Não dialó-gico né... mais bancá-rio e tal...

*Entrevistador* – Certo...

*Participante* – E eles não né... eles... têm uma capacidade dialógica MUIto grande né...

*Entrevistador* – Uhum::

*Participante* – E um acabou-ço teórico muito forte... um prá-tico também muito forte... principalmente pelas disciplinas que são os ei-xos né... que são as disciplinas de projetos né... que era uma coisa que a gente não tinha: por exemplo: na minha é-poca né...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – Tanto na ((OPA)) quanto no Curso aqui da Licenciatura em ((OPA)) eu vi esse diferencial como eles operacionam... né: muito bem o que eles estudam na graduação: eles vão ser MUIto melhores do que eu: quando eu sai né...

*Entrevistador* – Ah que legal isso aí... o que a gente ouve falar MUIto assim... quando a gente conversa: faz essa pergunta... a gente ouve falar mui-to de mu-danças nega-tivas né... eu vejo você...

*Participante* – Não:: eu vejo o contrário ((exclamação))

*Entrevistador* – ...Você trazendo mais... ah... quer dizer: até agora você só trouxe as positivas... mas será que TUdo mudou pra melhor...? ou:: teria alguma coisa que de re-pente mudou para pior...?

*Participante* – Então da época do ensino fundamental e médio eu não sei di-zer porque... eu não sei como é que era... exata-mente a formação... eu sei como era a PRÁTica dos professores né...

*Entrevistador* – Mas como é que era... a relação... a rela-ção do aluno com o professor... a relação da comunidade com o professor...

*Participante* – Então nas escolas que eu trabalhei não tinha relação com comunidade... não tinha... era só a relação professor-aluno né...

*Entrevistador* – Certo:: certo...

*Participante* – Entende? nunca vi nada relativo à comunidade

*Entrevistador* – Uhum... é: mas eu digo assim: sobre o con-ceito do professor... né

*Participante* – Ah não... o professor... exatamente: o professor era o... detentor do conhecimento e os alunos tinham que rece-ber aquele conheci-mento... cabou ((exclamação))... e o papel dos alunos era passivo né... era receber aquele conhecimento e: depois... quando na prova lá... dá o extrato lá do que tinha aprendido ou não...

*Entrevistador* – Entendi: entendi

*Participante* – Era assim... na minha época era assim... não tinha...

*Entrevistador* – Aham

*Participante* – Não tinha diálogo com o professor... não tinha discussão sobre problemas... reais: nada... era conteúdo mesmo né...

*Entrevistador* – Entendi... ah que... que bom então né... e... então tá cer-to... bom vamos pra frente...

*Participante* – Tanto que... é: aquilo que eu falo pros meus alunos hoje em dia né... a escola... em muito ela... você... estuda pouco de muito né... a MINha escola foi assim e MUItas escolas continu-am assim...

*Entrevistador* – Uhum::

*Participante* – Em vez de você estudar muito de pouco: você estuda pou-co de muito... é o enciclopédico né...

*Entrevistador* – Entendi

*Participante* – Então... na minha visão eu acho PÉSSimo isso...

*Entrevistador* – Certo... legal... então tá... bom... deixa eu te perguntar... ahn: outra coisa: como você considera ho-je: o teu nível de satisfação: com o am-biente de tra-balho... e aí o ambiente de trabalho... pode incluir tudo o que você... pensar né: colegas... é:: alunos...

*Participante* – Ah 100 %...

*Entrevistador* – ...A estrutura: da instituição... o meio externo...

*Participante* – Não... 100 %... 100 % realizado... não tem nem o que falar... não tem reclamação nenhuma...

*Entrevistador* – Que maravilha... ((exclamação))

*Participante* – Eu... nossa... eu sou... eu tô exa-tamen-te onde eu queria: assim... eu tô super realizado e tal...

*Entrevistador* – Parabéns viu... ((exclamação e risos))

*Participante* – Nossa... meu Deus do céu...

*Entrevistador* – Que bom:

*Participante* – Não tenho nem o que reclamar... eu tô super bem...

*Entrevistador* – Muito bom... muito bom

*Participante* – Inclusive... eu... eu não sei se eu te... te relatei mas eu coordeno o ((OPPA)) aqui né...

*Entrevistador* – Ô que legal ((exclamação))

*Participante* – Então... em relação à pesquisa eu tô super: satisfeito... em relação à prática docente também: então... eu gosto MUIto: principalmente porque eu sou ((OPPA)) mas trabalho num curso de ((OPPA) sabe...

*Entrevistador* – Uhum:

*Participante* – Então eu aprendo mui-to também...

*Entrevistador* – Ótimo...

*Participante* – E pra mim eu sempre... eu SEMpre tive essa coisa de querer aprender sabe...

*Entrevistador* – Tem que ser né: professor?

*Participante* – Então: pra mim... eu GOSTo dessa constante formação assim: sabe...

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Então eu tô... nossa cara... eu tô: SUPer satisfeito... acho que não trocaria por nada: assim...

*Entrevistador* – Bom... então: nós vamos... vamos pra frente... e sobre a car-ga de tra-balho: professor... como é que tá hoje...?

*Participante* – Então... você quer em números: ou...

*Entrevistador* – Ah eu queria... pode ser em números ou pode ser numa palavra... você me...você me diz aí...

*Participante* – Então: eu tenho três disciplinas da graduação né... que ca... constatam dez horas e: tenho mais... eu sempre ministro uma disciplina na... na pós né...

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – No primeiro semestre e no segundo... dá 15 horas... poderia ser menor né... poderia ser menor pra... pra otimizar mais o tempo... princi-pal-mente né: porque eu sou coordenador: e por causa da relação de pesquisa...

*Entrevistador* – Sim:

*Participante* – ...Mas eu não considero uma carga extenuante não... assim: sabe... considero uma carga adequada...

*Entrevistador* – Adequada... não é PESADA...?

*Participante* – Não: não... é adequada... poderia ser me-lhor: mas é adequada...

*Entrevistador* – Muito bom... éh... então... a gente vê bastante...

*Participante* – O problema é que são três... são disciplinas que eu gosto muito entendeu?

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – Ao mesmo tempo que eu acho que poderia ser menor... éh... eu também acho que... eu não: não conseguiria... não sei se eu conseguiria largar... uma delas... entendeu?

*Entrevistador* – Entendi

*Participante* – Porque elas têm muito a ver com a minha formação.

*Entrevistador* – Entendi

*Participante* – Eu trabalho com (...) então são todas disciplinas que... são muito... tenho muito carinho por elas assim sabe...

*Entrevistador* – Legal... que bom... éh: e... como que você avalia... a carga emocional do teu trabalho?

*Participante* – Como assim carga emocional...?

*Entrevistador* – Carga emocional... assim: porque... é... com VÁrios que a gente pergunta eles falam “ah, é TENso... tem assim um...”

*Participante* – Não:: o meu não é: cara ((exclamação)) ...eu acho extre-ma-mente emocio-nante: na verdade...

*Entrevistador* – Emocionante... ((ar surpreso e risos))

*Participante* – ...Ver... ver os meus estudantes progredindo do jeito que eles progridem...

*Entrevistador* – Legal

*Participante* – ...Como eles desenvolvem... sempre... eu sempre... como eles me surpreendem assim: cara...

*Entrevistador* – Que legal...

*Participante* – ...Teve disciplina que eu cheguei a chorar no final... de tão BOAS as produções que eles fizeram...

*Entrevistador* – Que legal...

*Participante* – ...Pra você ter uma ideia... entende?

*Entrevistador* – Que legal...

*Participante* – Eles são excelentes cara... na... não tem nem o que falar assim...

*Entrevistador* – Aham:

*Participante* – Entende... então... o:: é... chega a me arrepiar assim... de pensar algumas coisas que eles já desenvolveram....

*Entrevistador* – Aham

*Participante* – E... eu acho incrível assim... então... na minha... eu acho... MUIto emocionante...

*Entrevistador* – Legal

*Participante* – Pra mim TUDO semestre é uma sur-pre-sa: é uma relação leGAL assim... desenvolver e tal...

*Entrevistador* – Que joia... e... e a... a relação com os co-le-gas: ali... com a institui-ção: ali... é tranquila também...?

*Participante* – Ah é muito tranquila... meu Deus... não tem nada... muito tranquilo...

*Entrevistador* – Muito bom... éh: tem ou-tros casos que... os professores relatam “oh é TENso... é difícil...”

*Participante* – Não::

*Entrevistador* – Que bom: professor...

*Participante* – MUIto tranquilo...

*Entrevistador* – Uhum:... e:: você... você acredita que... tenha ou-tros colegas que: talvez aí no teu... no teu círculo mesmo... no teu câmpus aí... no teu departa-mento... que: talvez não tenham essa mes-ma rela-ção... legal... ou aí... você: não percebe na-da assim de: ten-são...

*Participante* – Eu não sei dizer: cara... porque eu...

*Entrevistador* – Não sabe... dizer...?

*Participante* – ...Vou ser sincero para você assim: eu... trabalho para viver: eu não vivo para trabalhar... por mais que eu faça MUIta coisa... e... a PRIMEIra coisa que eu prezo muito na minha vida é a família...

*Entrevistador* – Isso... ((exclamação))

*Participante* – Então... cara:: se... pode existir: pode... mas eu... não sei cara... não me interessa essas coisas: entende?

*Entrevistador* – Não... tá certo... é que às vezes os colegas comentam né... e às vezes... sem querer você fica sabendo...

*Participante* – Nossa: eu nem me... não sei... não sei dizer...

*Entrevistador* – Não... tá ótimo...

*Participante* – E eu procuro... e os colegas que eu tô cercado... que eu atuo MUIto... são pessoas muito proativas assim: entende...?

*Entrevistador* – Aham:

*Participante* – Então:: eu não sei:: talvez um... por uma relação de aproximação eu nem... nem ve-jo essas coisas assim: sabe...

*Entrevistador* – Uhum:

*Participante* – ...São pessoas que a gente vai lá e: efetivamente: trabalha e ponto

*Entrevistador* – Aham: aham... tá: legal... então: ahn... como eu falei... tem alguns: ahn... que relatam “ah carga de trabalho: tá muito pe-sada... a... éh... a questão... emocional é TENsa né...

*Participante* – Ah que PENA: cara... mas eu não vejo assim não...

*Entrevistador* – Tem... tem: e... e aí eu pergunto pra eles... se isso afeta a vida pessoal: com certeza a resposta é SIM: né...

*Participante* – Uhum

*Entrevistador* – No TEU ca-so: éh:: você jé nem tem essa ten-são ali... né...

*Participante* – Não

*Entrevistador* – E: muito menos... muito menos: levar coisa pra casa: pelo que eu en-ten-di né...

*Participante* – Não::

*Entrevistador* – Você... consegue separar bem a tua...

*Participante* – Sim sim

*Entrevistador* –...Tua vida pessoal da vida profissional né... do: do... trabalho... e-xcelente: excelente: professor... MUIto bom ((exclamação))... éh... então a... a outra pergunta: né... eu acho que praticamente você já: respondeu... eu: eu ia perguntar se você sabe de alguém... éh: conhe-ce algum co-le-ga... é:: que tenha tido uma situação de cri-se::: ansiedade: depressão: pânico ou coisa parecida...?

*Participante* – Por causa do tra-balho não...

*Entrevistador* – Não conhece ninguém?

*Participante* – Do trabalho não...

*Entrevistador* – Puxa que bom professor... ((exclamação)) olha se eu for trabalhar na ((OPPA)) eu quero ir pro teu câmpus... ((risos))

*Participante* – Cara... mas se você trabalhar... NO nosso campus... cara um dia você vai ver... cara... eh... cara: onde eu trabalho... meu:: é o paraíso: você não tem noção... ((exclamação))

*Entrevistador* – Que legal: professor...

((OPPA))

*Entrevistador* – Olha uma hora eu quero passar aí: professor... quero passar aí...

*Participante* – Não: e não é modé... não é falsa modéstia: mas o NOSso câmpus é o câmpus mais bo-nito do sis-tema... e é engraçado que quando eu saí de ((OPPA)) pra ((OPPA)) o ((câmpus anterior)) era mais ligado no 220 sabe... porque é um ambiente... urbano né cara...

*Entrevistador* – Aham

*Participante* – Então... e a nossa sala ficava na fren-te da escada: que dava acesso pro departamento

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Então: a nossa sala era MUIto movimentada... muito movimentada: sabe?

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – E... quando eu cheguei aqui: se visse a... a cal-ma que: cara... é 110 assim... diminui da met... ((risos)) pra você ter uma ideia eu comecei a produzir: MUIto mais... por causa desse: clima do câmpus...

*Entrevistador* – Claro...

*Participante* – ...Entende? é MUIto mais calmo: MUIto mais tran-quilo... essa: relação ((OPPA))

*Entrevistador* – Aham: (...)

*Participante* – Você NÃO TEM no-ção como é bom lá...

*Entrevistador* – Show de bola ((exclamação))

(...)

*Entrevistador* – Então assim... eu... eu vou fazer outra pergunta por que tá no... tá no:: roteiro aqui mas: pra-ticamente já sei a resposta também né... a pergunta era assim: se você conhece professores que fazem uso de ansio-lítico: antidepres-sivo ou remédio pra dor-mir... acredito que...

*Participante* – Do trabalho assim... cara... eu não sei: eu nunca entro... eu não entro nesses assuntos...

*Entrevistador* – Sim: sim... é... é que às vezes os PRÓprios colegas comentam né... e aí... você nem... você NEM quer sa-ber mas a pessoa comenta...

*Participante* – Ah não...

*Entrevistador* – Aí você fica sabendo sem querer né...

*Participante* – É mas eu não: sei... não entro nessas...

*Entrevistador* – Tá certo

*Participante* – Essas alça-das assim: pessoais não me interessa: assim: sabe...

*Entrevistador* – Tá cer-to... é:: muito bom:: melhor: melhor coisa mesmo né... mas:... MUIto bom professor: a tua: a tua... experiência: a tua pos-tura... é: um... você é uma exceção: tá...

*Participante* – Ô: que be... que beleza então...

*Entrevistador* – Beleza pra você... triste pros outros viu... ((risos)) mas que bom... éh: deixa eu ver se tem mais uma pergunta aqui... tá... ah sim... agora... eu vou te fazer outra pergunta também: assim... eu sei que você não: sa-be a res-posta: mas...

*Participante* – Uhum

*Entrevistador* – ...Vai ter que chutar ((risos))... ESses professores... que: têm muito pro-blema: aí: às vezes... de ansie-dade ou depres-são: pânico... advindo DO: trabalho: né... éh: você acha que: qual seria o: o principal fator... por quê que...

*Participante* – Cara eu não sei: meu...

*Entrevistador* – Não sabe dizer... não tem ideia?

*Participante* – Eu não sei... não sei dizer: cara...

*Entrevistador* – Nem imagina...?

*Participante* – Não sei dizer... eu não sei dizer cara... eu não sei mesmo... ((risos)) eu não sei: porque é aquilo que eu te falei: as coisas que me preocupam são em ca-sa né... as coisas de trabalho a gente resol-ve... não precisa... criar atri-tos: sa-be: essas coisas...

*Entrevistador* – Isso... isso...

*Participante* – Então: comigo não... não tem dessas coisas... eu não entro nessas...

*Entrevistador* – Legal...

*Participante* – ...Desculpe o termo: não científico: eu não entro nessas pira: entendeu?

*Entrevistador* – Pira: é... ((risos))

*Participante* – Juro que não entro... trabalho é trabalho cara...

*Entrevistador* – Aham::



*Participante* – A gente vai lá... senta e resolve né... eu digo para minha esposa: a gente trabalha pra resolver...

*Entrevistador* – Legal::

*Participante* – Não entro nessas piras: nessas coisas...

*Entrevistador* – Legal:

*Participante* – Eu NÃO a-ceito... esses “presentes” assim: sabe...

*Entrevistador* – Ah:: isso mesmo... isso mesmo ((exclamação))

*Participante* – É aquela história: não aceito... não aceito...a pessoa vem pra brigar:: eu vou lá e...

*Entrevistador* – Éh::: pôxa... gostei viu? Gostei...

*Participante* – Não brigo... você só briga se duas pessoas brigam: entende:: eu não... não ligo cara...

*Entrevistador* – É::: então... a gente... tá... procurando... correlacionar né...

*Participante* – Ó: pra você ter uma ideia: há SEIS a-nos eu sou coordenador do ((OPPA))... cara: NUNca tive um problema de conflito... na coordenação...

*Entrevistador* – Legal...

*Participante* – Entende...? NUNca... porque: Não tem... não tem... cara... a gente vai lá e... essas coisas a gente vai lá e... gesta né: cara...

*Entrevistador* – É... o que eu tô vendo assim é que: você... éh::: você já trabalha... éh... antes de acontecer: você já NEM DEIXA aconte-cer né... a:: coisa... né: porque a per-gunta era assim: daí praqueles que têm essas dificuldades né: “como você LIDA com as situações de tensão...” no TEU ca-so: você NEM CHEGA na situação de tensão... então COMO É que você pre-vine... professor: me... me ajuda só pra depois...

*Participante* – Cara: são al-guns princípios...

*Entrevistador* – Só pra depois eu poder... relatar...

*Participante* – É... é o que eu falo pro nosso secretário... eu falo “cara... não importa como o problema surgiu:: importa como a gente vai re-sol-ver ele” entende? às vezes eu vejo a diferença aí: sabe... as pes-soas: em vez de resolver os problemas elas... dinamizam os problemas...

*Entrevistador* – Isso: ((exclamação))

*Participante* –...Entende? e... eu NÃO FAÇO is-so: cara... então: por exemplo... e ou-tra coisa: eu SEMpre... parto do princípio que to-do mundo é ser hu-mano:... todo mundo tem seus problemas: mas me-rece ser respei-tado... merece ser bem tra-tado: entende?

*Entrevistador* – Uhum:

*Participante* – TODOS... todos no... no entorno: desde a pessoa que lim-pa a minha sala... até o meu chefe...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – Então... por isso que não... e outra: não... nunca... eu nunca trago conflito para a minha vida: entendeu?

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Eu sempre vou lá e resolvo: acabou ((OPPA)) eu trabalho assim: cara... eu sempre falo para e-le... então: por exem-plo... ah eu vou culpar o secretário porque aconteceu alguma coisa? não cara... o impor-tante é a gente resolver o problema: NÃO achar o culpado...

*Entrevistador* – Isso:

*Participante* – Entendeu? é is-so que me satisfaz né: a resolução de pro-blemas: entende?

*Entrevistador* – Uhum:

*Participante* – Então:: nesse sentido a gente vai lá... ba-talha: e faz as coi-sas e...

*Entrevistador* – Legal:

*Participante* – Resolve cara... tra-balha pra resolver... e os problemas vão acontecendo... não adianta e...

*Entrevistador* – Legal

*Participante* – Entende... então esse é o princípio... e você par-te do prin-cípio que todas as pessoas são honestas... al-gumas NÃO vão ser... entende...? isso já não gera uma carga de stress entende...? porque outras pessoas trabalham o contrário: to-do mun-do é deso-nesto... daí você...

*Entrevistador* – Até que prove o contrário...

*Participante* –... Entra no stress de ficar desconfiando... é: daí você entra no stress de descon-fi-ar de-todo mundo: entendeu?

*Entrevistador* – Isso:

*Participante* – Eu não faço isso: cara... à medida que os problemas vão... NÃO ANTECIPO problema... à medida que os problemas vão acontecendo a gente RESOLVE: o impor-tante é traba-lhar para resol-ver...

*Entrevistador* – Muito bom

*Participante* –...entende... na... ne relação de trabalho...

*Entrevistador* – Muito bom

*Participante* – Entende... então é nes-se sentido: e NAS rela-ções com os estu-dantes eu sempre: trabalho com... como eu trabalho com... na área de didática... eu trabalho com conceito de contrato didático... né: eu NÃO PARTO desse princípio também... porque ó “ah se o estudante faz alguma coisa ele é desonesto”? não: NÃO cara... eu NÃO FAÇO julgamentos: entende? eu NÃO fi-co fa-zendo julga-mento... vou lá e ó “qual que é o fa-to efe-tivo?”... ah aconteceu isso... vamos ver como é que a gente lida com o fato: entendeu?

*Entrevistador* – Uhum: objetivamente...

*Participante* – É: então... talvez isso a-jude: sabe...?

*Entrevistador* – Ah com certeza: ((exclamação))

*Participante* – Porque eu NÃO me estresso com estu-dante: não me estresso com co-lega:...

*Entrevistador* – Muito bom:

*Participante* – Tá...? E é... pra mim: as coisas que são preocupantes... que va-lem a pe-na se preocu-par mesmo:: se estressar... são as de ca-sa... é minha família: saúde: a segu-rança minha fa-mília...

*Entrevistador* – Certo: certo

*Participante* – Entende...? essas coisas não... não merecem meu estresse: cara...

*Entrevistador* – Verdade: professor... tá... e: e... você já... você co-nhece: ou já ou-viu: fa-lar... de ges-tão da emoção... ou de alguma ferra-menta de ges-tão da emo-ção?

*Participante* – Não: cara: nunca ouvi falar

*Entrevistador* – Não né...?

*Participante* – Não

*Entrevistador* – Não: beleza... porque assim: eu tô vendo você... falar aí: você... mesmo:: vamos dizer... empiricamente: mas você aplica muito ((risos))... muitas... ferramentas de gestão da... da emo-ção: né... mesmo sem conhe... sem conhecer a:: teo-ria e tal... né... mas então tá... bom: a:: eu inverti aqui as perguntas né... ah: então es-sa... essa que é a de “como você lida...” né... na verdade você não lida com a tensão: Você já... se ANtecipa e NEM deixa a tensão... a situação de tensão: che-gar... muito bom... outra coisa... vocês que estão:: for-mando professores ali na... na licenciat-ura né... vo... vocês... éh: tra-tam com eles... vocês... chegaram a pen-sar né: comé que... comé que vai ser o... lá na frente: quando eles vão: enfren-tar essa situação... de: tal-vez:: mui: muito provavelmente ter alguma: alguma situação de tensão LÁ: no trabalho deles... né: co-mo que eles... se pre-param: pra... pra lidar com isso...

*Participante* – Então cara: eu vou ser sincero pra você: is-so eu nun-ca pen-sei: porque não é da minha alçada ali: sabe...

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Então eu não trabalho com essas relações: assim... então eu nunca pensei mesmo...

*Entrevistador* – Aham

*Participante* – Isso aí seria mais os professores que estão mais à frente: que trabalham com estágio: e tal né...

*Entrevistador* – Ah::: certo

*Participante* – Então eu não trabalho...

*Entrevistador* – Certo: certo

*Participante* – Então eu não sei: eu nunca... nunca discuti isso não...

*Entrevistador* – Uhum:: não: beleza... tá bom: professor... eu acho que: assim: do que eu tinha anotado aqui para conversar: eu acho que já... já: vencemos... todos os itens aqui (...)

## Entrevista “piloto”

**Professora:** Augusta

**Tempo de experiência docente:** \_\_ anos

(...)

*Entrevistador* – Pra educação: em si... para o profes-sor em geral... o que você via lá: no comecinho... o que você vê hoje... pra figura DO professor: aquilo que e-ra: na época... o professor era referência: o professor era...

*Participante* – Era...: você falou bem...

*Entrevistador* – Hoje: mudou alguma coisa: assim...?

*Participante* – Mudou... eu acho que mudou BASTante... é... é o que eu... percebo assim: eu enquanto do-cente... atuando dentro da Universidade Tecnológica Federal... eu percebo que a gente: eu e os meus colegas: somos MUITO VALo-rizados pela comunidade Interna...

*Entrevistador* – Interna...?

*Participante* – Interna... então nossos estu-dantes: os co-legas: a ges-tão... ela: VALoriza... mas eu vejo que a gente não é: NAda bem quisto pela (...)... pela comunidade Externa...

*Entrevistador* – Comunidade externa...

*Participante* – Eu não sei se em função: desse... dessa polariza-ção política: que a gente está vivendo agora...

*Entrevistador* – Também... também... ((concordando))

*Participante* – E... eu percebo isso: sobretudo porque eu tenho uma fa-mília que ela é muito da exTREma direita...

*Entrevistador* – Uhm:::

*Participante* –...E EU mesma já fui chamada de... éh...

*Entrevistador* – Comunista...?

*Participante* – Comu-nista:::...

*Entrevistador* – Coisas assim...

*Participante* – A::: aquilo que os nossos... minis-tros da educação colocaram que... éh... den-tro da universidade tinha... éh::: atividades né: de cultivo de ma-conha:... então eu já fui muito criticada e: jul-gada pela minha família né: em função disso... então: por isso que eu tenho essa visão: ex-terna: negativa... mas acredito que não seja... éh: no ge-ral... mas eu: GRAças a Deus percebo que INternamente... a gente: é MUIto bem valorizado... e AINda: assim nossos estudantes... embora das dificuldades que tem a profissão docente... eles ainda ensinam: e se espe-lham: em nós para ser docentes... eu tenho relatos... éh: de estudantes meus: to-do semestre... “professora: eu tô me espelhando em você... você: não sabe como você... éh... nos motiva pra...”

*Entrevistador* – Inspira... ah que legal...

*Participante* – Isso: “...continuar na docência...” Aí eu digo “bom... então: tô... faZENdo meu pap-el...”

*Entrevistador* – Que bom...

*Participante* –...Então aqui tá... tá cem por cento... mas eu ainda tenho MUIto orgulho... E: me considero uma pessoa... Absoluta-mente: rea-lizada: em termos de... da profissão que eu escolhi...

*Entrevistador* – Uhum... Éh: então: assim... a gente ouviu bastante falar assim: da: da questão da valo-riza-ção... que... caiu muito né... a valorização do professor... tem essa questão aGOrá aí: dessa pola-riza-ção... que: exacerBOU né: vamos dizer assim... mas: a gente já ou-ve falar há mais tempo né: que o professor: não é reconhecido... que o professor não é valori-zado...

*Participante* – Isso

*Entrevistador* – Isso é meio que cons-tante né: a gente ouviu falar isso né...

*Participante* – É... a própria... a própria estrutura... se a gente pensar na educação básica... a estrutura: da escola pública: ela NÃO é boa: não é... o espaço de... uma convivência tão... depende também... tem: instituições que a gente sabe dos nossos relatos dos estudantes que fazem estágio... e PIBID e residência que: são MUITO boas: mas em contrapartida outras são muito esquisitas né?

*Entrevistador* – Uhum:

*Participante* – Então: ISSO tudo: a desvalorização do professor: da profissão... a própria condição de trabalho né: se você: é um professor de ((OPPA) né: no meu caso: eu... vou para uma escola: ministrar aulas: eu não tenho um laboratório ((OPPA)) funcionando... MINIMAMENTE equipado... isso JÁ É uma desmotivação...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – Se EU não tenho um labora... um laboratório de informática com: computadores: e acesso à internet: isso também acaba sendo uma depreciação: e: desvalorização...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – E: daí a gente chega depois lá... no EXCESSO de trabalho né... é: a... o momento que os Nossos direitos são ceifados né... e sobretudo: a questão salarial né... que: a gente fala em TODA essa... essa base... que desmotiva: mas o que: motiva também... é o QUE a gente recebe no final do mês... porque aí... é o valor: de fato...

*Entrevistador* – Sim... é... você: você tem: assim... bastante... dificuldade... na própria ((OPPA))... em relação a: às vezes: falta de recurso... mas você que está formando professores... e você... eu imagino que você deve pensar né... claro: “como é que vai ser a vida desse professor lá fora... que recursos que ele vai encontrar lá: que vai... valorização que ele vai ter: que condição: de trabalho que ele vai ter?” com certeza: isso deve passar também pela...

*Participante* – Sim: exatamente... é o que eu sempre discuto com meus estudantes: né... “a gente percebe: professora... que é assim... é ruim...” quer dizer... tá: tudo bem a gente tá aqui olhando pro nosso prisma pra nossa... nosso campo de atuação: mas vocês não pensam que na indústria também seja... muito diferente... que você vai chegar na indústria: você vai ter.. TODO o ambiente favorável: vai ter autonomia...

*Entrevistador* – Vai ser mais um número: né?

*Participante* – Exatamente... então aqui a gente tá levantando os nossos problemas né... as nossas dificuldades enquanto profissão docente... mas lá na indústria NÃO é diferente... a gente sabe que a gente tá numa... num movimento MUNDIAL: não é nem só brasileiro: de perdas de direitos... de... aumento gradativo de trabalho né...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – Então isso em: TODOS os setores... mas é CLARO que as nossas dores a gente toma... sobretudo porque a gente: É um instrumento de formação social...

*Entrevistador* – Isso

*Participante* – E tem um poder de TRANSFORMAÇÃO... né: de transformação...

*Entrevistador* – Isso... legal...

*Participante* – Então: eu acho que... SÓ POR ISSO: a gente deveria ter: as mínimas condições... e ó eu tô falando das mínimas... não é nem das máximas aqui... estruturais: físicas... é:: CARGA horária... adequada né... e o salário também... é... ser adequado PARA o que a gente desenvolve: que não é só aquelas horas atividades que a gente tem... é MUITO mais...

*Entrevistador* – Com certeza... uhum:: tá... e: assim... como você considerava: o seu... você já: meio que tocou: tangenciou... mas eu quero: fazer uma pergunta específica: como você considerava... o SEU nível de satisfação: com o seu ambiente de trabalho... com tudo assim: considerando... você já falou né: o ambiente interno ali... né: tem uma valorização então deve ter um relacionamento:

le-gal: mas o ambiente em si: no geral: tu-do... como você considera a tua satisfação com o teu ambiente de trabalho?

*Participante* – Eu diria que ela não é completa... porque: a gente:: depende... e NEcessita de mais profes-sores... pra atuar na área que a gente: atua né... que é: no caso: ensino e educação dentro do curso de licenciatura...

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Então o que acontece: a gente tem MUItas disciplinas: pra serem minis-tradas: na área de ensino e educação... e a gente só tem DOIS profes-sores no curso: formados nessa... nessa for-mação espe-cífica...

*Entrevistador* – Uhum::

*Participante* – Então a nossa carga ho-rária acaba sendo... Ele-vada... porque: além de minis-trar as disciplinas... geralmente os professores da área de en-sino e edu-ca-ção: são os que tão envolvidos com NDE... envolvidos com os COlegiados: envolvidos com a orientaÇÃO de TCC: envolvidos com as CÂmaras técnicas né... de licenciatura... no caso específico aqui... então a gente tem a... ah com os pro-gramas de mes-trado e doutorado né... é:: revista: sendo editores... então aqui eu tô só falando que eu sou: né...

*Entrevistador* – É muita coisa:

*Participante* – É mui-ta coi-sa... e a-gora... éh: ((OPPA))... então aí sobrecarregou ain-da MAIS... porque a-além de... de TUDO is-so que eu te falei: tem uma ca... uma:: car-ga ho-rária de ges-tão... então: as mi-nhas disci-plinas... a minha carga horária de: minis-trar disciplinas: ela redu-ziu... mas: ainda assim:: tem MUIta demanda de trabalho...

*Entrevistador* – Sei

*Participante* – Então: a MInha satisfação... ela só... eu acho que tá: TUDO BOM... mas eu acho que o exCESSO DE tra-balho:... é o que NÃO me deixa... éh: estar: 100% satisfeita...

*Entrevistador* – Aham

*Participante* – No demais: eu acho que a gente consegue contor-nar:... a infraestru-tura... mas essa questão de exCESSO de traBALHO... tanto que eu tô assim... eu já tô ESGOTADA... e na semana passada eu tava falando pros meus colegas... que o nível de esgotamento é tanto... e até eles concordaram... que não BASTa mais o sá-bado e do-mingo para a gente descansar... porque ainda assim tem que ler e tarará...

*Entrevistador* – É...

*Participante* – Mas mes-mo que a gente SÓ des-canse... já não basta mais: a gente pre-cisa de FÉrias... porque: NÃO aguenta MAIS... tá ABsoluta-mente esgo-tado...

*Entrevistador* – Sim... a questão de: recursos ali: no teu caso (...) usam bastante... fazem bastante atividade em laboratório...?

*Participante* – Sim: tem... tem bas-tante atividade de labora-tório...

*Entrevistador* – Não falta recurso de... nos laboratórios?

*Participante* – Éh: aca-ba fal-tando: assim: mas...

*Entrevistador* – Às vezes...?

*Participante* – E... eu uso muito (...) eu trabalho mui-to pou-co essa parte experimental... e quando... porque eu é muito mais: forma-ção de professores... então: eu utilizo: meto-dolo-gias... que daí eu vou utilizar:: umas três ou quatro idas: no se-mestre NO laboratório...

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Então eu não saberia te dizer se as disciplinas: de caráter total-mente prático: elas demandam de: é... reagentes e: infraestru-tura... mas para a... as disciplinas que eu ministro: eu tenho a infraestrutura: laboratorial... e: eu também tenho: reagentes: sim... então isso: pra mim tá... tá perfeito...

*Entrevistador* – Ah tá... ok... bom: então: assim... éh::... re-sumindo: como que você avalia: a carga emocional no seu trabalho? você já falou assim: do esgo-tamen-to né... isso é uma coisa que: aFEta:: COM cerTEza afeta muito né: o...

*Participante* – Uhum

*Entrevistador* –...O mo-ral vamos dizer assim né... éh:: mas como você: avalia: a car-ga emocio-nal no teu trabalho?

*Participante* – Éh... eu acho que é... como vo-cê fa-lou né... ela: acaba sendo um pouco afetada: em função da de-manda de trabalho né... e nes-se cargo de ges-tão que eu tô atualmente: eu tenho mui-tas... mui-tas reuniões... e também eu tenho que lidar muito com os colegas professores ((OPPA)) então tem uma pres-são signi-fica-tiva né ((OPPA))... éh:: e... então éh... é um pouco::... estres-sante:... mas eu diria que... ain-da que esse ano: foi um ano: pandêmico... que nós enquanto gestão: conseguimos fa-zer: com que a universidade: retomas-se as aulas né: o ensino re-moto:... fizés-emos uma... umas capa-cita-ções: ainda que: MUIto introdutórias e: BÁsicas... e tivéssemos: TRÊS se-mestres: NO ano... e... trab... e feito um traba-lho assim: to-da uma questão de le-gisla-ção pra adequar: em função né: dessa no-va modali-dade... e do que esTÁ por vir: porque no ano que vem a gente vai ter que atualizar TODos os projetos: pedagógicos: de cursos (...) eu julgo que eu tô ainda... a minha carga emocional tá... é... f... foi tran-quila assim: eu consegui...

*Entrevistador* – Certo

(...)

*Participante* – Atender assim...

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Mas assim: se tivesse mais DOIS meses nesse ano eu acho que eu ia... quase surtar...

((risos))

*Entrevistador* – Tá... e... assim... ahn... dos co-legas... néh: você per-cebe assim muita... principal-mente a-queles que já estão há MAIS tem-po:: né... você per-cebe assim... é: pressão... emo-cional::?

*Participante* – Sim...

*Entrevistador* – É?

*Participante* – Sim... percebo MUIta: pressão emocional... então talvez esse fato de eu não ter... de eu ter aguentado: toda essa pressão... to-do esse conheci-mento: que eu tive... né: porque eu não conhecia nem muito bem ((OPPA)) isso também favoreceu: ainda que eu não tivesse experiência de ges-tão: experiência... enfim: porque eu tava: come-çando... mas eu percebo que quem tá há MAIS tempo que eu já não tem mais tan-ta disposi-ção: não tem mais tanto engajamento...

*Entrevistador* – Aham

*Participante* – Tipo... a expressão: que eu vou usar aqui talvez seja um pouco forte: mas... sabe quando liga o “f\*-se”...?

*Entrevistador* – Aham... sei... entendi...

*Participante* – Ou “só vai”... Então:: eu percebo... não sei se isso é em função da estabili-da-de: não sei se é em função do esgotamento: eu acho que são: VÁrios fatores...

*Entrevistador* – Tu-do somando né...?

*Participante* – A própria política: agora...

*Entrevistador* – ...Tudo somando e se potencializando...

*Participante* – Is-so... é: é uma política de desvaloriza-ção: de...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – Né... então acho que tudo isso acaba:... nos levando pra tal... então eu acredito que: quanto MAIS tempo que: a gente tende a ficar na instituição... a gente tende... e ISSO é do ser humano: se acomodar: ca-ir na zona de conforto e: fazer... talvez: não só... não cada vez menos: mas só o que é necessário... não a-lém do que é necessário... Isso é o ser humano...

*Entrevistador* – Certo... e: assim... então... aí... éh:: a pergunta se-ria mais pra vo-cê: mas eu vou abrir... também para os outros né... especialmente aqueles que têm MAIS tempo... a pergunta é assim: explique se e como: isso afeta a vida: PESsoal do professor...

*Participante* – Esse esgotamento...?

*Entrevistador* – Sim toda essa pressão:: psico-lógica: socioemocional...

*Participante* – Sim... afeta MUIto... NOSsa afeta MUIto... porque:: por exemplo tuas relações interpessoais pessoais... a vida: PESsoal ela acaba sendo re-flexo... porque você não... chega o final de semana... você: a-lém de ter trabalhado e se esgotado na semana: você tem que ler... você tem que orientar... eu utilizo mais o final de semana mas: ah: esse último semestre... tá mais regrado... eu NÃO trabalhei TANTO no final de semana...

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Mas o segundo seme... o pri-meiro semestre desse ano (...) éh: eu trabalhei quase todo final de semana... domingo assim das: 10 da manhã às 6 da tarde... então eu deixava de: encontrar meus a-migos... fui menos pra minha família: porque minha família é do ((OPPA)) tive menos momentos de la-zer... porque eu: tava can-sada então: eu queria des-cansar: no sá-bado: não queria fa-zer Nada... e eu só tinha sábado e domingo... OU EU trabalhava ou saía... como eu tinha que trabalhar eu acabava: trabalhando...

*Entrevistador* – Uhum

*Participante* – Então afeta: MUIto... ((OPPA)) então teve diversos momentos que eu: éh:: deixei de me relacionar... e ah... relacionamentos meus acabaram: em fun-ção do meu tra-balho... ((olhar de desapontamento))

*Entrevistador* – Eita ((exclamação))... é complicado...

*Participante* – Então afeta abso-luta-mente...

*Entrevistador* – É complicado né? é: e ainda teve o agravante aí do... do Covid né... você já fica: você já fica: presa no: no tra-balho: aí depois ainda tinha mais né: o...

*Participante* – Exatamente

*Entrevistador* – A: prisão da: do isolamento né?

*Participante* – Exatamente

*Entrevistador* – É um agra-vante...

*Participante* – Então uma coisa: que favoreceu MUIto no meu trabalho é que ((OPPA)) a e-quipe de trabalho lá: ela é sen-sa-cional...((exclamação))

*Entrevistador* – Ah que bom...

*Participante* – Então: em-bora estivesse a pressão interna: que vem... do gru-po ((OPPA)) a equi-pe lá é mui-to boa: en-tão acho que isso também favoreceu MUIto... ahn... respondendo talvez um pouco da pergunta anterior... a ter esse equilíbrio: emo-cio-nal:: a saber resolver os conflitos: e... talvez não levar tan-to: pra o lado pessoal: sabe... e ma-chu-car... porque a gente se machuca né: às vezes...

*Entrevistador* – É:: isso que você falou é MUIto importante: isso aí: isso aí depois eu vou: eu vou levar lá pro trabalho: a e-qui-pe... é: como uma fa-mília né...

*Participante* – Exatamente... são os bons amigos...

*Entrevistador* – ...Às vezes: às vezes mais do que a família... éh... de sangue né: porque você se relaciona MUIto mais com a equipe de trabalho: né...

*Participante* – Exatamente... exat...

*Entrevistador* – Ali é o teu... muitas vezes é o teu... teu suporte né?



*Participante* – É o por-to se-guro...

*Entrevistador* – O porto seguro né... muito bom...

*Participante* – ...Então eu consegui: desenvolver uma relação MUIto boa dentro da ((OPPA))...

*Entrevistador* – Aham: que bom...

*Participante* – Daí a gente tem uma equipe MUIto consoli-dada: tipo: mui-ta gente que entrou: que saiu: que não... mas o... os que es-tão: os que ficaram: a gente tem uma relação:: PERfeita ((exclamação))... perfeita... muito bom...

*Entrevistador* – Muito bom... maravilha... nossa... ((exclamação))... e::: você já presenciou alguma situação de cri-se: de ansie-dade: depres-são ou pân-ico ou alguma: coisa semelhante... com outros... entre outros... professores?

*Participante* – Sim: teve... por... ah: vou citar ((coçando a cabeça de forma não usual)) alguns... fatos que aconteceram na ((OPPA)) mesmo: éh: teve um colega que (...) teve MUITos problemas... tanto que ele não... ele... e::: foi TÃO trau-mático... né... éh::: como é que é o nome daquela doença que ele desenvolveu... éh: burn.. burno...

*Entrevistador* – Burn... burnout... alguma coisa assim...?

*Participante* – “Bur note”: alguma coisa assim... né? eu não sei falar muito bem... ele estava na instituição: na ((OPPA))... veio pra: pra ((OPPA))... e ele::: simplesmente: a crise foi TÃO FORTE... no trabalho dele que ele: se mu-dou a-té da instituição... que estamos... ele foi pro ((OPPA)).

*Entrevistador* – Barba-ridade... mudou tudo... ((exclamação))

*Participante* – Mudou tudo... a gente teve um outro caso agora... de um: diretor que pediu pra sair da função... ele: não alegou problemas: psicológicos: stress: mas a gente sabe que... sabe... que é... tá relacionado com isso... né...

*Entrevistador* – Aham

*Participante* – Teve um outro colega que veio de um outro campus também pra assumir uma função... e ele ficou três meses... em ((OPPA)) e: voltou pra... pro campus de origem porque também... diz que: tava SURtando: literalmente... a palavra que ele usou é surtando mesmo...

*Entrevistador* – Mas é... o pior é que é... e::: você conhece professores que fazem: uso de: ansio-lítico ou antidepres-sivo: ou remédio pra dor-mir...?

*Participante* – Sim: sim tem um colega meu que::: a gente estava conversando sexta-feira passada... e ele mesmo falou que: utilizava::: anal-gé-sico pra dormir ((riso))...

*Entrevistador* – A-nal-gé-sico... ((excamação))

*Participante* – Aí eu disse... nossa... eu disse: eu vou tomar uma taça de vinho né... daí ele falou “não: vinho me dá...” ah ele falou que dá alguma coisa (...) aí ele tomava: analgésico... esse próprio colega que eu falei: que veio para cá e ficou três meses e tá... em tratamento psiquiátrico E psicológico: então ele tá tomando bastante remédio: não sei qual... mas ele está tomando...

*Entrevistador* – Sim...

*Participante* – É: então o que eu tenho conhecimento seriam mais esses assim...

*Entrevistador* – Uhum::: tá... e toda essa situação: né: de... de problema de crise... problema de... a pessoa... ter que tá tomando... né: remédio pra isso... é: TUdo is-so aí... tá ligado então com essa... com essa pres-são...

*Participante* – Isso...

*Entrevistador* – Com essa pressão... do meio?

*Participante* – É: porque quem é professor da ((OPPA))... né: nesse ano... e acho que em todas as instituições né... éh: desde a pandemia: se instaurou um clima de mui-ta insegu-rança: de muito: “eu sempre fiz daquele jeito... eu dei aula daquele jeito: e agora...”

*Entrevistador* – Agora mudou tudo...

*Participante* –...Ensino remoto: e aí como é que dá... então acho que tudo isso também desestabiliza... três se-mes-tres num ano...

*Entrevistador* – Com certeza...

*Participante* –...Toda uma... um movimento: institucional pra atualização dos projetos políticos pedagógicos...

*Entrevistador* – Sim... sim

*Participante* – Então foi muito... um ano mui-to atí-pico: de mui-to trabalho: mui-to esgotamento emocional que veio do outro ano...

*Entrevistador* – Sim... é...

*Participante* – Então foi um ano assim ca-ó-tico...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – Tomara que chegue dia 31 de dezembro logo: já... pra gente: não apagar... mas riscar... deixar pra trás 2021...

*Entrevistador* – Sim

*Participante* – E... e começar 2022: com to-da: a esperan-ça::

*Entrevistador* – Isso

*Participante* – ...Com toda... éh... com tu-do o que a gente a-prende... mas acho que é um ano mais tran-quilo: pelo menos para nós do-centes da ((OPPA)): porque a gente vai ter SÓ dois semestres...

*Entrevistador* – Sim ((risos))

*Participante* – Ainda que tenha muita...

*Entrevistador* – Aham

*Participante* – ...Muito trabalho a fazer: mas são só dois semestres...

*Entrevistador* –...Dois semestres no ano... é verdade...

*Participante* – E assim... a gente vai voltar no ensino: presencial GRAças a Deus... e: TUDO vai se ajeitar aos pouquinhos...

*Entrevistador* – Vai: vai... se Deus quiser... essa questão da pandemia também vai ter que entrar no... no meu... no meu trabalho... tem que... éh: colocar isso aí também...

*Participante* – Mas não adianta... éh: afetou e aFEta diretamente né...

*Entrevistador* – Sim sim... ah... além de tudo né: que JÁ vi-nha acontecendo: teve MAIS essa...

*Participante* – Isso: exatamente...

*Entrevistador* – Esse baque aí né: que gerou muita insegu-rança: e uma sé-rie de coisas... ok... e assim: por fim: você já ou-viu falar: de “ges-tão da emo-ção:” ou alguma “ferra-menta de ges-tão da emo-ção:”... já ouviu falar disso? ou não...

*Participante* – Ah... s...sendo franca com você: não: não...

*Entrevistador* – Tá... tá... éh: então: assim... você: no caso... pra lidar com essas ques-tões: de: situa-ções enfim de ten-são emocional: você lida: empirica-mente: vamos dizer assim né...?

*Participante* – Sim: empiricamente

*Entrevistador* – Como é que você:: lida: com essas questões de ten-são emocional: de pressão... psicológica: enfim...?

*Participante* – Então... éh::... a minha tensão é mui-to mais na questão da ges-tão do que propriamente do: ser docente: estar em sala de aula: dar aula... em relação a dar aula... a orientar: eu não tenho problema ne-nhum... eu cons... tenho uma: uma facilidade muito... éh (...) consigo resolver muito bem... mas em termos de: éh... stress: ansie-dade: ou... pro-blemas... eu tenho mais na parte de ges-tão... aí: como eu te falei: eu costumo muito dia-logar: na minha equipe... eu tenho... uma fluidez muito... muito: recí-proca e muito: acolhedora ((OPPA)) e: ahn:: eu dialogo muito com as minhas a-migas: com a minha fa-mília... teve algumas situações: no decorrer do ano... que tinha mui-ta pres-são e muita energia: ruim vindo: de um determinado grupo... o que

que eu fiz: eu falei “eu vou sair desse grupo de WhatsApp...” porque só vinha: bom-bar-deio: e coisa mui-to ruim e co-brança...

*Entrevistador* – Negativ... aham::

*Participante* – Eu disse: então sabe o que fazer? eu só vou trabalhar com esse grupo: mediante reu-niões e: ahn... conversas particulares: mas vou sa-ir daquele grupo... porque parecia que aque-le grupo queria: afetar ((OPPA)) então eu saí do grupo... pronto... resolvi a principal... éh: movimento de: ten-são que me deixou algu-mas noites sem...

*Entrevistador* – Tirou fonte de tensão... que maravilha:

*Participante* – Exatamente

*Entrevistador* – Então essa coisa que você falou do diá-logo também é muiTÍssimo importante... já tô... já tô anotando aqui ((risos))... isso aqui TEM que entrar também no... no meu tra-balho: porque o nosso curso é na área de... de letras né... principalmente porque: assim... é uma linha que é (...) a língua: como prática social... a língua: né... e tem essa coisa também da relação: do subjetivo com o objetivo: do de dentro com o de fora...

*Participante* – Ótimo ((exclamação))

*Entrevistador* – E: tu-do isso pas-sa pela linguagem... e isso aí que você falou... olha: que maravilha né... porque muita coisa você resolve com DIÁlogo...

*Participante* – Exato ((exclamação))

*Entrevistador* – ...Ou seja: com a FAla: com a LÍngua... com a linGUAgem...

*Participante* – E isso é: é fun-damen-tal:: por exemplo... é: como ((OPPA)) ...teve pessoas que entraram agora em setembro: outubro... e estão com uma: uma demanda MUIto alta de trabalho: NÃO reduziram a sua carga horária de: ministrar aulas... eu já tava orientando “olha: vamos... tem que reduzir: porque senão: vai chegar o mo-mento... que você vai estar SEIS meses na gestão: você não vai mais ter: fôlego pra aguentar...” então eu tô meio que tra-balhando com as pessoas que es-tão lá den-tro: dizendo “olha...” as pessoas docentes né... porque a gente (também) tem técnico administrativo... “reduz a tua carga horária de sala de aula...” porque a gente: enquanto... gestão: a gente tem até: um percentual que pode reduzir: porque se a gente quiser abraçar o mundo e fazer tudo a gente vai surtar...

*Entrevistador* – É verdade...

*Participante* – E ontem mesmo essa professora que eu falei... ela falou assim “olha eu já recebi:: recebi um esporro: há um mês atrás da Augusta...” eu disse não: não é esporro... eu só te falei “óh...” aí ela disse “não: eu sei que você só falou... mas você fez bem porque: a gente quer abraçar o mundo e não dá conta”

*Entrevistador* – Uhum... muito bem profe olha: eu: eu gostaria de ser teu: teu aluno aí: viu?” ((risos))

*Participante* – Ah que bom... quem sabe em algum momento né...

*Entrevistador* – Quem sabe: quem sabe se eu for passar pra um douto-rado... quem sabe... a gente ainda... ainda se cruza: como dizem por aí né...

*Participante* – Sabe que eu sou muito querida pelos meus estudantes né... tenho:: eu agora no mestrado e no doutorado eu trabalho... sou do programa de pós-graduação em ((OPPA)) tem que parar pra pensar porque o nome é tão extenso: que às vezes eu troco as palavras... eu nem sei se eu não troquei... então eu ministrei uma disciplina... eu entrei em ((OPPA))... eu tive uma imagem TÃO cari-nhosa daquele programa... e eu não ministrei mais disciplinas porque depois veio a gestão... e daí eu não... não preciso mais ministrar... e o pessoal tá em... tem... digamos assim “ah você tem que ministrar... eu sou tua estudante: eu quero ser tua estudante” ...tanto que fizeram uma pesquisa agora: aí eu coloquei que eu pos-sivelmente vou ministrar uma disciplina no ano que vem... e é a disciplina que teve assim: estourado: mais aluno interessado em fazer...

*Entrevistador* – Aham

*Participante* – Então o pessoal tem um carinho que eu não sei nem explicar da onde vem né...

*Entrevistador* – Deixa eu interromper a gravação aqui: se não vai ficar longo demais...